

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL**

Juliana P. Lima Caruso

Rendas da Vida: Relações Matrimônias na Costa da Lagoa.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Dr^a Miriam F. Hartung.

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

C328r Caruso, Juliana Pereira Lima

Rendas da vida [dissertação]: relações matrimoniais na Costa da Lagoa / Juliana Pereira Lima Caruso ; orientadora, Miriam Furtado Hartung. - Florianópolis, SC, 2011. 127 p.: il., grafs., tabs., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Inclui referências 1. Antropologia social. 2. Parentesco. 3. Fuga. I. Hartung, Miriam Furtado. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título. CDU 391/397

Para o meu companheiro, Tiago.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram às pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. A participação delas foi tão importante que não me permito imaginar esta dissertação sem a contribuição de todos

Gostaria de começar a agradecer à minha família. Primeiramente ao meu tio, Eduardo. Agradeço a ele pelo apoio e pela ajuda que me deu durante todo o meu trabalho, igualmente agradeço os conselhos que sempre levarei comigo. À minha mãe, Patrícia que está sempre comigo nas horas mais difíceis e ao meu pai, Reinaldo que além do apoio sempre esteve pronto para me ajudar com o Corel Draw.

Ao meu companheiro de fuga Tiago, que esteve nos melhores e piores momentos ao meu lado e à Sônia, que tem o dom de transformar coisas complicadas em coisas simples.

Agradeço a minha orientadora e amiga, professora Miriam Hartung, não somente por esta dissertação, mas pelos quatro anos em que ela aceitou, conduziu e acreditou no estudo sobre a fuga. Nestes anos, agradeço pela paciência, ajuda e carinho, que não me deixaram desistir e ajudaram a superar muitas dificuldades deste percurso.

Agradeço ao professor Marcio Silva por toda a sua generosidade ao longo do trabalho com a Maqpar. Trabalho este que compreendeu desde a minha aprendizagem com a máquina até as sucessivas questões que surgiam, que despenderam muito suor e paciência do Marcio. Obrigada.

Aos professores Márnio Teixeira-Pinto, José Antônio Kelly Luciani e Vânia Zikán Cardoso pelo diálogo com esta pesquisa.

Aos colegas e amigos de uma turma inseparável, que dentro e fora da academia estiverem sempre presentes: Kaio Hoffmann, Izomar

Lacerda, Tatiana Dassi, Sandra Carolina Portela, Marcela Bahamon , Carlos Angel e Anelise Froés. E igualmente, aos amigos importantes que se juntaram a esta turma: Paola Gibram, Laura Lacerda e Marcelo Spalonse.

Aos amigos de “toda hora”: Alê, Bia, Claus, Vivian, Fred, Gabriela e Suelen.

Agradeço especialmente aos meus amigos, moradoras e moradores da Costa, pelo acolhimento e ensinamento que recebi durante os maravilhosos dias em que estive lá. Agradeço muito por toda a ajuda ao longo deste trabalho.

Agradeço a CAPES e CNPq pela concessão da bolsa de mestrado a partir de março de 2009, imprescindível para a realização deste trabalho e aos professores e funcionários do PPGAS.

“Oculta consciência de não ser,
Ou de ser num estar que me transcende,
Numa rede de presenças e ausências,
Numa fuga para o ponto de partida:
Um perto que é tão longe, um longe aqui.
Uma ânsia de estar e de temer
A semente que de ser se surpreende,
As pedras que repetem as cadências
Da onda sempre nova e repetida
Que neste espaço curvo vem de ti.”
(José Saramago, 1981)

“Todo o aparelho imponente das prescrições
e proibições poderia ser, no limite,
reconstruído *a priori* em função de uma
pergunta, e de uma só: qual é, na sociedade
em questão, a relação entre regra de
residência e a regra de filiação?”

(Claude Lévi-Strauss, 2009:538)

RESUMO:

Esta etnografia visa analisar as relações matrimoniais na Costa da Lagoa, bairro situado na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina. Dentre as formas de união, a fuga matrimonial destaca-se como preferencial pelos moradores, sendo a forma de casar nesta localidade. Ainda, através do levantamento genealógico e programas computacionais que possibilitam visualizar as redes de parentesco, foi possível observar uma preferência pela união entre pessoas do mesmo lugar e principalmente, cônjuges ligados por algum laço de parentesco. Nesta delicada rede em que diversos elementos contribuem para tecê-la, pode-se encontrar a (des) construção do parentesco bem como a fuga matrimonial.

Palavras- Chave: Parentesco, Fuga e Antropologia.

ABSTRACT

This ethnography aims to analyze the marriage relationships in Costa da Lagoa, a neighborhood in the city of Florianópolis, Santa Catarina state, Brazil. Among all types of weddings, the escape one is the most used by the people here focused. Furthermore, by means of genealogical study and computational programs, which make possible the visualization of kinship nets, it was observed the preference for the union among people living in the same place and, mainly, couples linked by kinship. In this delicate net, in which several elements contribute to the weaving, the (de) construction of kinship can be found, as well as the wedding escape.

Keywords: Kinship, Escape , Anthropology.

LISTA DE FIGURAS:

1-Localização da cidade de Florianópolis.....	7
2-Imagem da Costa da Lagoa: Vilas e terminais lacustres.....	11
3-Foto-Praia Seca.....	14
4-Foto Estaleiro de barco.....	15
5-Foto Baixada.....	17
6-Foto Vila.....	18
7-Foto Cachoeira.....	20
8- Foto “Praia de Fora”.....	22
9-Foto da Trilha que leva até a Vila Praia do Sul.....	23
10- Foto Praia do Sul.....	24
11- Foto Prainha (Saquinho).....	25
12- Esquema família/residência.....	41
13- Diagrama: As várias unidades familiares.....	42
14-Diagrama: Trabalho nos restaurantes.....	49
15-Proibição do casamento com a prima paralela patri.....	87
16-Casamento interdito com a prima paralela (patri/matri).....	88
17- Casamento com a prima paralela (matr/matri).....	89
18-Tabela: Anéis, cadeias e ciclos.....	97
19 Anel (Maqpar).....	98
20-Ciclo A1C1.....	99
21- Ciclo A2C2.....	100
22- Ciclo A2C1.....	100
23- Ciclo A3C3.....	101
24- Rede total da Costa da Lagoa (Pajek) por geração.....	102
25- Rede total da Costa da Lagoa (Pajek)(Puck) sem geração..	103
26- Tabela: Percursos, vértices, implexos.....	104
24-Tabela: Anéis da Costa da Lagoa.....	104
25- Gráfico1: Distribuição dos anéis.....	105
26-Gráfico: Conexão Anéis A2C2 (pajek).....	109
27- Gráfico: Conexão Anéis A3C3(pajek).....	113
28-Tabela de trocas.....	115-117

29- Diagrama de trocas.....	118
-----------------------------	-----

SUMÁRIO

Introdução	1
Sobre Metodologia	5
Capítulo 1.	
A Costa da Lagoa:Um pouco do lugar, do passado e do presente	7
1.1 AsVilas da Costa	10
1.1.1 A Vila Verde	11
1.1.2 Vila da Praia Seca	13
1.1.3 A Baixada	16
1.1.4 A Vila	17
1.1.5 “Praia de Fora”	21
1.1.6 A Praia do Sul	23
1.2 Agricultores e Pescadores: Uma história da formação da Costa da Lagoa	26
1.3 De Florianópolis para “Floripa”: Os arranjos do novo	33
1.4 A Costa em dois tempos: O inverno e a temporada	33
Capítulo2: Os Fios da Renda:Da família ao namoro ma Costa da Lagoa	38
2.1 As Famílias e as Vilas	38
2.2 Residência e Herança	43
2.2.1 O que se herda	44
2.3 Os Tempos da Família	45
2.3.1 Trabalhos femininos	50
2.4 Empréstimo de filhos e os Viúvos: Outros auxílios entre parentes	52
2.5 Do namoro no sofá ao dormir em casa: Os sentidos do namoro	55
2.5.1 O namoro de antes	55
2.5.2 O namoro de hoje	58
2.5.3 Baile, futebol e festas em casa:encontros	62
Capítulo 3-	
A Fuga: O casamento dos antigos	65
3Fugir, ser roubada, “casar de trouxinha”, “junto”: Dos nomes da fuga até sua forma	65
3.1 Do fazer a “trouxinha” até voltar em casa: As etapas da fuga na Costa da Lagoa	68
3.1.1As Conversas	68
3.1.2 Os Preparativos	69
3.1.3 A Hora da fuga	70
3.1.4 O compromisso da fuga: a primeira noite	71

3.2 “Nem toda fuga pode”: A desaprovação da fuga_____	73
3.3 As Interpretações da Fuga_____	78
3.3.1 A fuga pela escassez econômica_____	78
3.3.2 Os estudos historiográficos: da escassez econômica ao controle da Igreja_____	80
3.3.3 A fuga pela honra_____	83
3.3.4 Contornando interditos e (Des) construindo parentes_____	84
3.4 Outra parte da fuga? Casar depois de fugir_____	91
Capítulo 4-	
Rendas de Bilro e Rendas da Vida: redes de parentesco_____	95
4.1 Sobre a Máquina do Parentesco (MaqPar)_____	96
4.2 A rede da Costa da Lagoa na MaqPar_____	101
4.2.1 Os anéis A1C1_____	106
4.2.3 Os anéis A2C2_____	108
4.2.3.Os anéis A3C3_____	112
4.3 Trocas e fuga_____	115
Considerações finais_____	120
Referências Bibliográficas_____	123

Introdução

“O meu tio tinha uma casa, em uma cidade distante. Eu tinha um namorado. Após conversas e combinações, decidimos morar lá. Sem casar e avisar as pessoas, juntos, nós dois fomos viver naquela casa”.

O trecho acima poderia pertencer a algum morador da Costa da Lagoa, principalmente se ele estivesse falando da fuga matrimonial, objeto desta dissertação. No entanto, esta fala me pertence. Coincidência ou não, após realizar o trabalho de campo, a na parte final da escrita, acabei “juntando” de forma bastante parecida da dos meus interlocutores. Seria uma forma parecida já que, como será visto ao longo desta dissertação, a fuga matrimonial envolve outras etapas e diferentes motivações que não foram as minhas, mas de várias maneiras, a minha fuga terminou por ficar bem próxima da praticada pelos moradores da Costa da Lagoa, um pequeno bairro de Florianópolis, SC.

O meu interesse pelo estudo da fuga matrimonial começou em 2007, como bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Estudos sobre Antropologia fundamental (A-Funda). Através das leituras sobre parentesco, comecei a olhar de forma diferente para a vida no bairro de Florianópolis no qual cresci e morei durante toda a minha vida: o bairro do Rio Vermelho. Nesta época, me dei conta que o modo como minhas amigas e amigos de infância se casaram era pouco discutida e estudada. Foi desta constatação que nasceu o meu interesse pelo que se chama em Florianópolis de “fuga”, e que acabou se transformando no meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, da UFSC.

Através daquele trabalho foi possível perceber uma característica da fuga matrimonial que até então não havia sido levantada pela bibliografia consultada, a saber, que a fuga seria uma forma de possibilitar uniões entre pessoas vistas como parentes muito próximos, como, por exemplo, os primos. A partir deste questionamento resolvi continuar a pesquisa sobre a fuga matrimonial na cidade de Florianópolis, contudo, não tinha certeza sobre em qual bairro eu deveria realizar o meu trabalho de campo. Para a escolha de um lugar, resolvi “mergulhar” nos meus dados de campo da pesquisa no Rio Vermelho e acabei encontrando nas falas dos meus interlocutores afirmações como: “*se aqui tem fuga de primo, tu não imaginas como é na Costa*”. Ou frases como, “*se queres ver fuga, vai pra Costa*”.

Inicialmente, duvidei um pouco, já que como uma “riovermelhense” sabia que a “bruxa” sempre está no bairro vizinho. No entanto, resolvi investigar se na Costa seria possível uma pesquisa sobre a fuga matrimonial. Para tanto, aproveitei uma disciplina do mestrado, na qual o objetivo era refletir sobre métodos quantitativos e qualitativos em conjunto e, como exercício para a disciplina, deveriam ser aplicados questionários.

Foi desta forma que no mês de março de 2009 desembarquei na Costa da Lagoa com cerca de trinta questionários. E, qual não foi a minha surpresa, ao perceber que todas as pessoas que responderam ao questionário contavam sobre ter fugido para casar. Nas semanas seguintes voltei com mais questionários e, ao final desta pesquisa, eu estava certa de que a Costa da Lagoa seria um ótimo lugar para realizar minha pesquisa sobre fuga matrimonial.

Através dos contatos que estabeleci com alguns moradores da Costa ao longo dos meses de março, abril e maio de 2009, acabei sabendo que alguns costumavam alugar casas. Para escolher a casa em que eu iria morar, perguntei às pessoas onde elas recomendavam. Assim, no início do mês de agosto de 2009 fui morar em uma kitinete no andar de baixo da casa de uma família da Costa da Lagoa, cercada pelas casas de seus parentes, na Vila da Praia Seca. No início, era muito comum as pessoas estranharem eu morar na Costa já que a minha casa – da minha família - era no bairro vizinho, o Rio Vermelho, e bastante conhecido dos moradores da Costa. Neste período, fiquei preocupada, já que alguns dos moradores considerados como “de fora” me alertaram para o fato de que dificilmente eu teria uma boa inserção com “os da Costa”, já que eles, morando há muitos anos no local ainda não eram tão “aceitos” pela comunidade.

Contudo, parece que foi o fato de eu ter vindo do Rio Vermelho que acabou, por vários motivos, ajudando na minha entrada e permanência em campo. Após uma semana no local, a dona da minha casa descobriu que, no Rio Vermelho, minha família era vizinha de “porta” da irmã dela. Além disso, quando conversava com os moradores mais velhos da Costa, eles ao saberem que eu era do Rio Vermelho, passavam a perguntar se eu conhecia algum parente deles lá residente e passavam horas contando sobre quando eram jovens e frequentavam os bailes do Rio Vermelho.

Por outro lado, com algumas senhoras mais velhas da Costa, acabei contornando desconfianças, justamente por eu ser do Rio Vermelho. Como dito anteriormente, “a bruxa está no bairro vizinho”. Assim, na segunda vez que eu tentava conversar com uma senhora -- que respondia às minhas perguntas de forma sempre muito desconfiada ou apenas se limitando a dizer “sim” e “não” -- quando eu já estava quase desistindo de tentar conversar com ela, algo ocorreu que revelou as possíveis razões da desconfiança. Durante a tentativa de entabular uma conversa, esta senhora levantou-se da cadeira, foi até a pia e encheu um copo de água. Tomou metade do água, sentou-se novamente na mesa e empurrou o copo na minha direção. Neste momento lembrei que no Rio Vermelho - e mais tarde eu descobriria que na Costa da Lagoa opera o mesmo princípio - se a pessoa é “feiticeira” e quer descobrir segredos de outros, deve beber a água do mesmo copo em que uma pessoa bebeu. Lembrando disso, empurrei o copo na direção dela, gesto que foi acompanhado de um sorriso e, prontamente, esta senhora me disse: “Você estava me perguntando...”. A conversa durou a tarde toda.

Passada a primeira semana em campo, com o objetivo de participar e entrar em contato com os moradores do local, comecei a participar das aulas de ginástica que aconteciam no Salão Paroquial. As aulas, que aconteciam duas vezes por semana, eram freqüentadas por mulheres de todas as idades que, ao saberem que eu estava fazendo uma pesquisa sobre fuga, passaram a me convidar para visitá-las em suas casas. Destas, duas moças em especial me indicavam pessoas com quem eu deveria conversar e me perguntavam todos os dias: “já foi na casa de fulano?” Além dos auxílios, estas moças me convidavam e me acompanharam em vários eventos da Costa, tais como bailes e festividades de todos os tipos. Alguns fatores ajudaram bastante na nossa proximidade. Primeiramente, entre as demais alunas de ginástica, estas duas moças tinham praticamente a mesma idade que a minha e ainda, uma delas estava cursando a graduação no mesmo departamento que eu estudava.

Com o passar dos meses, para muitas pessoas da Costa da Lagoa já estava certo que eu iria morar na Costa definitivamente. Desta forma, com a chegada da primavera e com o meu primeiro encontro com uma cobra jararaca, comecei a receber ensinamentos de como lidar com estas situações corriqueiras na vida de um morador do local. A primeira lição foi inesquecível: “não adianta gritar, porque cobra é surda”, me ensinaram. Depois, em função das minhas andanças pelas trilhas que

ligam as diversas vilas da Costa, fui aconselhada a levar sempre comigo um pedaço de madeira, pois “cobra morre com uma paulada”. E, finalmente, em caso de emergência, me ensinou uma senhora, “tira a bota do pé e bate nela”.

Além destes conselhos, recebi a ajuda de algumas pessoas na elaboração das genealogias. Em algumas situações, as pessoas se ofereciam para ajudar, na maioria dos casos, as genealogias eram de seus avôs ou de algum parente. Então me perguntavam, por exemplo, se o avô não tinha esquecido alguma pessoa e assim, fazíamos uma espécie de revisão, na qual eu anotava com uma caneta de cor diferente as inclusões. O interesse dos moradores¹ pelas genealogias apareceu em diversos momentos. Primeiramente, no mês de fevereiro de 2010, algumas pessoas da Costa entraram em contato, pedindo as genealogias de suas famílias. Este pedido devia-se à uma defesa perante o Ministério Público, que estava movendo uma ação de desapropriação das casas e dos restaurantes, em cumprimento de uma nova medida ambiental, que exige o recuo das construções na orla da Lagoa.

No entanto, os moradores da Costa estavam também naquele momento iniciando um processo pelo reconhecimento da Costa da Lagoa como Comunidade Tradicional. E desta forma, para os dois processos eles precisavam de suas genealogias, que foram entregues naquela mesma época.

Em um segundo momento, o interesse genealógico ficou por conta das análises realizadas com a MaqPar, que será descrita no quarto capítulo desta dissertação. No primeiro semestre de 2010, com a ajuda do professor Marcio Silva, iniciamos as análises com a “maquina do parentesco”. Foram muitos dias de dedicação, primeiramente para aprender a usar a “MaqPar” e, posteriormente, para corrigir alguns dos meus erros de digitação.

¹ Os moradores da Costa da Lagoa em diversos momentos manifestaram bastante interesse nas pesquisas sobre eles. Após um tempo morando na Costa, recebi de uma moradora a cópia de um livro que os próprios “costenses” fizeram “sobre eles e para eles”. Neste livro, os próprios moradores entrevistaram pessoas mais velhas da comunidade assim como transcreveram as entrevistas, os versos e as brincadeiras. Colheram depoimentos dos jovens sobre a vida na Costa e organizaram este material com o auxílio de uma professora da Escola da Costa da Lagoa.

Desta forma, depois de finalizados os gráficos gerados através da MaqPar e do Pajek , levei meu computador com todos os gráficos para a Costa da Lagoa. Entre as pessoas que viram os gráficos, a recepção da pesquisa foi bastante animadora. Para alguns, os resultados eram ótimos já que mostravam a ligação entre as famílias, um dos principais argumentos dos moradores para a questão de seu reconhecimento como Comunidade Tradicional. Para outros, principalmente as mulheres, os resultados mostravam o tamanho das famílias e foi visto como “um mapa” e algumas moças queriam incluir pessoas, ou como disseram “atualizar” a rede, pois estavam grávidas e já sabiam o sexo do filho.

O encerramento do trabalho de campo aconteceu “oficialmente” em Janeiro de 2010. Todavia, retornei à Costa da Lagoa em Fevereiro para acompanhar a procissão de Nossa Senhora dos Jussaras, e em março e abril. Além disso, durante todo o ano recebi visitas ocasionais na minha casa. Algumas pessoas, como as da família que me recebeu em sua casa, ao irem visitar seus parentes no Rio Vermelho, aproveitavam e passavam para me visitar também.

Aspectos metodológicos

A realização desta pesquisa se deu em três etapas, as quais contaram com procedimentos metodológicos diferenciados. Uma primeira refere-se ao período anterior à ida a campo e refere-se ao levantamento e revisão bibliográfica sobre a fuga e sobre a Costa da Lagoa. Esta etapa, contou com um modesto acréscimo à revisão bibliografia anterior de estudos que mencionavam a fuga. O levantamento bibliográfico referente à Costa da Lagoa teve que ser realizado em diversos momentos e lugares, assim como consultas diretas aos autores. Ainda, no início deste levantamento apareceram algumas dificuldades, principalmente com as fontes relacionados à formação histórica do local.

No que se refere ao trabalho de campo, segunda etapa da pesquisa, baseei-me no que há de mais clássico na antropologia. Residi como já informado, no local por aproximadamente 06 meses, observei

tudo o que era possível de ser observado no período em que estive em campo, buscando tomar parte nos mais variados eventos realizados na e pela comunidade. Participei da rotina diária de uma família, das festas promovidas pela comunidade, pela escola; também estive em festas de aniversário e de Natal. Não estive ausente dos afazeres e trabalhos cotidianos como “descarregar” a canoa de pesca e trabalhar na cozinha do restaurante familiar.

Durante este tempo realizei algumas entrevistas, com e sem o auxílio do gravador. A maior parte das entrevistas ocorreu informalmente, ou seja, mais na forma de uma conversa. Ainda fiz entrevistas que tiveram a participação de várias pessoas ao mesmo tempo. Estas, que aconteceram espontaneamente (pessoas se juntavam a mim e a um interlocutor inicial), foram bastante proveitosas, pois possibilitaram uma espécie de debate sobre determinados assuntos, assim como conversas mais desinibidas.

Nas entrevistas procurei sempre abordar dois assuntos: a fuga e a história de vida do interlocutor, e o levantamento genealógico, este sempre mais demorado. Para as genealogias me vali do já clássico método de Rivers (1991), quem embora datado do início do século XX, costuma ser de extrema utilidade e relevância, pois permite o levantamento de informações genealógicas que nos permitem apreender como são estabelecidas as uniões matrimoniais, quais as possíveis regularidades nas uniões entre parentes e entre estas uniões e também quais parentes casam-se e de que forma.

Todos os dados genealógicos levantados durante o período de trabalho de campo foram registrados em tabelas no programa Excel, criando o banco de dados usado para as análises com a MaqPar. Além do levantamento genealógico, mantive um diário de campo e uma caderneta para anotações rápidas.

Capítulo1-A Costa da Lagoa: Um pouco do lugar, do passado e do presente.

Neste capítulo, procuro situar o leitor, mostrando um pouco da comunidade Costa da Lagoa, um dos bairros turísticos da cidade de Florianópolis. Para tanto, descrevo aqui os aspectos geográficos, um resumo da história da formação do bairro e as formas locais de produção do sustento familiar. Por último, trago informações acerca das transformações pelas quais passou o bairro – e a cidade de Florianópolis -- nas últimas décadas.

O bairro da Costa da Lagoa está localizado na região nordeste da cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Mais especificamente, a Costa encontra-se na parte noroeste da bacia da Lagoa da Conceição estendendo-se pelas margens da lagoa até o início das montanhas em um território de 9 km de extensão.



Figura 1-Localização da cidade de Florianópolis. (Imagem retirada do site cart.siv)

A bacia da Lagoa da Conceição faz limites com outros bairros, como o Canto dos Araçás, o bairro chamado de Lagoa, o Retiro, atualmente conhecido como Rendeiras, a Barra da Lagoa e o Rio Vermelho. Contudo, os únicos bairros situados às margens da Lagoa da Conceição são o Canto dos Araçás e a Costa da Lagoa. Ainda, a Lagoa da Conceição dá acesso ao mar através do canal da Barra da Lagoa, e neste caminho lacustre também fica situado outro pequeno bairro, chamado de Fortaleza da Barra.

Diferentemente dos outros bairros mencionados acima, a Costa da Lagoa é o único bairro da cidade de Florianópolis que não possui acesso por terra, de carro ou ônibus. O acesso ao bairro é ou a pé, através de duas trilhas -- uma que inicia no bairro do Canto dos Araçás e outra no bairro do Ratoões -- ou por barco, sendo esta a forma mais utilizada, atualmente, por moradores e visitantes.

O transporte por barco é realizado através de dois terminais, na lagoa da conceição, e que levam a Costa da Lagoa. Os barcos que fazem o trajeto vão parando nos "pontos" (como nos pontos de ônibus), que são na verdade trapiches ao longo do trajeto do barco que leva da Lagoa à Costa da Lagoa. Estes barcos operam no sistema de cooperativas, criadas pelos moradores da Costa da Lagoa na década de 90, as quais se localizam uma no bairro da Lagoa da Conceição, chamada de "Cooperbarco"² (Cooperativa dos Barqueiros Autônomos da Costa da Lagoa), e a outra no Parque Estadual do Rio Vermelho, designada "Coopercosta"³. Os dois sistemas de transporte contam com o mesmo preço, sendo o valor da passagem diferenciado para morador e para "visitante". O valor da passagem de barco para moradores é mais barata do que a do transporte público de Florianópolis, que custa 2,98 (R\$). A passagem de barco para moradores custa 1,50 (R\$) e para visitantes 3,00 (R\$).

As duas Cooperativas apresentam horários e atribuições diferentes. Na "Cooperbarco", mais utilizada pelos moradores

² O terminal lacustre da "cooperbarco" fica ao lado da ponte do bairro da Lagoa da Conceição, este um bairro que dispõe dos serviços bancários, mercados, padarias e escola. Além disso, é principalmente pela Lagoa da Conceição que os moradores podem ter acesso (através do sistema de transporte urbano ou carro) ao centro da cidade e demais áreas de Florianópolis.

³ O Terminal Lacustre da "Coopercosta" por estar situado no Parque Estadual do Rio Vermelho, é um local em que só é possível o acesso por uma estrada de terra, esta que não dispõe do sistema de transporte urbano.

cotidianamente, os barcos iniciam a jornada às cinco horas e encerram às 23 horas. O período de funcionamento dos barcos foi escolhido em função dos horários escolares e dos turnos de trabalho dos moradores da Costa. O trajeto entre a Lagoa e a principal vila da Costa leva aproximadamente 45 minutos.

Já a “Coopercosta” tem seu maior movimento na temporada, sendo mais usada por turistas e para o transporte de alimentos, bebidas e materiais de construção. Um barco saindo do terminal da “coopercosta”, no rio Vermelho, até a vila principal da costa da Lagoa leva, em média, 20 minutos. No entanto, como esta é uma linha de barco menos utilizada, a “Coopercosta” inicia seu expediente às oito horas da manhã e encerra às 17 horas.

Além dos barcos, a Costa da Lagoa possui trilhas que fazem limites com outros dois bairros, a saber, o Canto dos Araçás e o bairro de Ratonos. A trilha que faz limite com o Canto dos Araçás, e que no passado levava até o bairro da Lagoa da Conceição, pode ser descrita no sentido Norte-Sul, usando como referência a ilha de Florianópolis. Esta trilha, que inicia no bairro da Lagoa (ponto Norte), segue atravessando o bairro do Canto dos Araçás até o final da Costa da Lagoa. A pé em passo de marcha, leva-se aproximadamente duas horas para percorrer o trajeto de 7,5km.

Partindo do Canto dos Araçás, aos poucos o caminho pavimentado vai sendo substituído pelo de terra e se torna mais estreito, ora margeando a lagoa, ora costeando o morro da “virgínia”. Em boa parte do percurso, a trilha é coberta por árvores, algumas frutíferas e não é raro ao transeunte encontrar macacos e pássaros da região. Esta trilha é de suma importância para os moradores, já que ela, ao chegar na Costa da Lagoa, torna-se o principal caminho que interliga as vilas da comunidade da Costa.

A segunda trilha, ligando a Costa da Lagoa e Ratonos inicia após a vila principal da Costa, mais ao sul do local e leva-se aproximadamente uma hora para percorrer o trajeto de 3 Km. Esta trilha íngreme atravessa o morro do Ratonos na direção Oeste da ilha. A trilha que segue para o Ratonos atualmente é menos usada pelos moradores da Costa da Lagoa, sendo muitas vezes feita como passeio turístico. Isso não quer dizer que atualmente moradores da Costa da Lagoa que desejem ir ao bairro de Ratonos não optem por usá-la, mas no passado,

este era o caminho que levava as pessoas da Costa da Lagoa para o Centro da cidade de Florianópolis. Do bairro do Ratonos até o centro da Cidade de Florianópolis são 23,5Km de distância e de acordo com os moradores da Costa da Lagoa, esta distância era percorrida no passado a pé.

1.1AS Vilas da Costa

A Costa da Lagoa possui duas formas de divisões, através de Vilas e dos pontos de barco. As duas formas podem ser usadas separadamente ou ao mesmo tempo para indicar um local, como por exemplo, a casa em que morei que era localizada na Vila da Praia Seca, no ponto 13. Os “pontos” dos barcos iniciam sua “contagem” do terminal da Lagoa da Conceição marcado pelo terminal lacustre de número 1 e vai até o ponto “final”, de número 23. Os pontos seguintes ao do Canto dos Araçás são também trapiches de algumas residências de acesso mais difícil. Assim, para boa parte dos moradores da Costa da Lagoa, a “comunidade” propriamente dita começa no ponto 12, local conhecido como “Vila Verde” e termina na “Praia do Sul” ou ponto 23. Os dois sistemas de referência são usados juntamente principalmente quando um local deve ser indicado encontra-se situado em uma vila “grande”, ou seja, que tenha mais do que um ponto. Desta forma, indicar um lugar na “Vila” pode ser no ponto 16 ou 17, assim como na “Praia Seca”, um determinado local pode ser indicado no ponto 13 ou 14.

As vilas que compõe a costa, marcadas na imagem abaixo por círculos, são, em seqüência e na direção de sul-norte, “vila verde”(círculo verde), “praia seca”, “baixada”, “vila”, “praia de fora” e “praia do sul”, esta última no extremo norte da costa da Lagoa. Em vermelho estão indicados os dois terminais lacustres; e em amarelo a praia do “Saquinho”, localizada no extremo norte da bacia da Lagoa. Os triângulos no mapa indicam Ratonos (amarelo), Rio Vermelho(vermelho), Centro (Azul) e Lagoa da Conceição (Verde)

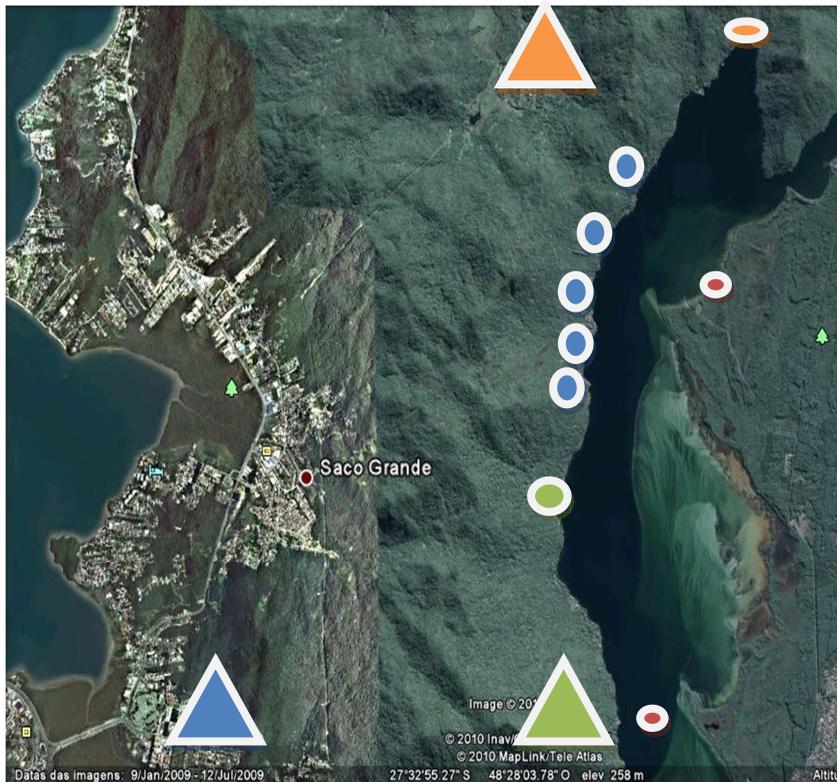


Figura 2 Imagem da Costa da Lagoa : Vilas e terminais lacustres.

1.1.1: A Vila Verde.

A Vila Verde é a primeira Vila no sentido Canto dos Araçás. Tal como a Vila da Praia do Sul, a Vila Verde apresenta uma distância considerável de outras Vilas e para chegar à Vila principal é necessária uma caminhada de aproximadamente 40 minutos.

Aqui está localizado o último engenho de farinha de mandioca em funcionamento. Neste engenho ocorre, uma vez ao ano, a “farinhada”, na qual se reúnem moradores dessa vila e de outros bairros para fazer farinha. Esse engenho não usa tração animal. Ao contrário das

outras Vilas da Costa, na Vila Verde reside apenas uma das famílias de “nativos”, sendo o restante dos moradores gente “de fora”. São aproximadamente 52 casas, sendo entre elas apenas 12 de moradores “nativos”, o restante das casas são de moradores “de fora” e entre as residências, como mencionado acima, grande parte é ocupada apenas no verão.

Após a vila Verde, existe uma longa trilha com poucas casas, na grande maioria são casas de veraneio, habitadas apenas no verão. É nesta trilha que se pode ver o “sobrado de Dona Loquinha”, uma das únicas- e raras - residências construídas no século XIX. Apesar de desabitado, os moradores do lugar contam muitas histórias sobre esse sobrado. Os últimos moradores do sobrado eram uma senhora viúva, um ex-escravo e uma senhora solteira. Ali, recebiam-se aqueles que passavam pela trilha, aos quais a dona da casa oferecia café e biju. Atribui-se a seus moradores o conhecimento e a fabricação de “antídotos” para picadas de cobras, sendo que ali criavam cobras “rateiras⁴” soltas pelo imóvel.

Segundo os moradores mais velhos, no tempo dos escravos ali haviam dois sobrados: o de “Dona Loquinha” e outro que já não existe mais.

A respeito da importância do sobrado de “Dona Loquinha”, Borges e Schafer(1995)têm a seguinte observação:

“A Ilha de Santa Catarina nunca foi um cenário de grandes latifúndios, mas aqueles que prosperaram chegaram mesmo a adquirir escravos e a construir propriedades de “status” aristocráticos. O Sobrado de Dona Loquinha, na Costa da Lagoa da Conceição, é um exemplo desse apogeu (Borges ; Schafer:1995, 20)”.

Após o sobrado de dona Loquinha, as casas de veraneio tornam-se cada vez mais espaçadas. Na trilha que leva até a outra Vila é possível ver uma bica d’água onde, segundo as mulheres mais velhas da

⁴ Pela descrição dos moradores, a Cobra Rateira não continha veneno e podia chegar a 1.5m. Além disso, alguns moradores descrevem que a sua coloração variava entre o marrom escuro ao preto. É possível pensar que tratava-se da Cobra conhecida como Caninana (*Spilotes pullatus*.)

Costa, lavavam-se roupas. Alguns minutos andando numa trilha coberta por uma mata bastante fechada, chega-se à próxima Vila, a da Praia Seca.

1.1.2 Vila da Praia Seca.

Esta é a segunda maior Vila da Costa da Lagoa, tanto em seu território como no número de habitantes. A praia Seca conta com 48 casas, sendo apenas duas de veraneio, ou seja, 46 residências ocupadas o ano inteiro. Conforme os moradores da Costa da Lagoa, esta Vila recebeu o nome de Praia Seca pela ausência de bicas d'água e córregos. Como já descrito na Introdução, foi na Praia Seca em que morei durante o meu trabalho de campo, mais especificamente, no final dessa área. Por esta razão minha descrição dessa Vila é mais detalhada.

Quem chega da Vila Verde, ao entrar na Praia Seca percebe algumas mudanças. A trilha de chão batido e bastante irregular transforma-se em um “caminho”, um acesso mais largo e pavimentado. A trilha que até então passava em frente às residências, agora serpenteia entre elas, rodeada por casas nos dois lados, inclusive nas partes mais altas do morro, dando origem a pequenos caminhos que levam a mais casas. É na “Praia Seca” que a maioria dos barcos fica ancorada⁵. É ali também que está a única oficina de barcos, uma espécie de estaleiro, localizado dentro de um antigo rancho de pesca.

⁵ Em dias de vento sul muito forte, moradores de vilas próximas também levam seus barcos para a vila da Praia Seca para protegê-los de eventuais danos ou perdas causadas pelo vento forte.



Figura 3 : Praia Seca vista da lagoa.

É ali que se inicia o circuito dos restaurantes⁶ da Costa da lagoa, que atraem muitos turistas e também moradores de outros bairros de Florianópolis. Ali serve-se frutos do mar, sobretudo camarão e siri, acompanhado de arroz e pirão. Seria esta uma comida típica dos “nativos” de Florianópolis. Aqui ficam dois restaurantes e, na temporada é possível alugar casas e quartos de propriedade das famílias do lugar, para veraneio. Tudo isso atrai muitos turistas à Praia Seca.

As famílias do lugar, “nativas”, sobre as quais falarei no capítulo II, estão distribuídas na Praia Seca da seguinte forma. Na parte “alta”, isto é, na encosta do morro que faz fronteira com a Vila Verde

6 Em toda a Costa da Lagoa são 18 restaurantes. Na praia seca também funciona um salão de beleza em uma das casas, o qual atende pela noite e em outra casa existe a venda de gás, que semanalmente têm o estoque renovado.

existem dois núcleos familiares⁷, os Pereira e os Frutuoso. A parte alta da Praia Seca se estende até a parte mais baixa do terreno que beira a Lagoa, situado ao Sul da Vila. Na área plana desse lugar, que margeia a lagoa até o final da Vila e onde ficam ancorados os barcos, têm-se três outros núcleos familiares: Outra parte dos Frutuoso, os Anselmo e uma parte dos Góes.



Figura 4: Estaleiro

Entre uma casa e outra existem pequenos jardins, onde se cultivam plantas ditas medicinais ou temperos culinários, e árvores frutíferas. É neste espaço que os homens costumam consertar e trabalhar na manutenção dos barcos, tecer e remendar suas redes de pesca.

⁷ O que chamo de “Núcleos familiares”, será explicado de forma mais detalhada no capítulo II. No entanto, neste momento, pode-se dizer que os núcleos familiares, (ou “Família dos Montes” como chamou a pesquisadora Sílvia Gimeno: “ O progresso viaja de barco”), refere-se principalmente a característica física, ou organização espacial nas quais as casas são construídas em volta da casa dos parentes mais velhos da família.

Pode-se dizer que a Praia Seca termina em uma “escadaria natural”, formada de rochas, na qual os moradores fizeram uma escadaria, com um pouco de cimento, de modo a facilitar o trajeto. Desta parte, segue um caminho que pode ser descrito como um “sobe e desce”, cercado com muros de pedra e casas no entorno. Tal lugar é conhecido pelos moradores como “Baixada”.

1.1.3 A Baixada

Ao contrário das demais Vilas, a Baixada apresenta maiores dificuldades para determinar seus limites físicos. Nesta Vila, que faz a ligação entre a Praia Seca e a Vila principal, é possível dizer onde inicia, mas bastante complicado e indefinido determinar onde termina. Segundo os moradores da Costa, o final da Baixada é onde o trajeto pavimentado se torna mais largo, o que caracteriza a Vila Principal.

Na Baixada, os núcleos familiares são menores em sua composição, existindo um número menor de casas aglomeradas por terreno. A Baixada conta com 22 casas sendo a maioria de moradores “nativos” e as residências em comparação com as Vilas da Praia Seca e Vila são afastadas umas das outras. É apenas no final da Baixada é que se avista um número maior de casas “coladas” umas às outras. Apesar de os núcleos familiares- que serão descritos no capítulo 2- não serem tão “visíveis” na Baixada, é possível encontrar dois deles: os Santos e Thomé. Na Baixada, chama atenção a construção de casas tanto de “nativos” como “de fora” sob os rochedos e costões da Lagoa que acompanham as irregularidades do terreno.

No local em que termina a Baixada, onde a trilha torna-se mais larga, é justamente onde existe uma ponte de concreto sobre um córrego. Entre a ponte há um terreno que forma um triângulo com o limite das outras propriedades e, no centro deste terreno, juntamente com flores e árvores, existe um pequeno santuário contendo a imagem de Nossa Senhora. É aqui que tem início a Vila.



Figura 5: Baixada vista da lagoa.

1.1.4 A Vila

Existe uma brincadeira que os moradores de outras Vilas costumam fazer com as pessoas que moram na Vila principal. Quando um morador da Vila aparece, por exemplo, na Praia Seca, costumam perguntar se “lá [na Vila] estava muito quente?” A pergunta refere-se ao adensamento residencial na Vila. Na Vila, dizem os moradores das outras localidades da Costa, as casas são tão “juntas” que não há espaço nem mesmo para “o vento passar”.

O início da Vila se diferencia da Baixada e da Praia Seca pelo alargamento do acesso. Difere também das outras localidades, o grande fluxo de turistas, as lixeiras de concreto e a existência de dois telefones públicos. Ao longo do trajeto que fica na Vila, as casas, de fato, vão se aglomerando mais e mais, havendo ali sete núcleos familiares, são: os Duarte, Lesbão, Laureano, Pinheiro, Salvia e parte dos Albino e dos

Pereira. Ainda no início da Vila, encontra-se um pequeno mercado, que funciona apenas no período da tarde, e vende alimentos industrializados e todo tipo de bebidas. Chamado de bar, ali é possível encontrar nas tardes, moradores de todas as idades, reunidos seja para assistir televisão. Ao cair da tarde, o bar é mais freqüentado pelos homens que ali se reúnem para assistir jogos de futebol, beber e jogar conversa fora.



Figura 6: Vila vista da lagoa. Na margem da lagoa estão os restaurantes e na encosta do morro ,a única igreja da Costa, o salão paroquial (à direita) e o posto de saúde (à esquerda).

Logo após ao bar tem-se uma pizzaria, que realiza tele-entregas para as principais Vilas, geralmente a pé. Poucos metros mais adiante, atravessando mais um córrego, é possível observar diversas placas⁸ em

⁸ As placas informam sobre a cachoeira e a sua trilha em inglês, espanhol e português e ao mesmo tempo, atentam para o risco de vida para as pessoas que se aventuram a subir pelas pedras da cachoeira. Segundo os moradores- e eu mesma presenciei alguns destes acontecimentos-, muitos turistas sobem as pedras da cachoeira e resolvem descer por elas como se fossem tobogãs. Costumeiramente, estes turistas terminam sua aventura com diversas fraturas e eventualmente, algum deles morre.

português, espanhol e inglês sinalizando a direção da cachoeira da Costa da Lagoa, um dos pontos turísticos de Florianópolis. Para se chegar à cachoeira é necessário sair do caminho principal e subir por uma trilha por aproximadamente vinte minutos. A cachoeira tem a sua queda d'água nas pedras e uma piscina, igualmente de pedras, que represa a água. Para alguns moradores do lugar, a piscina da cachoeira é do “tempo dos antigos”, para outros, foi construída nos anos de 1970.

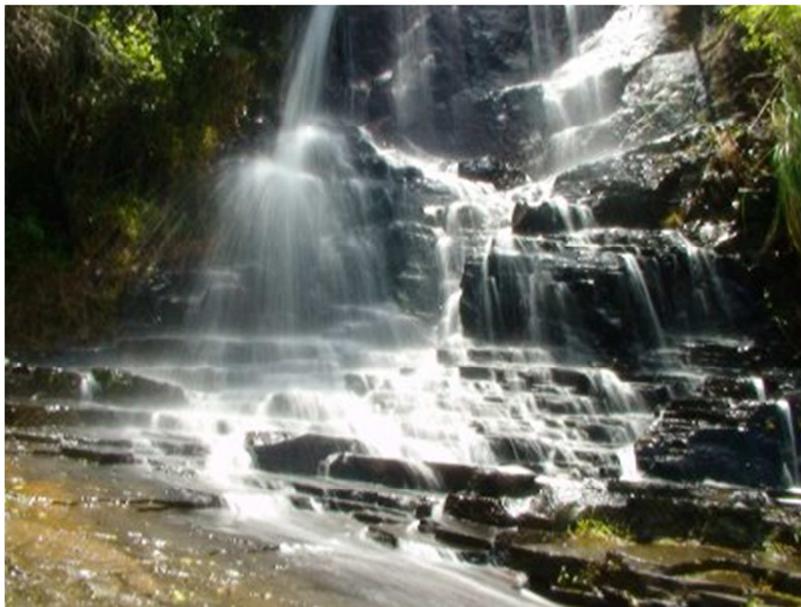


Figura 7: a Cachoeira da Costa da Lagoa.

Fonte:andarilhodailha.blogspot.com

Adiante da trilha que leva à Cachoeira é possível avistar uma grande área coberta de árvores e gramado. Ali se realizam as brincadeiras e jogos dos moradores como futebol, vôlei e pique - esconde. Continuando em direção à parte central da Vila, na direção Norte, vê-se um bar, aberto recentemente, e que conta com mesas de sinuca, o qual é freqüentado, sobretudo pelos homens. Ali não se vende alimentos como no caso do bar descrito mais acima.

Após este bar, a parte propriamente dita “central” da Costa da Lagoa pode ser conhecida. É ali que se localiza o posto de saúde, vizinho da única loja de presentes e artesanato⁹ do local. Logo abaixo ao posto está uma pequena cabine da polícia militar, cujo policial é morador da Costa. Ao lado do posto está também a igreja católica, seguida do salão paroquial, o qual costuma ser utilizado para realizar festas e atividades dos moradores da comunidade, tais como aulas de ginástica e cursos de artesanato¹⁰.

Partindo da porta da igreja católica tem-se uma escadaria que leva até a parte “baixa” do centro da Vila, às margens da lagoa, onde estão reunidos cinco restaurantes que delineiam o contorno da passagem entre a água e o caminho de areia que leva até a escola primária¹¹ e o parque da escola. Voltando ao caminho principal, na parte de “cima” da Vila, após a loja de artesanato, no lado oposto, há uma igreja evangélica, a Assembléia de Deus que conta com uma pequena barraca de lanches que são vendidos para arrecadar fundos para a igreja.

Também parte da Vila, mas afastando-se do núcleo central e indo em direção mais ao norte, encontram-se várias casas, de propriedade de moradores “nativos”. Nesta parte as residências tornam-se cada vez mais espaçadas entre elas. Os restaurantes também vão escasseando.

1.1.5 “Praia de Fora”

Não há, entre os moradores da Costa, consenso sobre o nome deste local que também é conhecido por Praia de Fora. Alguns moradores da Costa se referem ao lugar usando o nome de um de seus mais antigos moradores, a saber, a dona Ivone. Outros, designam o lugar como “ruínas” ou, eventualmente, “Praia de Fora”.

⁹ O artesanato vendido na loja é bastante variado. Existem bijuterias de miçanga e até escama de peixe, renda de bilro em “miniatura”, acessórios e pingentes feitos com moedas e talheres.

¹⁰ Os Cursos de Artesanato oferecidos no Salão Paroquial são de pintura em tecido e costura.

¹¹ A Escola chama-se Escola Desdobrada da Costa da Lagoa. O ensino na escola da Costa vai do Pré- Escolar até a quarta série do Ensino Fundamental. Os alunos após a quarta série são inscritos automaticamente na Escola Básica Municipal Henrique Veras, situada no bairro da Lagoa da Conceição.

A “Praia de Fora” começa depois do último restaurante da Vila, o restaurante do Cabral. Neste ponto, inicia-se outro trecho de uma trilha não pavimentada, assemelhando-se ao caminho que liga a Vila Verde à Praia Seca: é de terra, coberto de pedras e sem casas. Após cinco minutos de subida, o caminho é rodeado por um bambuzal, a partir daí se pode avistar as ruínas de duas casas antigas e de um engenho de farinha de mandioca.



Figura 8: Foto da "Praia de Fora" vista da lagoa.

Ao lado destas ruínas existe uma ponte de madeira sob um pequeno córrego e logo a seguir avista-se uma casa de “estuque”,¹² restaurada. Logo depois localiza-se o único núcleo familiar, composto por seis casas todos da família Goes. Ao lado deste núcleo, há uma grande casa, para veraneio, chamada localmente de “mansão”. Esta casa possui um trapiche e um heliporto. O acesso à “mansão” é pavimentado

¹² O Estuque é uma massa usada em construções antigas. Em geral, o estuque é composto de gesso e água. No entanto, o estuque também pode ser preparado misturado com palha, barro e conchas moídas. Esta massa cobre estruturas que variam desde bambu até no preenchimento entre madeira e pedra.

com paralelepípedos e adornado com jardins que seguem a propriedade até o seu limite final.

Terminado o caminho de paralelepípedos, a trilha volta a ser de terra e muitas pedras, havendo trechos em que se caminha entre paredões de pedra. Aqui não existem residências, nem trapiches. A iluminação elétrica do local é bastante espaçada, dificultando muito a travessia do local à noite. Este caminho continua de terra, até chegar à última vila da Costa: a Praia do Sul.



Figura 9: Trilha que leva à Vila da Praia do Sul.

1.1.6 A Praia do Sul

Esta vila é dividida em duas partes. A primeira conta com um número maior de casas, compondo três núcleos familiares, um bar e um restaurante. A segunda parte da Praia do Sul não apresenta núcleos familiares, apenas algumas residências, ocupadas por duas famílias, sendo uma delas de moradores “de fora”¹³.



Figura 10: Praia do Sul vista da lagoa.

Após a Praia do Sul a trilha continua na direção norte de Florianópolis. O percurso vai se tornando cada vez mais difícil, sobretudo pela mata que vai se tornando cada vez mais densa. Neste

¹³ Os moradores “de fora” residentes na Costa da Lagoa são provenientes de outras cidades, estados e até mesmo, outros países. No entanto, a categoria “de fora”, para os moradores “nativos” da Costa da Lagoa, também pode ser aplicada a pessoas de outros bairros da ilha, designando assim, que ela não é da Costa da Lagoa. A maior parte dos moradores “de fora” da Costa são de outros estados ou cidades, como veremos mais adiante neste capítulo.

trecho, que desemboca na conhecida praia do Saquinho¹⁴ e na “Prainha”, existem mais cinco casas de veraneio, sendo duas delas também consideradas “mansões”. Seus proprietários são originários de outros estados e países como é o caso do “Castelo” e de uma casa de “Pedras”.

Na Prainha há outra casa de veraneio e por fim, no Saquinho, onde há uma réplica de um castelo de pedras, também destinado ao veraneio. Em dias de folga e datas festivas como Natal e Ano Novo, os moradores da Costa costuma frequentar a “Prainha”. Ali se banha, reúnem amigos e familiares e fazem churrasco.



Figura 11: Prainha

¹⁴ O saquinho é a parte mais ao norte da lagoa (indicado no mapa como o círculo amarelo). Nesta parte, a Lagoa da conceição vai ficando mais estreita, fazendo um “braço d’água” que leva ao bairro do Rio Vermelho.

1.2 Agricultores e Pescadores: Uma história sobre a formação da Costa da Lagoa.

Para conhecer a formação histórica da Costa da Lagoa, é necessário falar também sobre alguns momentos da história da própria cidade de Florianópolis. Desta forma, pretendo recuperar um pouco da história sobre diversos processos de mudança pelos quais passaram a Costa da Lagoa, sobretudo aqueles ocorridos nas três últimas décadas.

Segundo a literatura histórica sobre o povoamento de Santa Catarina, após tentativas frustradas¹⁵ de povoamento da ilha de Santa Catarina, a Coroa Portuguesa ordenou o envio para cá de imigrantes do arquipélago dos Açores e da ilha da Madeira, da mesma forma que para outras regiões do Brasil, como o Rio Grande do Sul.

Esta imigração, iniciada em 1748¹⁶ e perdurando até o início do século XIX, daria início à Vila de Nossa Senhora do Desterro, renomeada Florianópolis em 1895, como “homenagem” ao Mal. Floriano Peixoto. Além da parte central da cidade¹⁷, diversos povoados foram instalados em regiões distantes do centro da cidade. Em 1750 surgem às freguesias de Santo Antônio de Lisboa, São João Batista do Rio Vermelho, Trindade, Ribeirão da Ilha e da Lagoa da conceição, da qual a Costa da Lagoa fazia parte.

Nos 17 anos que seguiram a fundação destas freguesias, as localidades se desenvolvem sem grandes problemas além dos conhecidos tais como a falta de ferramentas para o plantio e do auxílio prometido pela Coroa¹⁸. No ano de 1777, a cidade de Desterro se viu

¹⁵ Estas tentativas remetem principalmente ao bandeirante Francisco Dias Velho, que chega na ilha em 1675 com o objetivo de fundar uma povoação. No entanto, ao prender e denunciar um grupo de corsários ingleses, anos mais tarde, Dias Velho é surpreendido pelos mesmos corsários que destroem a vila e mata parte de sua família como forma de vingança no ano de 1692. Desta forma, os sobreviventes se retiraram do que restou da vila, retornando para as suas capitânias de origem.

¹⁶ No período entre 1748 e 1756, de acordo com Farias(1999), desembarcaram na ilha de Santa Catarina mais de 6.000 Açorianos, dos quais 4.500 fixaram-se no litoral catarinense e o restante foram reembarcados para o Rio Grande do Sul (Farias, 1999:86).

¹⁷ Atualmente o centro antigo ainda é a parte central da cidade de Florianópolis. Lá estão concentradas até hoje a maior parte do comércio assim como os poderes estatais (prefeitura, casa do governador, ministério público, tribunais, penitenciária, etc.)

¹⁸ De acordo com Farias(1999) as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes Açorianos ao chegar no litoral catarinense eram: “ O não cumprimento por parte do Rei de Portugal de várias

invadida pelos Espanhóis como retaliação ao descumprimento do tratado de Tordesilhas¹⁹. Depois dos anos de ocupação, devido ao elevado número de habitantes que deixaram a cidade, fez-se necessário o envio de novas levas de imigrantes açorianos ao Desterro.

Apesar dos contratempos, em meados do século XIX, a freguesia da Lagoa da Conceição²⁰ contava com cerca de 3.450 habitantes, em sua maioria açorianos e escravos. Ainda, durante este século, a Lagoa da Conceição despontou como uma região próspera da ilha, recebendo em 1845 a visita de D. Pedro II, que na ocasião doou uma custódia de prata e os sinos para a igreja da Lagoa, fundada ainda no século XVIII.

Segundo Borges e Schaefer (1995), a Costa da Lagoa nas últimas décadas do século XIX até a metade do século XX, contava com mais duas localidades entre ela e o Canto dos Araçás. Não é possível saber ao certo se estes lugares eram antigas Vilas, mas segundo os autores, os locais chamavam-se “Sertão Grande” e “Ponta Grossa”. Estas duas localidades, informa os autores acima, estavam interligadas com a Costa da Lagoa através dos sistemas de agricultura e pesca.

De acordo com Silvia Gimeno (1992)²¹, a Costa da Lagoa possuía até as primeiras décadas do século passado 28 engenhos, de dois tipos: os destinados à fabricação da farinha de mandioca e os engenhos de aguardente. Além dos engenhos, segundo a autora existiam plantações de mandioca, café, milho, feijão, batata doce, cana de açúcar, amendoim, entre outros.

Já para seu Augusto, 85 anos morador da Costa da Lagoa e sua esposa, dona Janaína, 79 anos, nascida também na Costa da Lagoa, os engenhos e plantações da Costa da Lagoa estavam distribuídos da

promessas feitas, tais como ajuda de custo, gado, e armas de fogo; As doenças subtropicais como a malária e a presença de animais peçonhentos (cobras) desconhecidas dos Açorianos que mataram muitas pessoas; mudança do hábito alimentar pela substituição do trigo pela farinha de mandioca. (Farias, 1999:91)”

¹⁹ O Tratado de Tordesilhas, acordo firmado pelo Papa em 1494, dividia os territórios do “novo mundo” entre Portugueses e Espanhóis.

²⁰ De acordo com Borges e Schaefer (1995), a freguesia da Lagoa da Conceição compreendia alguns “povoados” ao longo de sua bacia. Eram eles, além da freguesia: a Costa da Lagoa, o Sertão grande, a Ponta Grossa, Canto dos Araçás, Ponta das Almas, Caeira, Canto da Lagoa, Morro do Badejo, Porto da Lagoa, Retiro da Lagoa e Fortaleza da Barra.

²¹ Gimeno, Silvia Inês Dufech: “O destino viaja de barco: Um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização (1930-1990). Dissertação-UFSC, 1992.

seguinte forma. Na Vila Verde existiam três engenhos de farinha, dois de cana e uma moenda de café; na Praia Seca, um de cana e um de farinha; na Vila, dois de farinha; na Praia de Fora um único engenho de farinha e na Praia do Sul três engenhos de farinha e um de cana. Na Praia do Saquinho, havia um engenho de farinha. Seu Augusto conta ainda que na Vila Verde existiu a primeira escola da Costa da Lagoa, posteriormente transferida para onde hoje estão as ruínas.

Assim como nos outros bairros da cidade de Florianópolis, a produção agrícola da Costa da Lagoa estava baseada no cultivo de mandioca, da cana, do café e do milho. No entanto, ao se referirem ao passado os moradores da Costa sublinham as dificuldades para cultivar em um terreno “inclinado e pedregoso”. Estas eram condições bem diferentes das que enfrentavam seus vizinhos do Rio Vermelho²², que contava com porções de terras agricultáveis maiores e planas, além de um considerável número de mão-de-obra escrava, diferentemente da Costa, cuja economia era baseada na agricultura e na pesca, sempre destinadas ao consumo familiar. Além disso, de acordo com o relato dos moradores, a Costa da Lagoa não contava com muitos escravos.

A fabricação da farinha de mandioca, uma das principais atividades locais até meados do século XX, faz parte das lembranças dos moradores da Costa, sobretudo os mais velhos. A produção da farinha de mandioca juntamente com a colheita do café era as atividades que garantiam o sustento das famílias e contavam com a participação das mulheres. Segundo Ivone, 80 moradora da “Praia de Fora”:

“[...] tinha engenho de farinha, engenho de moer café, meu pai tinha isso tudo. Tinha “ambicada”²³, fazia cachaça, tinha gado para moer a cana, fabricávamos farinha, raspando mandioca, tinha cavalo que trazia mandioca no serão, despejava no engenho e raspava com a faca e comia lá. Passava, fazia massa, enchia os “tupiquinho”, coqueiro; Tinha um barril, ai botava dentro do barril que tinha um parafuso que trancava, ai tinha um negócio que a gente

²² Durante o tempo em que permaneci no campo, foi possível ouvir diversas falas sobre as frutas no Rio Vermelho. Segundo os moradores da Costa, era somente no Rio Vermelho que muitas frutas como o abacate, melancia e manga eram encontradas.

²³ Nome usado para alambiques.

enfiava no pau assim, pra rodar para espremer a massa aí depois secava. A gente botava uns 3 ou 4 tupiquinho, se botava de manhã, que tava secando, sabe aquele bolinete [molinete], tem o pau grande do engenho com um buraco. Naquele buraco tinha um pau, e tinha uma corda que passava aí a gente puxava aquele bolinete até a corda, o fuso grande ia secando. Aí secava a massa. Se botava ao meio dia, aquela camada de manhã tava seca. Tirava, botava tudo em cima do muro e secava. Quando era a noite, a gente ia peneirar, despejava aquele tupiquinho todo, e esfarelava no coxo para depois passar na peneira, para fazer a massa e para botar no fogo para fazer a farinha. E lá tinha pouca casa, tudo casa antiga, não dava pra secar, só nesses engenhos.”(Ivone, 81 anos).

De acordo com Gimeno(1992), na Costa da Lagoa a agricultura sempre apresentou uma série de adversidades dado o terreno íngreme, pedregoso e irregular. Aliado a estes fatores e outros problemas já elencados anteriormente, técnicas de cultivo como a “coivara” e a enxada também não favoreciam uma produção agrícola em maior escala do que a voltada ao sustento das famílias. Em outros bairros o cultivo da mandioca e a feitura da farinha rendiam algum excedente para aquisição de outros produtos.

Nem todas as famílias possuíam engenhos ou grandes porções de terras, e isto inclui as famílias que migraram para a Costa da Lagoa no final do século XIX e início do século XX de bairros próximos como o Rio Vermelho e Ratonas. Uma das maneiras de contornar tais situações foi o trabalho em “parceria”²⁴, onde a terra era cultivada por algumas famílias além dos proprietários e para tanto, envolvia o

²⁴ A “parceria” de terras era necessária durante a época do beneficiamento da mandioca, do plantio. Inclusive, ela poderia perdurar até a pessoa obter dinheiro suficiente para comprar seu terreno e com esta finalidade algumas famílias moravam junto ao dono da terra, construindo suas casas temporárias ao lado da casa do proprietário.

pagamento do “terço”, isto é, uma terça parte daquilo que rende a terra cedida²⁵.

Da mesma forma que a agricultura, a pesca também só era possível graças ao sistema de parceria conhecido localmente como “meia” Gimeno(1992). Esta divisão da pesca, segundo a autora, dava-se pelo pequeno número de redes de pesca precisamente quatro redes em toda a Costa da Lagoa. A meia era usada apenas na pesca de “larga escala”, não contando assim, a pesca do siri ou camarão, ou até mesmo a coleta do “berbigão” e do marisco, todas familiares. Peixes como a tainha, provenientes da pesca com redes de arrasto, eram secados com sal e guardados para outras épocas do ano.

Na Costa da Lagoa a agricultura e a pesca garantiram o sustento dos moradores. A participação nos afazeres do plantio e da pesca iniciava-se já na infância. Para as mulheres havia também a renda de bilro²⁶, ensinada às meninas logo cedo. Alguns depoimentos no livro organizado pelos Costenses, “Lembranças do Passado- O livro da Nossa História”²⁷, deixam evidente que até as últimas décadas do século passado o aprendizado da renda de bilro era essencial para as crianças²⁸ da comunidade. Ali se pode ler uma rotina bastante característica das populações rurais,

“Na minha infância eu fazia farinha, apanhava café e brincava de casinha. (Elizabeth).”

“Quando eu era criança, era mais ou menos assim: eu estudava sempre de manhã até o meio dia, na parte da tarde trabalhava na lavoura com meus pais e

²⁵ Segundo Gimeno(1992), o Terço era aplicado principalmente no beneficiamento da cana de açúcar e na mandioca.p.24.

²⁶ Ver adiante mais informações sobre a renda de bilro.

²⁷ O livro “Lembranças do passado- O Livro da Nossa História” foi uma iniciativa dos moradores da costa da lagoa juntamente com os professores da turma de alfabetização para adultos do EJA, que funcionava no período noturno na escola da Costa da Lagoa. Neste livro, os alunos organizaram e decidiram os principais assuntos que eles gostariam de guardar da sua história. Igualmente, eles entrevistaram as pessoas mais idosas da comunidade. Este livro não foi publicado, no entanto, alguns moradores me ofereceram para uma leitura, momento no qual, com o consentimento deles realizei mais uma cópia.

²⁸ Atualmente as crianças também aprendem bem cedo o ofício da pesca. Talvez a exigência quanto a este aprendizado hoje tenha reduzido bastante. Já a agricultura atualmente não é mais praticada.

todos os meus irmãos. Também à noite, pescava com meu pai e meus irmãos (Gilson).”

“Eu fazia rede, eu fazia renda, apanhava muito café e ia ver muito corvo. Eu ia lavar roupa no córrego e gostava do meu pai que mandava pescar. (Carmem)”²⁹

No entanto, se a agricultura e a pesca representaram a principal forma de subsistência por mais de um século, a partir da terceira década do século XX este arranjo foi modificando-se em função de diversos fatores. A agricultura, a cada década perdia cada vez mais o seu espaço e sua importância, e não somente na Costa da Lagoa, mas em toda a cidade de Florianópolis.

A praga do “Gervão” que assolava as plantações de mandioca e café, juntamente com o esgotamento do solo no período entre 1930-1940, de acordo com Cabral (1979) fazia recuar a pequena agricultura praticada na cidade de Florianópolis. Neste período, como ressalta Gimeno(1992) sobre a Costa da Lagoa -- mas pode-se estender para grande parte das demais localidades da cidade -- há também uma exigência maior de “monetarização”.

A esta exigência, nem a agricultura nem a pesca deram conta. Assim, neste novo cenário econômico os homens foram trabalhar “embarcados”³⁰, isto é, passavam longos períodos trabalhando em embarcações, nos grandes portos do país. De acordo com Silvia Gimeno:

“A falta de recursos financeiros para comprar um lote de terra quando a família era pobre, ou para construir a nova morada motivava muitos rapazes a ingressar como mão de obra nos barcos de pesca em alto mar.

²⁹ Todos estes depoimentos foram retirados do livro citado acima.

³⁰ Em diversas comunidades da ilha de Florianópolis a opção de se tornar um “embarcado” se fez muito presente até o final da década de 80.

Assim, passavam seis meses, às vezes até dois anos longe de casa, nos portos de Itajaí, Rio Grande ou Santos” (Gimeno.21-22)

Atualmente, os homens moradores da Costa que tem entre 30 e 80 anos de idade contam sobre o tempo em que estiveram embarcados, seja no porto de Rio Grande- local que empregou boa parte dos homens da Costa - ou no de Santos. Estes homens trabalhavam como auxiliares em grandes embarcações pesqueiras ou pescavam em barcos médios, conhecidos como baleeiras. Muitos mantinham um intervalo de meses ou anos entre uma ida e outra aos portos. Como relembra seu Salvador, 82 anos e morador da Praia Seca, a primeira vez em que se tornou um “embarcado” tinha apenas 16 anos e assim permaneceu -- “embarcando” -- por mais 10 anos.

Se em algumas comunidades até meados do século XX a melhor oportunidade de conseguir dinheiro estava no trabalho embarcado, esta realidade foi mudando aos poucos, conforme a cidade crescia e o turismo tornava-se uma possibilidade de renda. Contudo, se em alguns lugares da cidade, a opção pelo trabalho nas temporadas de turismo representou abandonar a pesca, na Costa da Lagoa esta atividade tornou-se aliada às novas formas de trabalho, isto é, ao turismo sazonal. Se a agricultura foi lentamente se tornando impraticável, a pesca, ao contrário, tornou-se uma das principais atividades, aliada à atuação e manutenção de restaurantes voltados para os turistas.

Atualmente, homens e mulheres³¹ da Costa pescam principalmente na Lagoa da Conceição e grande parte do que é obtido abastece seus restaurantes e casas. As mulheres que não pescam com frequência trabalham descascando a “carne do siri”, vendida exclusivamente para os restaurantes da Costa da Lagoa.

Na mesma época em que os homens passaram a trabalhar embarcados, as mulheres também desenvolveram novas estratégias para responder às exigências de monetarização, através da comercialização

³¹ Na Costa da Lagoa a grande maioria dos habitantes tem “carteira de pescador”(Licença para pesca profissional concedida pelo IBAMA). Homens e mulheres, jovens e idosos fazem o exame da marinha e pescam com alguma frequência. Esta carteira de pescador é importante já que ela concede no final do ano três salários mínimos, um benefício relacionado ao “seguro da Anchova”.

da renda de Bilro. A renda de Bilro³², aprendida desde a infância pelas meninas foi trazida dos Açores. Transmitida de mãe para filha, permitia às mulheres produzirem seu próprio enxoval, acessórios para o vestuário e para as suas casas. Neste novo cenário também passaria a ser “vendida para fora”, gerando renda para a manutenção das famílias.

A renda de bilro é feita sobre uma “almofada”, coberta com um pano e geralmente “recheada” com palha de bananeira ou capim seco. Nela, está o “pique”, o molde da renda, afixado por alfinetes. O pique é o molde da renda a ser tecida, desenhado geralmente em um papelão. Os alfinetes marcam a mudança dos pontos e dos bilros³³ que contém as linhas. O “pique” é um desenho “único” transmitido de uma mulher a outra, dentro de uma mesma família. Algumas famílias possuem “piques” de mais de 50 anos, “cópias” de piques ainda mais antigos.

No entanto, com o início do turismo na cidade de Florianópolis e a procura pela renda de bilro como um artesanato “local”, muitas mulheres não apenas da Costa da Lagoa, mas também de diversas localidades da ilha, passaram a comercializar a renda de bilro em novos formatos e variações de pontos. Os produtos de renda de bilro também se modificaram para atender esse novo público e além das já bem conhecidas tolhas de mesas, centros de mesa, as mulheres da Costa também tecem faixas de cabelo, cintos, vestidos, blusas e saídas de banho.

1.3 De Florianópolis para “Floripa”: Os arranjos do novo.

Nos itens anteriores busquei apresentar de forma bastante sucinta um pouco da história da Costa da Lagoa, enfatizando as atividades que em um passado não tão distante, eram fundamentais para

³² A renda de Bilro pode ser encontrada também em outras regiões do Brasil como no Nordeste, no Sudeste além do Sul.

³³ O bilro é uma peça cilíndrica feita de madeira. Os pares de Bilros variam de acordo com o tamanho da renda. Em média, são entre 3 e 10 dúzias.

a subsistência dos moradores do local. Contudo, em 2010 é cada vez menos comum encontrar plantações de mandioca, de café, de milho.

A cidade de Florianópolis, assim como tantas outras cidades do Brasil passou/passa por profundas modificações, não apenas na sua composição urbana, mas na própria configuração no cenário nacional. Em alguns pontos da cidade, é possível encontrar shoppings, supermercados 24 horas, grandes casas de festa, e todo um “aparato” possível para uma capital que está em crescimento constante e acelerado.

Esta rápida urbanização de Florianópolis, ocorreu sobretudo nas três últimas décadas. De acordo com Fantin(2000), foi a partir do final da década de 70 que Florianópolis deixou de ser uma cidade “pacata”, para transformar-se em uma cidade “grande”, com grande fluxo de veículos, diversos edifícios, obras e modificações³⁴ como a do aterro da beira mar e as favelas que dividem o morro com as mansões. Para a autora:

“Apostando na chamada “vocação natural para o turismo”, a capital desenvolveu uma nova indústria- a indústria do turismo- muitas vezes predatória, que serviu de alavanca para muitas dessas transformações e desencadeou uma nova configuração urbana. ”(Fantin, 2000:16)

Acompanhando o crescimento da cidade, a população também aumentou e diversificou-se principalmente com a chegada de pessoas que buscavam “qualidade de vida”, pela qual a capital passou a ser conhecida no Brasil nos anos 90. Este novo grupo de migrantes passou a ser designado “de fora”, ou “não-nativo” e os descendentes de açorianos foram chamados “nativos”. A partir da entrada deste “outro”

³⁴ Na década de 70 grandes modificações foram realizadas na cidade como o aterro da Beira mar norte e do centro da cidade. Estradas foram abertas ou pavimentadas dando acesso aos bairros mais afastados do centro da cidade.

que - seja através de tensões³⁵ ou não -, um termo que anteriormente era pejorativo, como “manezinho” passa a ser um elemento identificador daqueles vistos como “nativos”. É este reconhecimento que impulsiona a valorização da figura do “manezinho” ou do “nativo da ilha” e segundo Fantin,

“ [...]a figura do “manezinho” apresentado como o “autêntico ilhéu”, “herdeiro da sua história”, considerado o “legítimo” representante da cidade. Aqui estamos diante de um interessante processo de construção simbólica. O “manezinho” era uma terminologia que, não muito tempo atrás, tinha uma clara conotação pejorativa. Tratava-se de um insulto dirigido aos “nativos” do interior da ilha.”(Fantin, 2000:20)

As modificações na cidade de Florianópolis, sobretudo aquelas advindas a partir dos anos 70, tiveram um forte impacto sobre a comunidade da Costa da Lagoa, em um processo aparentemente contraditório. Ao mesmo tempo em que a Costa -- assim como outros bairros da ilha -- recebia energia elétrica, escola, posto de saúde e se iniciava o transporte para a Lagoa com barco a motor, a Costa da Lagoa passa a ser identificada e designada através do termo “isolado”.

Este “isolamento” da Costa em relação aos outros bairros “protegeu” a comunidade da grande expansão imobiliária³⁶ pela qual passou Florianópolis nos últimos vinte anos. Talvez, seja esta a razão pela qual a Costa é vista como um local “preservado”, com moradores e comida “típica”,³⁷ dos “nativos” ou “manezinhos da Ilha”. Esse relativo isolamento impulsionou um outro tipo de turismo que não aquele dos

³⁵ Algumas das tensões, como as que acontecem na prática do surfe ou entre adolescentes são reveladas através do termo “haole”, que designa os “de fora” (algumas vezes, os que não são moradores ou freqüentadores de uma determinada praia).

³⁶ Existem como foi comentado anteriormente, algumas casas de pessoas não-nativas na costa da Lagoa.

³⁷ O que denominam atualmente como “comida típica” é um prato composto por arroz, salada, pirão e algum peixe ou frutos do mar.

grandes resorts, das praias movimentadas ou das “baladas” que marcam e caracterizam atualmente as praias e o turismo em Florianópolis.

Na Costa desenvolveu-se uma idéia de um “turismo ecológico” e os turistas que vão até o local realizam caminhadas e/ ou visitam a cachoeira. Acompanhando este movimento, surgem os restaurantes, sendo a maioria deles de propriedade de pessoas da Costa da Lagoa e nos quais trabalham os moradores da Costa. É ali que se serve e se come comida “tradicional”, por pessoas igualmente vistas como tradicionais.

Nesse movimento é que surge para os moradores de Florianópolis e da Costa da Lagoa uma nova época no ano: a “temporada”, o verão. Em função também desta nova economia, algumas atividades de outrora, se reorganizam para atender os restaurantes e os turistas que chegam aos milhares em busca da “natureza” e do “tradicional”. Neste novo contexto a pesca, outrora exclusivamente voltada para o sustento familiar, se destina a abastecer os restaurantes locais; as mulheres, quase todas rendeiras, agora trabalham como cozinheiras e garçonetes, em restaurantes de suas próprias famílias.

Surgem as cooperativas de barcos e, a cada nova temporada, a “frota” de barcos aumenta, empregando também muitos homens do local na função de “barqueiros”. Nesta época do ano estes homens, antes embarcados, usam seus barcos ou de seus familiares para transportar turistas para lá e para cá. As rendeiras³⁸, que outrora vendiam a sua renda para a Lagoa, colocam suas almofadas na porta de suas casas ou expõe seu trabalho na loja de artesanato, oferecendo aos turistas a “tradição” atrás da qual vieram pelas águas da Lagoa da Conceição.

1.4. A Costa em dois tempos: O inverno e a “temporada”.

Os moradores da Costa da Lagoa seguem um ritmo de vida de acordo com uma organização temporal que divide o ano em duas épocas: “a temporada” e o período fora da “temporada”. O primeiro vai do final de novembro até o final de fevereiro, e o segundo compreende

³⁸ Atualmente não há um grande número de mulheres que fazem renda. Muitas, com as quais conversei, reclamam do fato das mais jovens não se interessarem em aprender a fazer renda, questão que preocupa algumas rendeiras com a sobrevivência desta prática.

os meses de março até novembro. Esta divisão do calendário anual é atual, não podendo ser percebida em momentos anteriores.

A rotina desta comunidade muda sensivelmente entre estas duas épocas do ano. Primeiramente, os dias da semana são vividos de forma diferente a depender da época do ano. Fora da “temporada”, mesmo havendo algum movimento nos restaurantes durante os finais de semana, os sábados e os domingos são dias reservados para o descanso. Já na “temporada”, os dias de descanso são as terças e as quartas.

Mudanças semelhantes podem ser verificadas em relação aos dias da semana e as horas. Na tentativa de descrever essa variação do tempo, descreverei um dia na vida dos moradores da Costa, na temporada e fora dela.

Fora da temporada o dia começa em torno de sete horas da manhã (exceto para os estudantes e pessoas que trabalham em outros locais da cidade que partem cedo nos primeiros barcos que levam a população aos terminais de ônibus na lagoa da conceição). Neste horário há pouco movimento nos caminhos da Costa e as pessoas encontram-se em suas casas, as mulheres arrumando a casa e iniciando seus afazeres de cozinha, enquanto os homens já estão às voltas com redes de pesca, preparando-se para ir ao mar um pouco mais tarde na manhã. Uma das principais características da manhã na Costa da Lagoa é o silêncio, que dura até o horário do almoço.

Após o almoço é possível ver e ouvir alguma movimentação nas ruas e casas do local. Homens se reúnem para consertar um telhado cujas telhas quebraram com o vento ou gastas pelo tempo; outros juntam-se para remendar e arrumar as grandes redes. As mulheres, quando não estão em seus afazeres domésticos, costumam circular pelo centro da Vila ou vão visitar seus parentes e vizinhos. As visitas acontecem principalmente no período do “café da tarde”, entre as quatro e cinco horas da tarde. No café da tarde, na maior parte das casas encontra-se nas mesas café, leite, pão, bolachas e eventualmente algum bolo ou pastéis de banana com canela, este último uma iguaria muito apreciada localmente.

Encerrado o café da tarde e momento também em que as crianças retornam da escola, o movimento nos caminhos também diminui. Ao entardecer é possível encontrar rapazes atravessando as

Vilas para visitar as namoradas, enquanto os homens mais idosos costumam sair com suas canoas para pescar. Alguns vão em grupos, rebocando canoas de “guarapuvu” em seus barcos a motor; outros, partem sozinhos em suas canoas. Entre as 20 e as 21 horas tem lugar o jantar. A partir daí, o silêncio da Costa da Lagoa só é quebrado na madrugada, com o retorno dos homens que estavam no mar. O barulho é dos homens descarregando suas canoas, para o que solicitam o auxílio dos filhos e da esposa.

Um dia na temporada começa mais cedo para aqueles que trabalham nos restaurantes. Aproximadamente às seis horas estarão acordados. Nesta época do ano as crianças e os jovens estão de férias assim como alguns moradores que trabalham em outros bairros na cidade de Florianópolis. Entre oito e nove horas, os caminhos da Costa da Lagoa começam a ficar movimentados de turistas e os barcos trazendo dezenas de visitantes chegam de hora em hora. O trabalho em casa passa a ser revezado e se a mãe trabalha em um restaurante, cabe à filha assumir as tarefas domésticas. Nas famílias em que os homens trabalham no transporte de turistas, as mulheres costumam preparar “quentinhas” (marmitas) para o almoço de seus pais, maridos, filhos, irmãos, tios e sobrinhos.

Do meio dia até às 15 horas os restaurantes recebem um grande fluxo de turistas. Após este período, os visitantes se dispersam em banhos na lagoa ou na cachoeira, momento em que as mulheres iniciam seus trabalhos com as rendas de bilro, nas portas ou varandas de suas casas. Ao cair da noite, os turistas retornam para os terminais de barco e tem início o descanso e a alimentação. Nas noites mais quentes, homens e mulheres se reúnem para pegar siri na beira da lagoa, enquanto nas varandas pode ver mulheres recebendo os siris e descascando. É também à noite que as pessoas se reúnem em alguma casa ou mesmo em um dos restaurantes para beber, ouvir música e conversar. Na época de temporada, o silêncio do dia a dia é tomado pelo burburinho da visita dos turistas e das festas e das reuniões familiares.

Neste capítulo procurei descrever brevemente o local chamado Costa da lagoa, suas características geográficas e históricas, sua economia local e as modificações pelas quais passou a localidade nos últimos anos. No próximo capítulo tratarei, sobretudo, das relações familiares e dos sentidos da família para os Costenses.

Capítulo II: Os Fios da Renda: Da família ao namoro na Costa da Lagoa

Neste capítulo busco refletir sobre uma questão central que articula os demais assuntos da minha pesquisa, a saber, a família na Costa da Lagoa. É a partir de como os moradores da Costa da Lagoa constituem e vivenciam suas famílias que se torna possível desvendar as formas de união matrimoniais praticadas naquela localidade, assim como as redes de parentesco, auxílio e convivência entre os moradores do local.

Também procuro demonstrar que a família não é apenas um dos mais fundamentais elementos de articulação e organização dessa comunidade, mas também de que essa sua centralidade vai de par com uma extrema plasticidade, quer dizer, que a instituição é dinâmica em relação às modificações históricas pelas quais passou e passa a comunidade. Modificações estas que podem ser percebidas de várias maneiras, seja nos namoros atuais, seja nos cuidados com as crianças. Além disso, se existem mudanças, existem também permanências que marcam a realidade familiar na Costa da Lagoa.

2.1 As famílias e as Vilas

Desde os meus primeiros contatos na Costa da Lagoa, antes ainda do trabalho de campo propriamente dito, quando eu procurava indicações de onde morar durante o período da pesquisa, a resposta era unânime: eu deveria morar próximo de uma família. Aproveitando que as pessoas falavam sobre família, eu geralmente pedia indicações de como achar pessoas, famílias e quantas famílias residiam na Costa.

As respostas para estas perguntas começavam invariavelmente da seguinte maneira: “*Aqui todos são uma única família*”, e ao mesmo tempo, que “*cada vila tem uma ou duas famílias*”. Neste segundo caso, informavam que “*eu poderia enxergar cada família*” moradora da Costa. Tal informação era acompanhada de um dedo a riste indicando para algum aglomerado de casas na encosta do morro. Somente depois

de eu estar residindo com uma “família”, é que percebi que este termo abarcava uma multiplicidade de significados, ao menos para os moradores da Costa da Lagoa.

A primeira visão de família, de que todos os moradores são parentes de alguma forma, em raros momentos isso é expresso. No entanto, esta é uma idéia que se expressa em festas de aniversário e outras comemorações, quando não é necessário convidar, apenas montar a festa e esperar que os passantes pelas trilhas, parentes vizinhos apareçam, simplesmente. Já que todos se consideram parentes, o convite a um e não a outro traria problemas. Assim, o melhor é não convidar, mas, esperar que os participantes da festa apareçam. Ou, poderia se imaginar que um núcleo urbano se pensa e vive enquanto uma grande unidade familiar, para a qual a idéia de convite tem pouco sentido, já que estão todos em família, o que dispensaria a formalidade do convite. Voltarei a esta questão nos capítulos III e IV.

Mas, família também pode designar um casal e seus filhos, ou seja, o que a literatura chama de família nuclear/conjugal. Família também pode designar um conjunto de casas localizadas em um único terreno, dispostas ao redor da casa dos pais de um dos cônjuges (na maioria dos casos, os do esposo) acompanhado dos irmãos e irmãs ao redor. Esta família – constituída de um casal, seus filhos e suas respectivas famílias -- costuma ser identificada e referida pelo sobrenome do pai, também proprietário das terras onde estão localizadas estas casas.

Para Sílvia Gimeno(1992), que estudou a criação das cooperativas de barco na Costa da Lagoa e a política local, os sobrenomes das famílias locais são: Andrade, Pereira, Laureano, Albino, Ramos, Fructoso, Góes, Costa, Conceição, Gonçalves, Duarte, Santos, Pinheiro, Ferreira e Thomé”. A esta lista acrescento os sobrenomes “Sálvia” e “Lesbão”, identificados no levantamento que realizei. Do conjunto dos sobrenomes familiares os “Sálvia”, “Lesbão” e “Thomé” referem-se a pessoas falecidas. Os outros tantos são muito conhecidos sobretudo em razão de sua expressividade numérica, como é o caso dos “Frutuoso”, “Albino”, “Duarte” e “Pereira”.

Os “Frutuoso” e “Pereira”, sobrenomes de numerosas famílias, são em sua grande parte residentes ou nascidos na Vila da Praia Seca, sendo que a família “Pereira” ocupa a parte mais ao final da Vila da

Praia Seca. A família “Pereira” assim como da família “Góes” se dizem descendentes de escravos, Já os sobrenomes “Duarte”, “Santos”, “Pinheiro”, “Andrade”, “Gonçalves” e “Costa” residem entre a Baixada e a Vila Principal. Por último, as famílias de sobrenomes “Albino”, “Laureano” e “Conceição” são as que representam um numero maior de moradores da Vila da Praia do Sul.

Apesar de o sobrenome ser um identificador³⁹ de pertencimento a uma família, nem sempre todos os indivíduos que carregam um sobrenome habitam no mesmo terreno. Seu Salvador é morador da Vila da Praia Seca e teve cinco filhos, sendo dois homens e três mulheres. Cada filha reside em uma vila diferente, pois uma vez casadas foram residir nas terras de seus respectivos esposos. Já os dois filhos de seu Salvador construíram suas casas ao lado da casa do pai. Este é também o caso da família Goes, em que todos os filhos homens residem junto do terreno dos pais, enquanto as filhas residem em outras vilas, em terras das famílias de seus maridos.

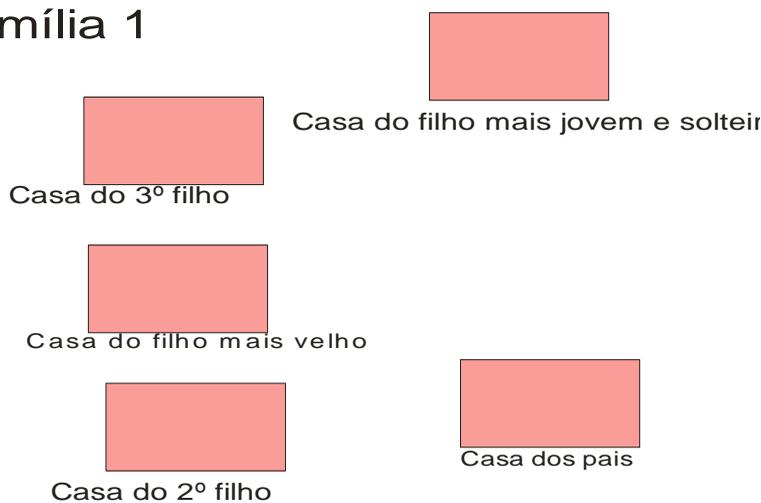
Esta dispersão de pessoas com um sobrenome entre as diferentes vilas da Costa é sobretudo para o caso das mulheres que, ao casar, deixam as terras de seus pais e vão residir junto aos sogros. Tratarei deste assunto mais adiante, mas, aqui importa destacar que independente de todos os membros de uma dada localidade compartilharem um mesmo sobrenome, este conjunto de residências em torno da casa paterna é igualmente chamado família.

Os filhos homens que uma vez casados permanecem nas terras dos pais assumem também a posição de proprietários das terras e dos equipamentos e instrumentos de trabalho. Estes núcleos geralmente estão dispostos ao redor de uma casa central do terreno, a casa dos pais ou o casal mais idoso da família.⁴⁰ Abaixo, dois esquemas da organização territorial das famílias. O primeiro esquema mostra a casa dos pais e de seus filhos (casados). Já no segundo esquema, são dois irmãos e seus respectivos filhos em um mesmo terreno.

³⁹ Utilizo o termo identificador em acordo com a Zonabend(1981).

⁴⁰ Estes núcleos podem ser pensados como “agrupamentos organizados de descendência” conforme GOODE, William (1970): ”este tipo de invenção social tem sido muito difundido e é identificado por vários rótulos tais como linhagens, clãs, **parentelas** e etc.”[...] “contudo, o que diferencia o nosso tipo de sistema de parentesco da maior parte dos demais não é o princípio de descendência utilizado, mas o fato de certos grupos de parentes serem organizados e possuírem direitos e deveres coletivos.” (GOODE, 1970:97).

Família 1



Família 2

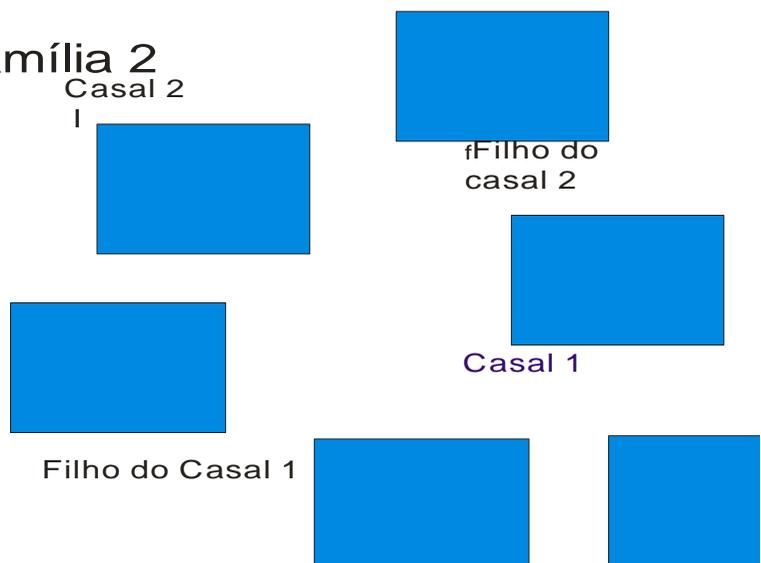


Figura 12 Família e residência.

Nesta residência que podemos chamar de “central”, moram os pais com os filhos e as filhas solteiras e ao redor da casa dos pais, residem os filhos homens casados, com suas esposas e filhos (solteiros e casados). Quando a família possui um terreno extenso, estes agrupamentos familiares podem incluir 3 gerações, em relação ao casal proprietário do terreno, ou seja, podem morar pais, filhos e netos.

Abaixo, procuro representar as diferentes configurações familiares na Costa da Lagoa. Como dito anteriormente, o termo “família” assume, no mínimo, três sentidos e configura 3 agrupamentos: “todos os moradores da Costa compondo uma única família”; “todos aqueles que residem em um mesmo terreno e que estão ligados por laços de consangüinidade e/ou afinidade” e, finalmente, “todas as pessoas que moram na mesma casa”(consangüíneas e afins) .

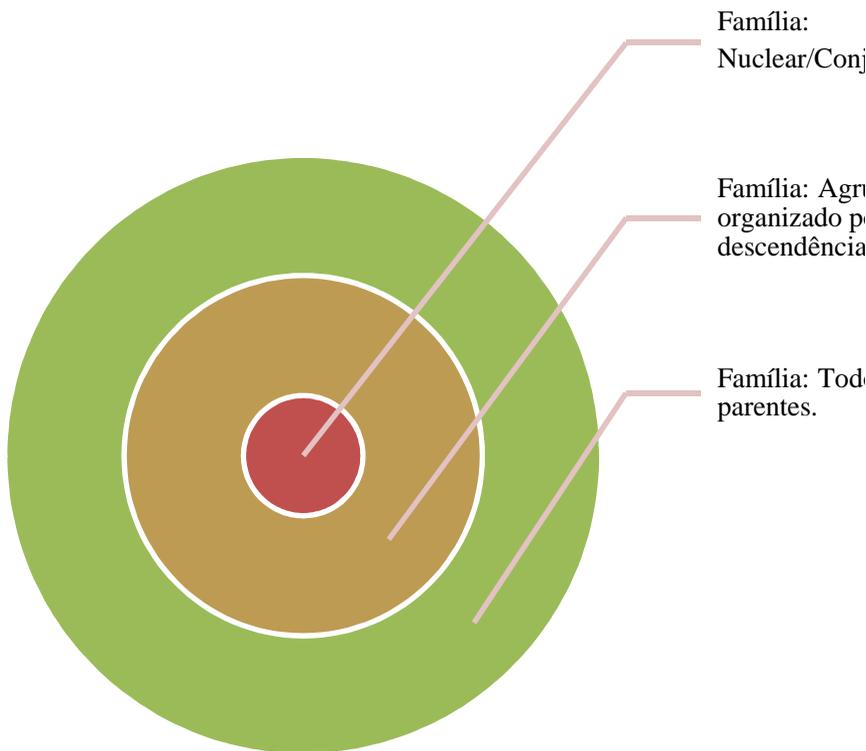


Figura 13- As várias unidades familiares

2.2 Residência e Herança.

Na Costa, o termo família remete não somente ao conjunto de casas localizadas em um mesmo terreno, cujos moradores estão ligados por laços de afinidade ou consangüinidade. Remete principalmente ao “maior convívio”, que se dá pelas festividades e pelo trabalho. Cada um destes agrupamentos residenciais mantém ligações estreitas com as famílias formadas pelas mulheres que deixaram a casa e as terras de seus

pais e foram morar nas terras e casas das famílias de seus cônjuges. Os laços também se estendem às famílias dos cônjuges, que dizer, às famílias dos maridos das filhas.

Silvia Gimeno(1992) também observou esta forma de organização familiar entre os moradores da Costa da Lagoa. Segundo a autora, um dos pré- requisitos para o casamento era o noivo ter “um pedaço de terra”.Gimeno nota que:

“[..]ainda hoje existente, do pai fazer a distribuição dos lotes de terras entre os filhos quando estes estão na idade de casarem. Esta herança de terra em vida só beneficiava os rapazes, pois as moças só recebiam a sua parte quando os seus pais faleciam ou quando o seu marido não tivesse para onde a levar.”(Gimeno, 1992:21)

A residência das esposas nas terras dos maridos é uma tendência, identificada também por Gimeno, havendo casos em que as filhas permanecem residindo nas terras paternas. Para Gimeno(1992) nos casos em que o homem vai morar nas terras do sogro, trata-se de uma situação onde a família da esposa conta com poucos homens. “Neste caso”, escreve a autora, “o pai das jovens, quando com posses, dotava suas filhas como forma de trazer o genro para o interior do seu clã;” (Gimeno, 1992 : 21-22).

Residir ou não nas terras do marido é, para os moradores da Costa, uma questão de ter “condições”. Quando Natália, 52 anos, casou-se e continuou residindo nas terras de seus pais, seus dois únicos irmãos eram crianças, e seus pais, além de possuírem o terreno da casa da família, contavam ainda com um outro terreno, adjacente a este, destinado à filha em vias de casar. Para Natália,

“-Não é que vem morar mais perto da família do marido, é conforme as condições. Se o pai do marido tem um terreno, ele constrói a casa, já faz ali, na terra do pai. Eles não vão comprar terra. A Fernanda, o pai tinha terreno para dar

para ela, mas a Fabiana foi para onde os pais dele puderam dar. Não é porque fica ali, porque casou ali, não. É por que depende das condições de onde tem a casa. (Natália, 52 anos, moradora da Praia Seca.)

As “condições” podem variar entre ter a possibilidade de comprar um terreno, herdar e/ ou morar em um terreno dos pais, até construir uma nova residência em outro bairro. Para muitos em início da vida conjugal, a estratégia é se estabelecer temporariamente na casa dos pais do esposo ou na casa de algum dos avós de um dos dois cônjuges (em geral , os avós do noivo) ou até mesmo na casa de um ou parente. Casais mais idosos contam também que recém-casados podiam dividir a casa com outra família e que muitas vezes a residência dos recém-casados poderia ser no engenho de farinha de mandioca. Os poucos depoimentos sobre o compartilhamento da moradia com outra família referem-se à primeira metade do século XX e contam de famílias que recém constituídas iam residir em casas ao redor dos engenhos de farinha. Alguns destes depoimentos sugerem que o compartilhamento da residência poderia coincidir com o período da feitura da farinha de mandioca. Essa convivência -- doméstica e no trabalho – cria laços afetivos designados como “conhecimento” e sobre o que me deterei mais adiante.

Esta residência “provisória” é bastante variável, indo de algumas semanas até meses ou anos. Seja como for, a tendência é que os filhos homens de um casal ao casar permaneçam residindo próximo dos pais, construindo suas casas em torno da casa dos pais, enquanto que as filhas casadas costumam residir nas terras dos seus maridos e da família destes. A transmissão da terra muitas vezes costuma acompanhar essa tendência: cabe apenas aos filhos homens.

2.2.1 O que se herda

Em geral grande parte das mulheres não recebe terreno para fazer a casa e nem está contemplada na herança dos pais. Foram poucos os casos que se tem informações sobre filhas terem participado da venda de alguma propriedade dos pais. Na Costa da Lagoa a herança consiste de terra, casa, barco ou restaurante. O que costuma ocorrer é que os filhos que ocupam ou utilizam esses bens são automaticamente seu proprietários, em caso de morte dos pais.

Não que as disputas entre irmãos e irmãs não sejam freqüentes. Irmãos e irmãs costumam discutir e brigar por conta da herança deixada pelos pais. Quando o pai de dona Hilda de 67 anos, faleceu, os filhos homens que já residiam nas terras paternas resolveram vender as terras na beira da lagoa, isto é, a parte mais valorizada das terras familiares.

As irmãs, residentes em outras vilas da Costa (nas terras das famílias dos maridos), ao conhecer a intenção dos irmãos de vender o terreno, pediram sua parte no valor recebido pela venda, o que lhes foi veementemente negado pelos irmãos. Interessante e revelador é saber que os cunhados, isto é, os maridos destas irmãs, se solidarizaram com os irmãos delas, seus cunhados e a comunidade toda viu como “novidade” a intenção das irmãs em participar da herança paterna.

2.3 Os Tempos da família.

Além dos diversos sentidos e configurações que a palavra família contempla na Costa da Lagoa, como escrito anteriormente, a família também se rearranja historicamente. O tempo para os moradores da Costa não segue uma ordem cronológica, que situa cada forma ou arranjo em anos e/ou décadas específicas.

Para os moradores com idades entre 65 e 90 anos, a história se divide em 3 períodos. Há o tempo dos escravos, o dos antigos e o atual. A seqüência entre o tempo dos escravos e o dos antigos não é sempre a mesma, sendo que para uns este pode ser anterior aquele ou vice-versa. Para as pessoas com idades entre 40 e 65 anos, o período em que seus

avós nasceram é o tempo dos antigos, assim como para os mais jovens. Tudo o que é relativo a uma geração acima da qual um determinado ego nasce está classificado como o tempo dos antigos.

É assim que os moradores da Costa da Lagoa falam sobre as mudanças e as permanências das formas de organização familiar, as quais remetem a namoro, casamento, residência, filhos, trabalho, herança entre outros assuntos. Há pouca menção ao tempo dos escravos, sempre mencionado quando se referem aos sobrados e ruínas de antigas casas e engenhos. Para alguns, entretanto, como seu Augusto, 86 anos e morador da Vila da Praia Seca, o tempo dos escravos tem valor especial em sua história de vida.

Afirmando ter ascendência escrava, seu Augusto faz questão de dizer que ele e seus familiares residem no local desde o tempo dos escravos. Neste tempo, naquele local, haviam duas grandes casas – sobrados – de propriedade de duas famílias “ricas” da Costa da Lagoa, donas das terras, engenhos e escravos. Os demais moradores da Costa da Lagoa, os não escravos, trabalhavam para estas duas famílias nos sistemas de meia e de terço.

Além de ter trabalhado a maior parte da vida com a agricultura e com os engenhos, seu Augusto conta que a relação com os engenhos e com os últimos moradores do sobrado da Vila Verde dava-se pela ligação destes com alguns antepassados de sua família, que teriam sido escravos naquelas terras. Este também foi um dos fatores que favoreceu o estabelecimento da sua família nas suas terras, cuja propriedade não sabe se teria sido originária de uma doação dos ex-senhores ou uma ocupação, como costume naqueles tempos.

Já o tempo de “antes” e dos “antigos lembra uma família fortemente hierárquica, se comparada à família de “agora”. “Antes” os meninos e meninas começavam cedo a trabalhar na lavoura, pesca ou afazeres domésticos. Uma família em que, segundo seu Augusto, *a palavra do pai era a única*. Mas, estes dois tempos – “antes” e dos escravos -- se mesclam, entrelaçam e não são sucessivos. Nestas memórias do passado, seu Augusto, conta sobre a proibição de negros freqüentarem os bailes de brancos, o que teria permanecido até quando seus próprios filhos eram jovens. A família de sua esposa, lembra seu Augusto, teria rompido com ela em razão do casamento com um descendente de escravos.

Assim como para seu Augusto, também outros moradores mais idosos da Costa da Lagoa, rememoram e contrapõem o tempo dos antigos ao tempo “de hoje”. “Antes” os pais tinham autoridade sobre os filhos, assim como os idosos; o trabalho é lembrado como realizado coletivamente com a ajuda de todos os familiares e seu resultado era destinado ao consumo familiar; poucos eram os que freqüentavam a escola por muito tempo; os namoros eram “respeitosos” e não passavam de beijos e a fuga era a forma primeira para alguém casar e vai de par com o respeito à vontade dos pais e os filhos casados continuavam a residir no terreno dos pais.

O isolamento também é uma marca desse tempo que já passou. Para dona Viviana, 78 anos, moradora da Vila:

“Era assim: comia o que plantava ou pescava ou pegava com o vizinho, não tinha essa comida do “mercado”[...]acordava bem cedo e ajudava a mãe e o pai na roça.[...] era diferente, nós pedíamos bênção para avó, pai mãe, hoje nenhum neto meu faz isso.”
“Para ir para o Centro [de Florianópolis] tinha que andar até o Ratoles ou para Lagoa, levava uma tarde caminhando. Só depois que teve a lancha (barco) com motor que ficou melhor.”

Silvia Gimeno (1992) chamou de “família dos montes” esta família do “tempo dos antigos”, em que pais e filhos residiam no mesmo terreno. Para a autora, a família “dos montes” ou de “antes” apresenta um conjunto de características tais como, a divisão do trabalho e auxílios mútuos nas tarefas relacionadas à subsistência; uma alta hierarquização, expressa principalmente no poder do patriarca; a residência de várias gerações num mesmo terreno, geralmente dividido e herdado ainda com o chefe de família vivo.

De acordo com a autora, em 1992 na Costa da Lagoa a família dos montes obedecia.

“uma forte e rígida definição dos papéis sociais e produtivos de cada um dos seus membros. O patriarcalismo é uma de suas características mais marcantes. Único proprietário dos bens móveis e imóveis, o patriarca era depositário de toda a organização e coordenação das atividades produtivas da família, em seus diversos seguimentos: agricultura, pecuária e pesca.” (Gimeno, 1992:11)

Para Gimeno, a “família dos montes” não existiria nos dias atuais, sendo substituída pelo que a autora chama nos anos noventa de “família do trabalho para si”.

Se as modificações na família do “tempo dos antigos são indiscutíveis, também parece claro que tais mudanças dizem respeito muito mais às formas de trabalho/subsistência do que da organização familiar propriamente dita. Comparar as descrições dos moradores mais idosos sobre a família nos tempos de outrora e na atualidade, sugere mais transformação do que substituição ou novas formas de organizar as relações familiares⁴¹. Se o que definiu a família no “tempo dos antigos” foi a residência de vários familiares em um mesmo terreno, a divisão do trabalho ordenada por um “pátrio poder” e divisão sexual do trabalho, isto não significa necessariamente a substituição de uma forma de organização das relações familiares para outra, mas, sim algumas modificações.

Uma primeira permanência pode ser vista quando se trata a divisão sexual do trabalho. Os auxílios prestados entre os familiares obedecendo a critérios de gênero, que organizavam o trabalho do plantio ou nos engenho, aparecem na atualidade organizando o trabalho nos restaurantes, nas atividades relativas ao turismo e à pesca⁴². Todas essas atividades continuam sendo familiares e permanecem orientadas por uma divisão sexual.

⁴¹ Remeto-me aqui ao conselho dado pelo professor Rafael José de Menezes Bastos durante a qualificação do projeto de pesquisa, de que conhecer como as formas sociais se modificam pode ser tão interessante quanto buscar compreender como permanecem.

⁴² No entanto, Gimeno (1993) relacionava a divisão do trabalho com a pesca à escassez de equipamentos para a produção. Segundo a autora, além de um número pequeno de redes de pesca, estas costumavam ser propriedade do patriarca da família. Atualmente, as redes e canoas de pesca são mais acessíveis e quase todos que pescam as possuem.

Como mencionei anteriormente no capítulo I, o trabalho nos restaurantes emprega sobretudo os filhos e filhas dos proprietários, suas as noras e genros e algum outro parente. Estes parentes são também “vizinhos de porta” ou residem num mesmo terreno. No Restaurante de Dona Flora, ela e o marido tomam conta do caixa e da administração do restaurante. Seu filho mais velho trabalha durante a semana como barqueiro e realiza também o transporte das mercadorias que abastecem a cozinha. Nos finais de semana, os dois filhos de Flora são garçons no restaurante dos pais. Na cozinha, há uma sobrinha do casal que durante a semana é enfermeira e nos finais de semana assume o posto de auxiliar de cozinha. Esse é também o caso de uma das filhas que durante a semana é professora e nos finais de semana ajuda no restaurante da família. Além delas há também uma cunhada e uma comadre, todos vizinhos, que são as cozinheiras principais. Eventualmente, um dos sobrinhos do marido de Flora ajuda como garçom, principalmente na alta temporada. Outras pessoas, vizinhos tanto de terreno como de vila, também podem colaborar nas lides do restaurante. A família que reside ao lado da casa de Flora é quem vende a “carne de siri” para o restaurante, assim como outras famílias vizinhas vendem peixes e camarão.

Em outros restaurantes a distribuição de tarefas é praticamente a mesma. Esse trabalho familiar e vicinal pode se estender à construção de uma casa ou um restaurante. Os donos de um restaurante podem contar com a ajuda e o trabalho de irmãos e vizinhos. Palmira de 43 anos, mora na Vila desde que nasceu e lá também se casou. Ao longo de vários anos, ela e seu marido pouparam dinheiro e construíram um restaurante, anexo a casa do casal. Além da ajuda do marido, Palmira recebeu auxílio de suas quatro irmãs que residem em outras vilas da Costa e mesmo com a distância participaram ativamente na cozinha e na escolha do cardápio do restaurante uma das outras. Uma das irmãs de Palmira deixou o restaurante onde trabalhava para trabalhar no negócio de sua irmã. Quando da inauguração do restaurante de Neia, a cozinha ficou por conta dela, suas irmãs e cunhadas. O atendimento ao público foi feito pelo marido, a filha mais velha e um sobrinho do marido.

Nas cozinhas dos restaurantes da Costa estão irmãs, cunhadas, filhas e noras; nas mesas, atendendo o público, estão filhos, cunhados, primos e sobrinhos. Homens e mulheres se juntam quando do beneficiamento do camarão ou do siri, antes ou após o expediente. Abaixo um diagrama resumindo as principais ocupações nos

restaurantes e os vínculos de parentesco dos donos do estabelecimento com aqueles que nele trabalham:

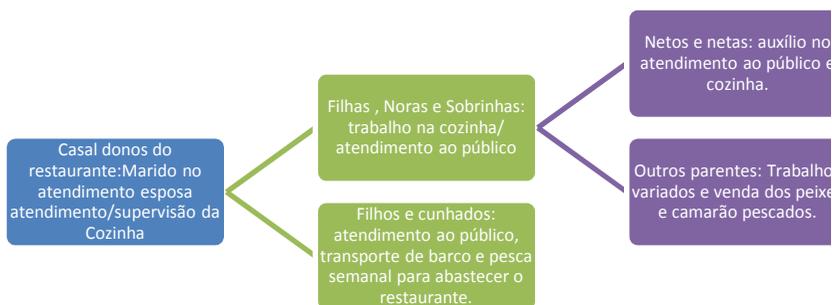


Figura 14- Diagrama trabalho no restaurante

Como os trabalhos nos restaurantes, as tarefas relacionadas ao turismo e à comunidade, como o transporte nos barcos, é outro exemplo de trabalho familiar. As atividades nos barcos, de propriedade de um homem e seus filhos/familiares, são predominantemente masculinas, isto é, exercida por homens com idades entre 18 e 60 anos e quase sempre parentes entre si. A propriedade de barcos é sempre de um pai e seus filhos, entre os homens da família, irmãos e até sobrinhos, que se revezam nos turnos de trabalho. E os barcos familiares apresentam, cada qual, sua decoração particular.

Alguns barcos⁴³ têm adesivos de times de futebol, religioso ou de grupos musicais. Há barcos decorados e identificados com imagens de santos ou símbolos religiosos, tais como crucifixos, adesivos com Nossa Senhora, Jesus Cristo e terços . Os barcos dos mais jovens contam com aparelhos de som, a dos usados em carros, sendo muitas vezes comparados pelos jovens aos carros “tunados” (termo que vem do tuning, onde os automóveis recebem peças e aparelhos de som assim como iluminação). Nestes, as músicas tocadas vão do estilo “eletrônico” ou “pop” até o “sertanejo”.

2.3.1- Trabalhos Femininos

Além das tarefas acima mencionadas, nas quais a família tem ampla participação, o cuidado com as crianças e outros parentes também é um assunto que diz respeito aos familiares. Da família dos “antigos” para a família “de hoje”, podemos notar poucas modificações que o auxílio nos cuidados com as crianças e com os idosos. Mas, parece que se algo se transformou, esse algo foi a ocupação das mulheres com crianças: a sua inserção no mercado de trabalho resultou numa maior ajuda da família em relação a esta tarefa que até então era de sua exclusiva competência.

Tanto na família do tempo dos antigos como na de agora, o trabalho feminino sempre foi indispensável na economia doméstica. Na Costa da Lagoa, além das tarefas domésticas as mulheres de “antes” trabalhavam na lavoura e na produção da farinha de mandioca. As com mais de 50 anos, costumam lembrar os tempos em que ajudavam os pais e o marido na colheita do café e garantiam um dinheiro extra para a casa com a venda de suas rendas de Bilro, já para os turistas.

Muitas delas tecem renda até hoje em dia, no entanto, esta atividade foi alvo de uma grande desvalorização nas últimas décadas, atribuída, segunda elas próprias, à concorrência com a renda “industrial”, que compete em técnica e valor com a renda artesanal. Gabriela, 78 anos e que continua fazendo renda na porta da sua casa, deixou de vender a renda no Retiro da Lagoa (uma das regiões da Lagoa

⁴³ Além da decoração, o barco que é uma propriedade familiar nos dias de calor também serve como local para dormir e em alguns casos, os barcos podem ser usados para fazer churrasco com a família ou pequenas comemorações familiares.

da Conceição) por outros motivos, mas, não lhe passou despercebido o desaparecimento gradual da atividade:

“Mas hoje em dia, a gente cria família, e não ensinam [o ofício da renda], porque tem que ter o estudo. Mas se ela [as mulheres] tiver boa cabeça para estudar, aprender renda não faz mal. A nossa mãe ensinava quando tínhamos 5 anos. [...] eu vendia lá no Retiro, mas nunca mais fui. Muita gente antes aqui fazia e hoje não faz mais ninguém. Tem mais 2 ou 3 para fazer. Eu ia lá no retiro vender, mas de pé eu não vou mais, [em razão] dessa perna aqui eu tive um acidente na Lagoa.”(Gabriela, moradora da Vila)

O “estudo” ao qual se refere dona Gabriela é um elemento fundamental para se compreender o trabalho das mulheres da Costa da Lagoa hoje em dia. Se “antes” as mulheres participavam das atividades da roça e da “casa”⁴⁴, atualmente muitas delas⁴⁵ investiram em cursos técnicos ou superiores. Assim que durante a semana, muitas mulheres

⁴⁴ Neste momento é importante lembrar do conceito de Casa e Rua de Roberto Da Matta. De acordo com o autor: “Quando, então, digo que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas, e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (Da Matta, 1991: 17)”

⁴⁵ Estou me referindo às mulheres já que pude observar mais mulheres do que homens com ensino técnico/superior.

trabalham em outros bairros da cidade e, nos finais de semana, toma parte no trabalho dos restaurantes.

Em função principalmente do trabalhar “fora”, as crianças estão mais aos cuidados das avós, tias, primas⁴⁶, estas geralmente do lado do pai. Todavia, o auxílio de parentes no cuidado com as crianças não algo novo na Costa da Lagoa: segundo os atuais moradores do local o compartilhamento dos cuidados com as crianças data do “tempo dos antigos”. Da mesma forma, as parturientes recebem o apoio e a ajuda de suas sogras, cunhadas, irmãs e mães. Sogra e irmãs mais velhas costumam se revezar nos cuidados com a parturiente e com o recém-nascido, sobretudo quando o marido não está em casa. As parentes de uma parturiente podem ajudá-la com as atividades domésticas, distribuindo-se entre a limpeza da casa e preparo das refeições.

Rafaela, de 27 anos, recebeu apoio de seus familiares e de amigas, uma assistência indispensável ao cumprimento das tarefas domésticas de responsabilidade de uma mulher, além de ser um espaço de aprendizado tanto para as mulheres mais jovens como para as “mães de primeira viagem” sobre os cuidados com as crianças.

2.4 Empréstimos de filhos e os Viúvos: Outros auxílios entre parentes

No “tempo dos antigos” era corrente que uma mulher com muitos filhos “emprestasse” um de seus filhos (as) à uma irmã ou parenta sem prole:

‘Ela [a tia] não tinha filho para mandar nele, para ir a uma venda, buscar leite, fazer as coisas para ela, ajudar ela a fazer as coisinhas.

⁴⁶ Apesar de me referir exclusivamente às mulheres nos cuidados com as crianças, isso não quer dizer que os homens não têm participação nas tarefas associadas às crianças. Buscar e levar para a escola entre outros cuidados são geralmente realizados pelos pais/parentes homens.

Aí, como eu tinha, eu disse para ela, “não, eu tenho, se queres eu dou um para tua companhia.” Aí, ele foi e ficou; e lá casou.” (...) “É, quem tem muito tem que ajudar quem não tem né?” (Gabriela, 78 anos)

Apesar de poucos relatos sobre este “empréstimo” de filhos, o levantamento genealógico mostrou que alguns indivíduos foram criados por tios/ tias maternas ou algum outro parente em razão da morte da mãe. A ausência de filhos após anos de casamento era um dos principais motivos para o “empréstimo de um filho”. O casal recebia uma criança de alguma irmã, geralmente da esposa e apesar da criança ser criada como filho (a) do casal, a referência à mãe biológica não se extinguiu com o empréstimo e nem a tia ou o tio eram referidos e tratados como mãe e pai, respectivamente.

O empréstimo de filhos⁴⁷ acontecia por outro motivo: após o falecimento de um dos pais -- ou ambos -- mas principalmente quando uma mulher “morria de família”, isto é, morria no parto. O viúvo é visto como alguém incapacitado para criar os filhos órfãos, daí o envio destes a parentes maternos, quase sempre irmãos (as) casados (as) da falecida.

No caso de Joaquim, 76 anos morador da Vila, seus quatro irmãos foram divididos entre seus tios maternos. Alguns anos após a morte da mãe, o pai de Joaquim casou-se novamente e antes de morrer doou sua propriedade aos filhos do primeiro casamento. Já Salvador, 82 anos e morador da Praia Seca, seu pai, após o falecimento da mãe, casou-se em pouco tempo. Na ocasião da morte da mãe, ele ainda era um bebê e acabou passando de “família em família”. De casa em casa, inclusive as dos três casamentos de seu pai, ele não conhece seus irmãos de “sangue” (biológicos), apenas os de criação adotiva. Seu pai não

⁴⁷ De forma bastante aproximada, Fonseca(2000) denomina esta prática como “circulação de crianças”.

deixou herança aos filhos, como explica Salvador, “*Gastou tudo na bebida*”.

Seu Carlos, 70⁴⁸ anos, também tem uma história de morte da mãe no parto de um de seus irmãos. Neste caso, os órfãos “cresceram sozinhos”, não tendo sido enviados para a casa de parentes, crescendo como “agregados” das famílias dos locais em que trabalhavam. Suas irmãs, ao contrário, foram dadas para o irmão da mãe.

Além da divisão dos cuidados e do “empréstimo de filhos”, os idosos e os viúvos em especial, recebem assistência e cuidados dos demais parentes, sobretudo daqueles que residem próximo deles. Mas, é possível perceber que o tratamento reservado aos viúvos e viúvas é bastante diferente. As viúvas costumam receber visitas diárias de filhos e netos e em algumas situações, ajuda financeira ou pequenos favores como idas ao mercado e acompanhamento nas idas à “cidade” (Florianópolis) para receber a aposentadoria ou fazer compras. Após a morte de seu cônjuge estas mulheres permanecem em suas casas, mesmo que sozinhas.

Já os viúvos são alvo de maiores cuidados. Quando permanecem em suas casas são assistidos pelas noras e netas que diariamente levam refeições, arrumam a casa e cuidam de suas roupas. Igualmente,

⁴⁸ No período em que estas pessoas nasceram e tiveram filhos, a maioria dos partos acontecia em casa com o auxílio de uma parteira. O trecho abaixo da entrevista de Dergícia que fez todos os partos em casa, mostra um pouco de como os partos aconteciam naquela época:

“A sr^a teve todos os filhos em casa? - Sim. Quem fazia os partos? - Uma senhora daqui, chamada Georgina. Era uma senhora idosa, com mais de 60 anos. Era uma morena. Era só chamar que ela vinha? O marido ia até a casa dela, ela morava lá embaixo. Ela vinha, fazia o parto e ia embora. [O resguardo] “é uns 15 dias. Ganhava hoje, depois de 3 dias a gente voltava. Mas não era para lavar roupa, não prestava mexer nas caixas para guardar roupa, varrer casa. Como o meu marido era muito bom, o primeiro filho, que foi a Elisa, a minha cunhada Rosa tratou. E ele [o marido] tratava de mim. Contratou uma lavadeira e ele fazia tudo [dos afazeres domésticos].” (Dergícia.)

recebem de seus filhos os mesmos favores que as viúvas: os filhos e filhas costumam fazer compras para o pai e o acompanham ao centro da cidade, em bancos e médicos. Normalmente, estes cuidados são feitos pro aqueles parentes que residem próximos, isto é, num mesmo terreno.

Alguns viúvos recebem mais atenção e vigilância da parte dos parentes. Esta vigilância refere-se ao temor familiar de que os viúvos se suicidem. Não são raros os casos de homens idosos que se enforcavam algumas semanas ou meses após a viuvez. Dai a constante vigilância sobre eles. Costuma-se, por exemplo, retirar da casa todos os eletrodomésticos e móveis, exceto a cama. Esse cuidado teve início logo após o enforcamento de um senhor, morador da Praia do Sul, que num breve momento de descuido dos filhos se enforcou com os fios do rádio. Antes deste episódio, os familiares costumavam retirar apenas os objetos “cortantes” e as cordas. Os viúvos que recebem estes cuidados são os que costumam pedir para serem “levados” e “morrer logo”, dizendo que o certo era que eles “fossem” primeiro que as suas esposas. Daí a preocupação de seus parentes.

De toda forma, esta vigilância dura apenas um período e aqueles que passam por esta fase recebem de volta seus móveis e eletrodomésticos, e passam a ser assistidos pelos parentes vizinhos. Restabelecida suas vidas, os viúvos voltam a frequentar os bailes locais e, ocasionalmente, podem estabelecer um novo relacionamento amoroso.

2.5 Do namoro no sofá ao dormir em casa: Os sentidos do namoro.

As formas que os moradores usam para falar sobre o namoro na Costa da Lagoa são próximas, na sua estrutura temporal, daquelas usadas para fazer referência à família. Independente da geração de um ego, o namoro é sempre um assunto que, como a família, está disposto num continuum temporal: há o “namoro de antes” e o “namoro de hoje”.

As diferenças entre o namoro de antes e o de hoje não apresentam uma visão necessariamente positiva ou negativa. Ora um, ora outro podem assumir lugares de positividade e de negatividade, como veremos a seguir.

2.5.1 O namoro de antes

O namoro “como antigamente” é marcado pela vigilância familiar, seja ela a dos pais ou a de qualquer outro parente. É justamente pela vigilância constante dos pais/parentes, que os jovens iniciavam o namoro muitas vezes escondidos, os quais se resumiam a conversar, trocar olhares e versos.

Carolina, de 50 anos, conta que no início do namoro, ela e seu atual marido marcavam de namorar na trilha. Ao ouvir qualquer barulho que indicasse alguém se aproximando, ambos corriam para lados distintos do mato, para que ninguém os avistasse juntos e pudesse contar para os pais dela. Após um tempo de namoro, o pai de Carolina permitiu o namoro, exclusivamente na casa dos pais e sob a vigilância dele. Como diz Carolina, “um beijo na boca tinha que ser escondido”. Como Carolina, Margarida de 48 anos, moradora da Praia do Sul, também relembra o namoro da sua época de juventude:

“O pai naquele tempo não brigava, porque tinha hora de chegar e de sair, tinha hora do namorado sair da casa da namorada, não saía para o baile sozinho, só acompanhada. Agora namorada já dorme na casa do namorado, já tá tudo complicado agora. No nosso tempo não, ninguém sabia o que era camisinha, né? Não sabia o que era comprimido...”

Nos namoros era obrigatório algum acompanhante, de preferência um parente mais velho para ir com as moças ao baile, festas ou aos bairros vizinhos. O horário de entrar e sair do baile assim como o de chegar ou sair de casa era rigidamente determinado pelos pais, em especial, pelo pai.

Apesar do que Margarida comenta, dos namoros serem controlados principalmente em função da sexualidade, havendo temor por parte dos pais do sexo antes do casamento, havia certa liberdade de “experimentação” de parceiros. A “experimentação” é que tanto uma moça como um rapaz podiam trocar de namorado (a) quando bem desejasse sem que sobre eles pesasse “má fama”. Natália, 52 anos, moradora da Praia Seca, ao falar sobre esse assunto comenta:

“Naquela época era comum, não como é hoje. Eu que nunca tive nenhum, foi o primeiro. Mas a minha irmã teve vários. (risos). Ela gostava mais, era mais vaidosa, gostava mais de sair, passear. Eu já era mais parada, que até hoje ainda sou. Mas não era como é hoje de “ficar”, não tinha esse hábito não, era namorar normal.”

Tanto para os homens como para as mulheres, o atual cônjuge não foi o primeiro namorado. Alguns namoram poucas vezes e apenas com pessoas da Costa da Lagoa, enquanto outros afirmam terem tido namoros com moças ou rapazes de outros bairros, vizinhos da Costa da Lagoa, como o caso do Rio Vermelho, da Barra da Lagoa e de Rationes.

O tempo que durava um namoro de antes, ou seja, do namoro até o casamento era bastante variável, mas, não eram tão longos como o tempo de namoro “de hoje”. Existem relatos de namoros que duraram de quatro ou cinco anos e ao mesmo tempo, namoros de alguns meses e ou semanas, como conta Ivone: “*O meu marido era primo meu,*

namoramos 2 meses e 2 dias, e graças a deus , ele morreu com 70, tive casada uns 50 e poucos” (Ivone, 80 anos)

Ivone, moradora da Praia de fora, conta que o tempo de namoro está em relação direta com a mulher ser “quente” ou “fria”. A “mulher quente”, segundo ela, como o seu caso, é a que logo “cede”. Isto é, uma mulher “quente” é aquela que quer e que permite sexo logo no início de um relacionamento amoroso. Já a “mulher fria” é aquela que não manifesta interesse por sexo. Apesar da virgindade ser um valor para homens e mulheres desta geração -- a do “namoro antigo” -- há de fato poucas evidências de relações sexuais antes do casamento ou do uso de métodos contraceptivos.

Os modos de pensar e vivenciar namoro, casamento e sexo no tempo “de antes” estão expressos nos versos da brincadeira de Ratoeira⁴⁹. Uma brincadeira de roda, a ratoeira, em desuso nos dias atuais, consiste em citar versos sobre estes temas, como se segue:

“O pepino quando nasce, nasce verde e compridinho, eu também gosto de amar moço alto e moreninho.”[..]“A folha de bananeira de comprida foi ao chão, a barra do teu vestido chega ao meu coração.”[..]“Quando tu passar por mim, bota teu olho no chão, pode nós se querer bem e o povo dizer que não.” [..]“Eu não vou na tua casa, porque tem muita ladeira, o teu pai é homem bom e a tua mãe é faladeira.”[..]“Menina fala ao teu pai que não coma de colher,ele está para ser meu sogro e você minha mulher.”[..]“Quando entrei na Ratoeira não entrei para cantar, quem meu coração queria na Ratoeira não está” (Versos de Ratoeira)⁵⁰

Além dos versos, todos enfatizam a importância de ouvir e seguir o conselho das mais velhas. As mulheres se aconselham com suas mães e avós sobre diversos assuntos do namoro, enxoval e fugir. Já os

⁴⁹ A Ratoeira é uma brincadeira de roda, em que uma pessoa é colocada ao centro e deve rimar ou recitar versos. Nesta brincadeira, a agilidade esperada é a da resposta. De acordo com Brunn(2006) a ratoeira é também: “[ratoeira] muito utilizada para fazer declarações de amor ou revelar segredos”.

⁵⁰ Os versos citados foram escolhidos entre os que as pessoas mais se referiam e constam também na apostila que os moradores da Costa da Lagoa organizaram sobre a sua própria história, intitulado: Lembranças do Passado. Esta apostila vem de um esforço dos alunos do antigo programa do EJA .

homens costumavam falar com o pai ou algum homem da família sobre o namoro, futuro casamento ou intenção de fugir. Mas, parece que era próprio das mulheres a procura por conselhos sobre estes assuntos. Ivone comenta sobre a importância de ouvir os mais velhos a respeito do namoro:

“Quando um velho der um conselho pra ti, tu aceita: Ah minha filha, esse aqui não dá porque já fez com fulana assim, não deu certo. É uma escola que tu já pegas. Não te atiras. Primeiro faz a explicação bem direitinho, vai no baile, numa festa e vê como ele anda. Outro dia vai no baile e vê como ele é.”

Ao que tudo indica a diferença entre o “namoro de antes” e o “de hoje” está no sexo. O namoro de antigamente não incluía o intercuro sexual entre os namorados. Isso ocorria apenas depois de casado. Havia da parte dos pais uma grande preocupação e precaução para que o ato sexual se consumasse apenas e tão somente depois do casamento. A fuga, ao menos do ponto de vista das mulheres, apressava o namoro e a consolidação da união lhes possibilitava alguma liberdade, ao menos em relação ao controle exercido por pais e irmãos sobre elas. Para Salete, 46 anos, moradora da Praia do Sul,

“[...] naquela época a gente tinha que se escapar porque os pais e as mães não prestavam, não davam estudo nem emprego pra gente. A vida hoje está tão boa, não sei para que casar. São todos donos do nariz, estudam, passeiam, tem seu dinheiro e seu emprego. A mãe, antes, não deixava nada”.

Atualmente, o sexo no namoro é permitido e os namorados podem pernoitar na casa dos pais de um dos cônjuges. Além disso, o namoro não é mais escondido e inclui um novo “estágio”, o “ficar”.

2.5.2 O namoro de hoje

Como descrito acima, o namoro de agora apresenta várias diferenças daquele de um passado não tão distante. Se este tinha início a partir de conversas que incluíam os versos dos rapazes, hoje o namoro começa com o “ficar” e com mensagens de celular/internet. “Ficar”⁵¹ inclui encontros, beijos e carícias sem que entre os “ficantes” se estabeleça qualquer compromisso. Paquera-se, conversa-se e fica-se. Talvez, tudo isso vire namoro. E “ficar” pode ocorrer em festas, bailes ou mesmo na saída da escola.

Tudo certo, depois do período de “ficante”, passa-se para o namoro propriamente dito. Cada casal estabelece o momento em que comunicam aos pais o namoro e poucos pais apresentam qualquer resistência ao desejo dos filhos. Os pais podem, como no caso de Isabela, 16 anos, moradora da Baixada, estabelecer horários para o namoro, para “não prejudicar o estudo”. Outros, como os pais de Júlia, 19 anos e desde os 16 tem namorado, estabelecem dias em que a filha e seu namorado podem dormir juntos.

Em geral, após a “oficialização” do namoro, os pais raramente intervêm em qualquer assunto. Há anuência dos pais em relação ao sexo durante o namoro, aceitando que os namorados durmam na casa dos pais de um dos cônjuges algumas vezes na semana e até mesmo diariamente. A oficialização do namoro não envolve apenas a comunicação aos pais ou familiares. Em muitos casos, o casal de namorados usa alianças, geralmente de prata gravadas com o nome do(a) namorado (a). As alianças de namoro incluem alguns modelos com uma parte superior giratória. Além das alianças, algumas moças ganham de presente de seus namorados a letra inicial do nome do moço para usar em uma corrente, como pingente.

No entanto, o que desperta maior estranhamento, por parte das gerações mais velhas em relação ao namoro de hoje é seu tempo de duração. Se para gerações anteriores, um namoro de cinco anos era visto como muito prolongado, atualmente há namoros que ultrapassam dez anos. Além disso, se anteriormente as pessoas passavam do namoro diretamente para o casamento, agora existe uma nova etapa, o noivado.

⁵¹ “Ficar” não é um termo exclusivo da Costa da Lagoa, sendo comum em boa parte do Brasil e em todas as camadas sociais.

Entre os casais com namoros longos há dois casos exemplares. O primeiro deles é do namoro de Sara, 27 anos e Daniel, 31. Sara reside na Praia do Sul, trabalha como diarista durante a semana e estuda para ser técnica em enfermagem no período da noite. Nos finais de semana trabalha na cozinha do restaurante da sua prima.

Daniel, seu namorado, mora na Vila e é o filho mais velho, formou-se em Administração de empresas, trabalha na contabilidade e no atendimento do restaurante do pai e, aos poucos está adquirindo o estabelecimento. Ele foi o primeiro namorado de Sara e o romance começou quando ela tinha 15 anos. Após dois anos de namoro, o casal começou a planejar a futura casa. Daniel adquiriu parte do terreno de um tio paterno, em uma região muito valorizada da Vila. Depois, o casal passou a investir todas as suas economias na construção da casa. Quando completaram dez anos de namoro, resolveram noivar e trocar alianças. Contudo, os parentes mais velhos esperavam que tão cedo a casa estivesse pronta o casal iria fugir. Mas, o casal não dava sinais de fugir e sim manifestaram a intenção de “morar junto”, o que ainda não ocorreu. A demora na efetivação da união deve-se, segundo a noiva, a sua vontade de “terminar os estudos”.

O segundo casal namora há 15 anos. Luana, 31 anos, moradora da Praia Seca, trabalha na cooperativa de barcos. Klaus, 32 anos, também morador da Praia Seca, trabalha com a pesca e no restaurante do pai nos finais de semana. Diferente do casal anterior, Klaus e Luana ainda não possuem uma casa. Ele começou a construir uma casa em 2005 no terreno de seu pai, mas com a mudança na legislação territorial de Florianópolis, a construção da casa foi embargada pela prefeitura.

Luana e Klaus namoram desde o colegial e há 8 anos dormem juntos, mas, apenas nos últimos 5 anos isso ocorre na casa dos pais dela. O casal pretende se casar em breve, no civil, sem noivado e casa pronta. Luana diz preferir “demorar para casar”, pois na casa de sua mãe divide as tarefas domésticas enquanto que casada teria que realizá-las sozinha.

Não são apenas estas duas mulheres que pretendem alongar o namoro por bastante tempo. Muitas moradoras da Costa da Lagoa que namoram atualmente pretendem finalizar sua formação escolar - normalmente cursos técnicos ou 3º grau -- ou estar em melhores condições econômicas, antes de casar. É para os rapazes que a

necessidade e quase obrigatoriedade da posse da casa se apresenta de forma mais clara.

Os longos namoros dos moradores da Costa da Lagoa, entretanto, extrapolam as limitações de ordem sócio-econômicas. Tanto para as moças mais jovens quanto suas avós percebem a solteirice como um momento muito bom na vida de uma mulher. Como já informado mais acima, ser solteira é sinônimo de “liberdade”. Nas gerações de mulheres mais velhas, com idades entre 40 e 80 anos, ir do namoro ao casamento, no caso à fuga, representava estar livre em relação à vigilância e exigências dos pais. Todavia, para as mulheres com menos de 35 anos, não há mais esta urgência em se “libertar” dos pais; a questão agora é não ficar presa ao marido.

Luana, 31anos, esclarece muito bem o significado do casamento na atualidade: *“casar para que? Estou bem na casa da minha mãe, se eu casar, tem que cuidar de tudo sozinha, da casa, comida. E depois, nem vou ter tempo de ir a um baile”*. Para Melina, 32 anos, moradora da Baixada, *“Quem casa, não sai de casa”* e casar é não poder sair sozinha, é depender da companhia e aprovação do marido para qualquer passo, inclusive decidir o destino do próprio salário.

Tal apreciação sobre o casamento não é exclusividade das mais jovens. Salete, 46 anos, moradora da Praia do Sul acha que,

“[...] naquela época a gente tinha que se escapar porque os pais e as mãe não prestavam, não davam estudo nem emprego pra gente. A vida hoje tá tão boa , não sei para que casar. São tudo dono do nariz, estudam, passeiam, tem seu dinheiro e seu emprego. A mãe antes não deixavam nada.[..]”

Para as mulheres da geração de Salete, os jovens têm uma situação privilegiada em relação às gerações anteriores, pois contam com seu próprio dinheiro e tem permissão para dormir com seus namorados. Margarida, 48 anos, moradora da Praia do Sul pensa assim também e diz:

“Vão casar para que? Podem dar uns peguinhas com os namorados, depois cada

um pro lado, as mãe deixam dormir juntos. Casar para que? Depois não quer mais o namorado, arruma outro (risos). Todo mundo antigamente casava com 15, 16 anos, se mandava”.

Assim como a preocupação em casar logo parece ser coisa do passado, a fuga, principal forma de estabelecer uma união matrimonial, parece ter caído em desuso. A fuga, dizem os jovens da Costa da Lagoa, é o “*casamento dos antigos*”. É à fuga ou ao casamento no civil e religioso que o morar junto se apresenta como alternativa mais interessante, já que ao contrário dos primeiros não implica em tantas “responsabilidades”. Voltarei a esta questão de forma mais detalhada no capítulo III.

Dizer que há uma preferência por morar junto e por menos compromisso não significa afirmar que estas mulheres não desejam mais se casar. Pelo contrário. O casamento continua na lista de prioridades de homens e mulheres da Costa. O que ocorre é que a idade para casar aumentou e esse alargamento do tempo de solteirice é visto como “aproveitar a vida de solteira”. Se as mães e avós de muitas destas jovens se casaram entre 16 e 18 anos, atualmente as mulheres casam entre 25 e 35 anos.

É interessante observar que se numa geração o casamento representava “liberdade” em relação à vigilância dos pais sobre os filhos (sobretudo sobre as filhas), atualmente a preocupação das mulheres é manter mais independência em relação aos maridos e obrigações conjugais. No entanto, se os pais agora permitem/toleram tanto o namoro como o intercuro sexual da filha antes do casamento, o controle sobre os namorados não diminuiu e continua sendo exercido pelos pais e pela comunidade familiar como um todo. E essa vigilância é exercida sobretudo nos baile e festas.

2.5.3 Baile, Futebol e Festas em Casa: Encontros amorosos

Os bailes na costa da lagoa acontecem no salão paroquial da Vila. O salão paroquial é uma das maiores construções da Costa. Em formato retangular o salão conta com duas portas, uma ao lado da igreja que raramente é usada em dias de baile ou nas festas, e outra voltada para a trilha, ou seja, no lado oposto à lagoa. Ao lado desta porta que chamaremos de principal, existe uma pequena janela da bilheteria. Os ingressos variam entre 5 ou 10 reais para as mulheres e entre 10 ou 15 reais para os homens.

No interior do salão a pista de dança é oval e rebaixada. Ao redor dela estão dispostas as mesas, sob um telhado com telhas aparentes. Aos fundos do salão há um palco em concreto, com banheiros laterais. Logo na entrada do salão, no lado esquerdo, avista-se um balcão, igualmente em concreto e dois freezers. Os bailes costumam iniciar às 22:00 horas, encerrando-se às 3 horas.

No inverno os bailes acontecem uma vez ao mês, no final da primavera e no verão, duas vezes ao mês. Mas, podem ser suspensos por motivos diversos como, por exemplo, o falecimento de um morador da Costa da Lagoa. Os bailes são animados por bandas de vanerão⁵², forró. As bandas podem ser de músicos do próprio local. Para estes estilos a dança é em par. Os parceiros de dança são namorados ou casados, no caso dos solteiros ou da impossibilidade de algum namorado ou cônjuge, o par do dançarino será algum parente. Os meninos, entretanto, costumam ficar encostados no balcão, bebendo, enquanto as meninas dançam umas com as outras.

As meninas comprometidas -- namoradas ou noivas -- costumam dançar entre si, pois, como disse Carmem, de 17 anos, moradora da Vila, *“se ela dançasse com outro rapaz, os amigos do*

⁵² De acordo com Hoffmann (2007), o Vanerão é uma modificação de outros ritmos. Segundo o autor:

“A vanera (ou vaneira) tem ligações com a habanera, ou havaneira, música crioula de Cuba com grande repercussão na América Latina e Caribe durante o século XIX (Sandroni, 2005). Durante meu campo, soube de variações como “vanerinha” e “vanerão” (ou vaneirão). À vanerinha, corresponderia um andamento mais lento, à vanera um andamento um pouco mais rápido, e ao vanerão algo bem acelerado –nas palavras de um dos músicos: “algo a uns 120 km/h” (Hoffmann, 2007:7)

namorado que estavam ali presentes no dia seguinte contariam para ele e aumentariam o caso.” O cuidado que os cônjuges – e as pessoas sobretudo – em não serem alvos de falatórios ou fofocas com conotação amorosa, mostra a importância e o peso da opinião de parentes e de toda a comunidade sobre as pessoas e suas vidas amorosas. .

Na cidade de Florianópolis temos o time de futebol do Avaí⁵³ cuja sede fica dentro da ilha e o time do Figueirense que está sediado no continente⁵⁴.

Os jogos de futebol são também espaços de encontro e de vigilância sobre namoradas e namorados. Florianópolis conta com dois principais times de futebol – Avaí e Figueirense. Na Costa da Lagoa os jogos do Avaí são assistidos em um bar na praia do Sul e os do Figueirense na mercearia da Vila. Estas reuniões para assistir aos jogos assemelham-se às festas, sendo os participantes pagam R\$ 5,00 para participar, o que inclui o almoço. A bebida é paga à parte, individualmente. No recinto os participantes se organizam da seguinte forma. Próximos à televisão estão os homens solteiros e casados, seguidos de casais com seus filhos, netos e moças solteiras ou com namorados.

O retorno da festa do jogo é por barco, já que a trilha está escura nesse momento. É possível perceber uma evitação de que moças solteiras e homens casados ou comprometidos desacompanhados viagem no mesmo barco. Um barqueiro casado não deve transportar, naquela hora, moças solteiras ou não acompanhadas por seus namorados ou maridos. Ele e elas podem ficar “falados”.

Todavia, se a rede de fofoca e vigilância pode desagregar casais, permite também novos encontros amorosos. É nas festas “em casa”, ou seja, que acontecem no pátio das casas que os encontros e os romances têm início.

⁵³ O Avaí é um time da cidade de Florianópolis, cujo estádio chamado de “ressacada” fica na parte sul da ilha.

⁵⁴ Pode-se pensar que os dois times de alguma forma “dividem” os moradores da Costa da Lagoa. Quando os times jogam ou se enfrentam tanto as comemorações como os locais em que as pessoas se reúnem para assistir aos jogos ficam em lados opostos. Os dois times também dão ensejos para brincadeiras entre as pessoas, no entanto, apesar da rivalidade entre os clubes, esta rivalidade entre os torcedores não ultrapassa eventuais piadas ou brincadeiras.

As festas “em casa” começam logo no final da tarde e tão cedo os convidados comecem a chegar, serve-se peixe frito como petisco. Nestes eventos, o número de convidados raramente ultrapassa vinte pessoas e há “pares” previamente e intencionalmente escolhidos, tendo em vista o sabido interesse de moças e rapazes uns pelos outros. Os rapazes interessados em se aproximar de alguma moça em especial podem solicitar ao dono da festa que a convide

Após os “comes e bebes” os rapazes convidavam as meninas para dançar e vão trocando de par. As conversas de mulheres e homens da família que organiza a festa é voltada para a reunião de determinados pares. Os mais velhos costumam ver estes momentos como adequados para que novos casais se formem. Tudo isso porque é sabido de todos que “*na costa falta mulher*”, sobre o que tratarei mais adiante. Além disso, a depender da idade, os rapazes demonstram ter uma certa pressa em arrumar uma namorada “séria”, pois, segundo eles, suas mães desejam que eles “*saiam logo de casa, arrumem uma mulher*”.

Essa é uma opinião geral na Costa: ali faltam mulheres. Daí os rapazes que “*namoravam fora da costa*” ou casavam-se com mulheres de outra localidade da ilha. Há localmente poucas “opções” de mulheres para casar. Sobre isso voltarei mais a frente. Essa certeza da parte dos moradores da Costa parece remeter menos a um desequilíbrio nos percentuais de homens e mulheres, do que aos critérios que definem quem são os cônjuges possíveis para uma determinada pessoa. No capítulo a seguir em que tratarei da principal forma de estabelecimento de uniões matrimoniais, descreverei como se dá a escolha do cônjuge e as implicações que este modo tem sobre a disponibilidade de cônjuges.

Capítulo 3-A Fuga: O casamento dos Antigos

“Nós namoramos quatro anos antes de fugir. No fim de quatro anos, falei: vamos embora, fugir? Perguntei: tu gostas de mim mesmo? Não vai me passar para trás? Então vamos embora. Era assim o papo [...] Naquela época, a gente convidava para ir, carregava e não fazia casamento e agüentava toda a vida. Agora vão de véu, vão de daquilo, vão fazendo fantasia e não agüentam 8 dias. Por que?”(Seu Vicente, 78 anos, pescador e morador da Praia do Sul)

Neste capítulo descreverei a fuga matrimonial como vista e praticada pelos moradores da Costa da Lagoa, principal forma de união matrimonial nesta comunidade. Igualmente, procurarei evidenciar como a fuga cria uma rede de relações entre os moradores da Costa e os de outros bairros da cidade de Florianópolis, enfatizando, criando e desfazendo laços de parentesco. Para tanto, depois de situar o leitor sobre a fuga matrimonial, apresento a fuga na Costa da Lagoa assim como a sua possível transição para o “morar junto” e a convivência desta prática com o casamento realizado no civil ou no religioso.

3- “Fugir”, “ser roubada”, “casar de trouxinha”, “morar junto”: Dos nomes e das formas da união matrimonial

As uniões consensuais no Brasil não constituem novidade. Conhecidas como “fugir” e “amasiar” a união consensual figurou entre as principais formas de matrimônio sem festividades ou registro no civil/religioso. De acordo com a historiografia, as uniões consensuais – classificadas como “ilegítimas”- estavam longe de ser inexpressivas e, pelo contrário, eram a forma mais corrente de união matrimonial, principalmente no sul e sudeste do Brasil, durante os séculos XVIII e XIX (Samara, 1985; Nizza, 1984; Arend, 2001). Justamente pela importância da fuga, como uma das formas das uniões consensuais, a

Igreja católica e o Estado/Coroa criaram punições para coibir as uniões consensuais no Brasil.

Igualmente, têm-se notícias de que as uniões consensuais, em especial a fuga matrimonial, estavam/estão presentes em outros países, tais como Espanha (Pitt-Rivers, 1976). Se a fuga matrimonial no Brasil apresenta muitas similaridades na forma em que se desenrola, o mesmo não ocorre quanto aos sentidos que assume de um lugar para o outro. Os autores que se debruçaram sobre a fuga apresentam razões muito diversas para sua existência, como veremos a seguir.

Se tomarmos alguns trabalhos em que aparecem referências à fuga matrimonial, tais como Woortmann e Woortmann(1993), Maluf(1993), Gnacarini(1989), Silva (1994), Gimeno(1993), Wiggers(2006), Pitt-Rivers(1979), Lupi e Lupi (1985), Arend(2001) e a minha própria pesquisa sobre a fuga no bairro do Rio Vermelho e agora na Costa da Lagoa, é possível dizer que a fuga matrimonial segue um “padrão” no que concernem às etapas e formas de se efetivar. O “padrão” ao qual me refiro diz respeito às “etapas” da fuga, tendo como primeiro “ato” a decisão do casal de fugir e as tratativas quanto à data, horário e local em que ocorrerá.

A fuga como um todo pode ser resumida da seguinte forma: o rapaz busca a moça em um lugar combinado e eles fogem para algum local, lá permanecendo por um certo tempo, retornando à casa da moça para que ela pegue alguns pertences, e partem para morar em alguma casa. A partir deste momento, serão considerados casados pelas suas comunidades e familiares. Em alguns casos, o casal fujão poderá “oficializar” a união, casando-se no religioso e/ou no civil.

Esta é a forma geral como se dá a fuga matrimonial, seja na Costa seja em outras localidades do Brasil. A comparação entre a fuga praticada na Costa e as em outras realidades etnográficas – seja o Sergipe estudado por Klaas e Ellen Woortman (1993) ou o Canto da Lagoa referido por Maluf(1993) – nos revela algo que chama bastante a atenção. No Sergipe estudado por Woortmann e Woortman(1993), apesar da fuga se constituir em uma prática bastante presente, não representava, como na Costa, a única forma união matrimonial. Pelo contrário, ao longo do artigo dos autores, é possível observar que nos locais onde a fuga era praticada, ele convivia lado a lado com o casamento na igreja/civil.

De forma aproximada, nos estudos realizados em outros bairros da cidade de Florianópolis, que abordaram direta ou indiretamente a fuga, esta sempre aparece ao lado do casamento civil ou religioso. Mais especificamente, no trabalho de Silva (1994) no bairro da Cachoeira do Bom Jesus, no de Wiggers(2006) no bairro da Caiera Barra do Sul e no meu próprio estudo sobre a fuga (2008) no bairro do Rio Vermelho, a fuga é praticada por apenas uma parte da população do bairro e não se configura como a principal forma de casamento.

Certamente não é o caso de propor uma comparação quantitativa. O que interessa é que na Costa da Lagoa a fuga surge, no levantamento genealógico realizado e no discurso dos moradores, como a principal forma de união matrimonial. É assim que das 425 pessoas que figuram no levantamento genealógico realizado no período de campo, o qual será apresentado no capítulo IV, apenas sete casais - 14 pessoas -- em seis gerações se casaram sem ser através da fuga. Ou seja, menos de 5% do universo levantado. Todos os demais fugiram para casar.

Na comunidade da Costa da Lagoa, a fuga foi durante muito tempo a forma principal de união matrimonial. Apenas nos últimos anos –como veremos mais adiante – percebe-se uma redução, situação que divide com os demais bairros da cidade de Florianópolis.

A fuga na Costa da Lagoa é nomeada de várias formas. Primeiramente, a designação varia em conformidade com o gênero do sujeito que fala. Do ponto de vista dos homens, a fuga configura-se como roubo. Ou seja, a ação é prerrogativa deles, que não fogem e, sim, roubam suas esposas. Já do ponto de vista das mulheres, ou fogem ou são roubadas. Se estes são os principais termos através dos quais homens e mulheres se referem e falam da fuga, há outros, menos comuns, mas, também utilizados pelas pessoas da Costa. Quando um homem “roubou” uma moça, também pode-se dizer que aconteceu uma “corrida de ganso” ou uma “fuga”. Uma mulher que fugiu também pode ter casado “de trouxinha” ou, na atualidade, como propomos, ficou “junto”.

Ivone, 80 anos, ao falar sobre a fuga de seus parentes conta:

“A Benta casou. (..) Ela casou de trouxinha também, fez trouxinha e fugiu.

Tem filho, uns 4 , mas eu não sei qual é o nome deles.(...) “Eu saí com ele, fugi com ele dia 22 de fevereiro.(...) [Minha cunhada] fugiu, ela era do Rio Vermelho. Ele foi lá pro baile, a passear e roubou ela de lá. Trouxe ela para cá, fez casa aqui e morou ele e mais ela”.

Natália, 52 anos moradora da Praia Seca usa também estes termos para se referir ao seu casamento assim como ao de seus parentes:

“O Samuel roubou também. Nada de casamento, todos roubaram.[..] É a mesma coisa, o mesmo significado. Eu saí de casa aí eu fugi né, com ele . Ele foi lá buscar , então ele me roubou né.”

A fuga também pode ser referida através do termo casado. Dona Katarina, 81 anos, moradora da Praia Seca se diz “casada” e quando indagada sobre como se deu seu casamento, ela diz que “fugiu”. Como ela grande parte dos moradores da Costa da Lagoa se diz casado referindo-se à fuga.

Fugir é um momento importante na vida de um casal, mesmo que mais tarde os cônjuges resolvam casar no cartório ou na igreja. Para algumas pessoas, a data em que se deu a fuga é o dia do aniversário de casamento e das bodas. Mesmo para aqueles que anos mais tarde oficializaram a união. Na Costa, ao comemorar bodas de ouro o casal conta 50 anos a partir da data em fugiram, e não a partir do dia em que oficializaram a união. É possível que os cônjuges não lembrem o dia em que oficializaram a união. Assim, ao serem indagados sobre a data do casamento, as pessoas respondem prontamente: “faz 20 anos que eu fugi”. No caso de dona Ivone, 80 anos, o dia 22 de fevereiro, é o dia do seu aniversário de casamento, dia em que fugiu com seu esposo.

3.1 Do fazer a “trouxinha” até voltar em casa: As Etapas da fuga na Costa da Lagoa.

A fuga matrimonial segue algumas etapas, presentes na fuga realizada em outras realidades, e tem início na decisão do casal de fugir, ou seja, de casar.

3.1.1- As conversas

“No fim de quatro anos, falei: vamos embora, fugir? Perguntei: tu gostas de mim mesmo? Não vai me passar para trás? Então vamos embora. Era assim o papo [...] (Vicente)”

Para alguns homens, como seu Joaquim, 76 anos, morador da Vila, a conversa com Dona Maria, sua esposa, girou em torno de saber se ela realmente desejava fugir e se não iria se arrepender. A certeza dela levou o casal a planejar a data e o modo como realizariam sua fuga. Para os casais que fugiram é na conversa decisiva sobre fugir ou não que o casal define data e horário da fuga e o local aonde irão se encontrar.

Acertados os detalhes da fuga, o casal parte para uma outra conversa, agora com os pais. O rapaz comunica ao seu pai a decisão e a moça à sua mãe. A moça nem sempre conversa com a mãe, mas o rapaz sempre avisa e pede permissão ao pai, pois é para a casa/ terreno do pai que levará a esposa.

No caso de José, 52 anos, morador da Vila, sabendo que o destino dele e da sua futura esposa seria a casa dos pais dele, consultou o pai antes de ir “roubar” a namorada. O roubo só ocorreu com a aprovação do pai. Foi a aprovação do pai que lhe deu coragem para fugir, diz ele. Ao retornar à casa paterna trazendo junto a esposa, José e sua esposa encontraram quarto e cama preparados pela mãe de José. Já em alguns casos, antes do dia da fuga as namoradas avisavam suas mães, irmãs ou amigas sobre a fuga, informando inclusive a data. Se a conversa do rapaz com seu pai envolvia o pedido de permissão, seja para roubar a moça ou para trazê-la para a casa, a conversa das moças com sua mãe, irmãs ou amigas era apenas para informar que a fuga iria ocorrer.

3.1.2 Os preparativos

A preparação para a fuga envolvia fazer uma “trouxinha”, na qual iriam roupas e objetos pessoais. Dona Zara, 81 anos, moradora da Praia Seca, conta que na sua trouxinha levou apenas roupas. Já dona Viviana, moradora da Vila, lembra que além de roupas, levou algumas peças que há tempos preparava para o enxoval, como rendas de bilro feitas na sua juventude. Para dona Margarida:

“Combinava, assim ó: [fala do namorado] ”hoje tu prepara, veste aquela calcinha” (risos)” e prepara a canoa que nós vamos fugir”. E preparava. Tinha que levar a calcinha (risos). Mas quando eu fui, eu falei para a minha mãe que eu ia fugir, e fui com ele à noite.” (Margarida, 48 anos, moradora da Vila da Praia do Sul)

Independentemente de levar pertences ou de consultar a opinião dos familiares, o maior esforço na fuga concentra-se no momento do encontro dos cônjuges até a fuga propriamente dita. Desta forma, chegada a hora, que preferivelmente deverá ser à noite, o casal “foge”.

3.1.3 A hora da fuga

Os locais de encontro para fugir variam conforme o casal. Para Carolina, 50 anos, moradora da Praia Seca, combinaram, ela e o namorado, de encontrar em uma pedra localizada no caminho entre a casa dos pais dela, situada na Vila, e a trilha principal que liga as vilas. Esta pedra, era um local onde o casal costumava namorar. Já para Melina, 32 anos, moradora da Baixada, o local de encontro foi a própria casa dos pais dela, tendo sido ela chamada pelo namorado pela janela dos fundos da casa. No caso de Gabriela 68 anos, moradora da Vila, o lugar combinado era o mesmo que o casal costumava usar para namorar, um antigo rancho de pesca, localizado na parte sul da Vila principal, hoje inexistente.

Na Costa da Lagoa, não faltam relatos de fugas com o auxílio de canoas. Algumas situações lembradas são cômicas. Sabendo que a filha ia fugir, o pai da moça decidiu “pregar uma peça” nos fujões, deixou uma de suas canoas amarrada no trapiche, mas, teve o cuidado de furar a canoa. Na pressa, o casal fujão nada percebeu e no meio da travessia, entre a Vila e a Praia Seca, local de residência da família do rapaz e para onde se dirigiam, começou a entrar água na canoa, que acabou naufragando. A fuga terminou à pé, margeando a lagoa. Mas, não restaram mágoas do casal em relação à brincadeira do pai da moça, mesmo que os fujões tenham chegado encharcados na sua primeira noite juntos. Inclusive, a história desta fuga é contada pelos próprios fujões com o tom de uma anedota.

Outros, contam que saíam normalmente, caminhando e que “aceleravam o passo” quando percebia que alguma pessoa poderia vê-los fugindo. Taís, 42 anos, moradora da Praia do Sul, lembra que quando fugiu, ao olhar para trás, na trilha percebeu as lanternas de seus parentes à sua procura. Muito depois é que soube que tratava-se de sua avó paterna. Há ainda os que fizeram parte do percurso caminhando e outra parte remando na canoa. Dona Natália, diz:

É normal. É que ninguém vê. Você sai e vai ficar na casa de outra pessoa, no caso se o namorado já tinha casa. No caso, eu vim para a casa do tio dele. Mais sai normal, não fugindo. Só não pode deixar ninguém perceber que tu estás saindo. Depois de uns 3 ou 4 dias vai pra casa buscar o que tem” (...) Na [minha] época não tinha energia, era escuro, ai a gente pegou uma canoa na praia [da Vila] e veio de canoa. (Natália, 52 anos moradora da Vila da Praia Seca)”

Para dona Bianca, 77 anos, moradora da Praia do Sul, na fuga:

“ a gente saía de casa, atrás do homem. Por onde fica, depois vai lá ao padre e casa. Combina antes. A minha filha também foi a mesma coisa, todo mundo casa

assim. Aqui não tem casamento direito. O homem andava de barco, fazia dinheiro e depois fazia a casa”.

3.1.4 O Compromisso da fuga: a primeira noite

A noite da fuga sela um compromisso entre os cônjuges. E a noite da fuga é a noite da “lua de mel”. Quando o marido de dona Margarida pede para ela levar a calcinha, parece tratar-se de uma clara referência à noite da fuga como aquela em que o casal ficará junto, quando a união será consumada. Para algumas mulheres, esta era a noite em que iriam perder a sua virgindade, principalmente em se tratando das mulheres com idades entre 50 e 80 anos. Para dona Ivone, dona Katarina, dona Hilda e dona Maria, cuja idade varia entre 60 e 85 anos, quando uma moça fugia não tinha idéia do que era o ato sexual, pois ao longo do namoro os namorados trocavam apenas beijos.

Já para as mulheres com idades abaixo dos 50 anos, a perda da virgindade nem sempre acontecia na noite da fuga. Iasmim, 68 anos, moradora da Praia do Sul ao falar sobre a sua fuga, conta ter feito “besteira” antes e ter fugido grávida. Ou seja, em alguns casos a fuga era em razão da gravidez da moça.

Os locais de permanência dos casais que fogem que nem sempre são os lugares onde o casal irá estabelecer sua futura residência, e o tempo de duração da fuga são variados. O elemento regular é que o local em que ficaram “escondidos” é quase sempre a casa de algum parente - pais, tios, avós e até mesmo primos - do noivo.

Na literatura que trata da fuga, é possível encontrar “fujões” que ao longo do período de fuga instalam-se em outro bairro e até mesmo outra cidade. Contudo, é mais comum que os cônjuges procurem a casa de algum familiar do marido. Na Costa da Lagoa, não há situações em que os casais tenham fugido para outro bairro/cidade. Ali todos vão para as casas de parentes próximos do noivo, engenhos de farinha de mandioca, ou mesmo a futura residência do casal, caso o rapaz já tenha construído a casa, pensando, exatamente, em fugir.

Para muitos casais, quando os homens optavam por se tornarem “embarcados” uma das suas razões era justamente obter fundos para a construção da casa para fugir/casar. A construção da casa por um rapaz que namora era -- e continua sendo -- um forte sinal de que ele pretende fugir. Atualmente, tanto o namorado como a namorada, contribuem para a construção da casa, como já indicado no capítulo 2.

Assim, é comum que a construção de uma casa por um rapaz ou casal gere muita expectativa na comunidade, que vê nisso sinal de uma fuga próxima. Essa expectativa inclui os familiares do casal, bem como o conjunto dos moradores da Costa e das vilas dos noivos em especial. Estes, em momentos mais descontraídos, brincam com o casal, perguntando se falta muito ou se é no próximo mês que eles pretendem fugir ou se juntar. Em outras palavras, a fuga é um acontecimento familiar e comunitário; ao mesmo tempo conhecido e desconhecido, oculto e revelado.

Mas, se a casa pode ser algo importante para a efetivação da fuga, essa não é o padrão. Em sua grande maioria, o casal que foge permanece na casa de parentes, seja durante o curto período em que estão fugidos, seja quando se reintegram à comunidade, quando irão morar com os parentes do noivo até a construção de sua própria casa.

O período de fuga, segundo os moradores da Costa da Lagoa, costuma durar alguns dias, no máximo três semanas. Este período tem uma estreita relação com o suposto “segredo”⁵⁵ da fuga e com o momento em que a fuga termina, quando os cônjuges vão à casa dos pais da moça buscar seus pertences e anunciar sua união. O

⁵⁵ É a combinação entre um segredo conhecido de todos e as reações dos familiares dos fujões que levou Woortmann e Woortmann (1989) a sugerirem que a fuga seriam “uma encenação”, destinada a preservar a honra da moça e, conseqüentemente, da família. Por este viés, é possível pensar a fuga nos moldes do “drama social” de Victor Turner (1974). Em trabalho anterior (Caruso, 2008) relacionei o momento em que os cônjuges fogem à etapa da “ruptura”. A ruptura, neste caso, seria o confronto à autoridade paterna/familiar. Quando o casal encontra-se “fugido”, o período de segredo durante o qual eles estão “escondidos”, pode ser pensado como o que Turner chamou de momento da “crise”, que tem efeitos na interação social. No retorno do casal a casa da moça, quando voltam a ver seus parentes, e o momento da aceitação e do entendimento das famílias com os cônjuges. Esta poderia ser pensada como a terceira etapa do drama, tal como proposto por Turner (1974): ação corretiva ou reparadora. Este momento, que costumeiramente é finalizado com um almoço em família, sendo o casal reincorporado à comunidade e às suas famílias, pode ser apreendido como sendo a quarta e última etapa do drama, aquela que diz respeito à reintegração.

tempo durante o qual o casal está “fugido” é também o momento em que os familiares, principalmente os parentes da moça, expressam a sua aprovação ou desaprovação à escolha feita. Em caso de aprovação, como conta Carolina, 50 anos, moradora da Praia Seca, no dia em que voltou a casa de seus pais após a fuga, estando acompanhada de seu marido, além de pegar suas coisas, o casal foi convidado para tomar café da tarde, sinalizando dessa forma a aceitação da união pelos pais da moça.

No caso de desaprovação, que veremos a seguir, os pais se queixam da decisão tomada pela filha e, em algumas situações, quando a moça retorna para buscar seus pertences, o pai ou o parente que não concorda com a união não sai de seu quarto, ou seja, não recebe os cônjuges, não dando a eles a aprovação que vieram buscar. Mesmo assim, algum tempo depois os fujões voltam a frequentar a vida familiar.

3.2 “Nem toda fuga pode”: A desaprovação da fuga.

Como veremos adiante, a princípio a fuga sempre é desaprovada. Via de regra a união não deveria ocorrer desta forma. Mas, como tenho mostrando a fuga é a forma maior das uniões matrimoniais na Costa da Lagoa. Entretanto, há fugas mais e menos aceitas pela comunidade geral assim como pelos familiares do casal fujão, sendo algumas delas alvo de uma desaprovação mais explicitada, sugerindo tratar-se também de uma prática que possibilita a realização de uniões “proibidas”.

O grau de descontentamento dos familiares com uma determinada união é igualmente variável. Há uniões que contam com a desaprovação familiar desde os tempos do namoro e, nestes casos, os familiares dos dois cônjuges só tomarão conhecimento da união quando ela estiver consolidada, quer dizer, quando o casal passar sua primeira noite juntos. Nestas os pais e familiares demonstrarão a todos da comunidade maior que estão muito descontentes com a decisão de seus filhos, embora nada façam para evitar sua realização.

Há casos, entretanto, que não se trata de uma simples desaprovação em relação à união efetivada. Em algumas situações a desaprovação é tamanha que a advertência sobre a impropriedade da união é acompanhada de medidas para tentar impedi-la.

Para seu Samuel, de 82 anos, morador da Praia do Sul, sua família e a de sua esposa desaprovavam a união e seriam, segundo ele, os responsáveis pelos problemas que acompanharam o casamento. Segundo seu Samuel, ele era um rapaz muito “da rua”, isto é, namorador e mantinha várias namoradas. Sua mãe, descontente com a vida do filho que vivia em festas, não se casava e, portanto, não deixava a casa familiar, lhe apresentou uma moça da Costa da Lagoa, na esperança que casassem.

O problema todo é que seu Samuel não se encantou com a escolhida de sua mãe, que logo arranjou para o filho outra pretendente, agora uma moça da Lagoa da Conceição, cujas famílias já eram conhecidas. Seu Samuel noivou com esta moça, mas, por pouco tempo, retornando à vida de bailes e muitas namoradas. Foi num destes bailes, ocorridos no Rio Vermelho, que seu Samuel conheceu dona Vilma aquela que viria a ser sua esposa. Foram apenas “três conversas de namoro”, antes da fuga de Vilma e Samuel.

Mas, na verdade, seu Samuel já conhecia a família de Vilma, pois tivera um efêmero namoro com a irmã da esposa. As duas famílias não mantinham boas relações e parte dessa situação teria origem no namoro de seu Samuel com a futura cunhada. O problema maior, entretanto, era a família da mãe dele, a qual também teria sido roubada do Rio Vermelho. Mesmo que a família da mãe e a da esposa não mantivesse boas relações, seu Samuel aceitou o convite do sogro e foi morar no Rio Vermelho por um tempo. Foi neste período que a vida ficou complicada, especialmente porque a família de sua esposa, dona Vilma incitou diversas fofocas e intrigas, havendo a suspeita de feitiçaria da parte da cunhada ex-namorada. A feitiçaria era para que o casal nunca vivesse em paz. Como foi de fato a vida de Vilma e Samuel

Depois de um tempo de fugidos, o casal foi até o cartório oficializar a união e teria sido neste momento que seu Samuel percebeu a “negativa da feitiçaria” e quase que o casamento não se realiza. A “negativa da feitiçaria” foi o momento em que indagada pelo Juiz de

paz sobre se Vilma “aceitava Samuel como seu legítimo marido”, esta teria apenas balançado a cabeça.

Para seu Samuel não estava “certo” o marido morar nas terras do sogro, seja porque pelos problemas entre a família da esposa e a da mãe dele, seja porque “como homem” era seu “dever levar a esposa para sua terra”. Para ele a vida conjugal só melhorou quando ele e a esposa retornaram para a Costa da Lagoa, onde viveram até a morte de sua esposa e onde ele reside até hoje. A questão, segundo seu Samuel, é que ele não poderia “devolver a moça que roubou”, mesmo com todos os problemas entre as duas famílias. Isso, diz ele, não é correto.

Entre as fugas e portanto uniões desaprovadas está a de uma das cinco filhas de seu Xavier, de 72 anos, pescador e morador da Vila. De todas as uniões – todas por fugas -- uma foi problemática desde o namoro, jamais tendo sido aprovado por ele. Quando sua primogênita fugiu, seu Xavier até mesmo pregou uma peça no casal, furando a canoa utilizada por eles, como se viu anteriormente. A união da segunda filha foi “ao gosto” dele e o casal fugiu para bem perto, pois o noivo também era morador da Vila, como seu Xavier.

Foi por essa razão que certa alegria tomou conta de seu Eugenio, tão logo ele soube da ausência de sua 2ª filha: o noivo escolhido por ela era do gosto dele. A terceira filha fugiu com um rapaz da Barra da Lagoa. O moço era pescador, seu Xavier conhecia os pais dele e durante o namoro se mostrou muito respeitador. Por tudo isso, seu Xavier recebeu a filha “de braços abertos” quando depois, de alguns dias fugida, ela retornou à casa paterna para buscar seus pertences e anunciar a união.

Com a quarta filha ele não teve tanta sorte. O namoro com um primo patrilateral(cruzado) incomodou muito seu Eugenio que desde o início do namoro não aprovava a escolha da filha. Quando soube da fuga e, principalmente, com retorno do casal à casa dele, seu Eugenio foi claro com a filha sobre o quanto desaprovava a escolha feita por ela, embora não pudesse fazer mais nada a não ser “deixar as portas abertas”, caso ela quisesse ou tivesse necessidade de voltar para casa. A filha e o genro foram residir num bairro mais ao sul da ilha. Alguns anos mais tarde, em razão da violência doméstica do marido, seu Eugenio trouxe a filha de volta. Suas outras filhas, com cujos namoros ele concordava, foram “roubadas” e não precisaram retornar à casa paterna.

Receber novamente a filha que fugiu é de fato uma exceção nos casos de fugas desaprovadas pelos pais da noiva. Na grande maioria, os pais deixavam bem clara sua desaprovação, desde o início do namoro, que se expressava na seguinte frase: “pode ir, mas se for, não volta”. A literatura sobre o assunto mostra outras formas do pai manifestar seu desacordo com a escolha conjugal da filha: pode deserdá-la e também lamentar-se publicamente.

As fugas em que a reação do pai foi maior foram justamente aquelas em que os cônjuges eram primos em primeiro grau. Como veremos no capítulo que segue, a análise realizada com a MaqPar permitiu perceber que a maior parte das uniões da Costa da Lagoa acontecem entre pessoas com algum parentesco entre si e que estas uniões costumam “reduplicar” alianças anteriores.

Conforme Ivone a desaprovação de seu pai em relação ao cônjuge escolhido devia-se a o rapaz ser seu primo, à sua posição social do rapaz e à sua cor. O pai dessa senhora teria sido um dos homens mais ricos da Costa da Lagoa. Como forma de expressar seu desgosto em relação ao cônjuge escolhido pela filha, casou as duas outras irmãs “de véu”, fazendo duas festas e trazendo um juiz de paz para realizar os casórios:

“Meu marido era meu primo. Era daqui da Costa. Toda vida aqui a gente se encontrava. Namorei com ele só um mês e 2 dias. Namorei no dia 20 de janeiro, esse amor de fuxico [namoro rápido] que a gente conta. Fugi com ele dia 22 de fevereiro.

E os seus pais?

- Ah, o meu pai, tava meio “alvoraçado” e não queria, mas eu queria ele. (risos) Não queria. Não queria porque nós éramos pardas. Morena. Minha mãe era [morena]. Meu pai era branco e a minha mãe era morena. Então,

uns saíram morenos e puxaram à minha mãe, e uns saíram mais claros, como eu, como uns irmãos meus. Puxamos o meu pai. E todos os meus irmãos casaram com branca. Só eu que casei com esse meu marido que é primo meu, e o pai dele era irmão da minha mãe. O pai dele era moreno e a minha mãe era morena. A mãe dele era branca e o meu pai era branco. Então ele era moreno, mais ou menos como eu. E eu era morena pelo fato da mãe ser morena. Então meu pai, casou as outras tudo de véu.⁵⁶” (Ivone Góes, 80 anos moradora da praia de fora)

As interdições matrimoniais também revelam que há parentes mais parentes do que outros. É o que conta dona Magda, 73 anos. Os pais de sua sobrinha são primos patrilaterais paralelos. Quando Mercedes começou a namorar um primo todos foram contra, inclusive a tia. O problema estava no “conhecimento” demasiado entre os primos, resultado de um convívio que incluía morar no mesmo terreno, comer e crescer juntos. Dona Magda foi chamada para interferir nesse namoro desaprovado pela família da moça.

Magda chegou a conversar com a sobrinha para que ela pensasse bem antes de fugir com o primo, destacando alguns problemas do pretendente como ter a fama de gostar de beber. E, lembrou à sobrinha que aquele namoro “não era coisa boa”. Apesar dos apelos, Mercedes fugiu com o primo e tiveram dois filhos. Os problemas de Mercedes neste casamento foram sérios e acabou sendo deixada pelo primo, que a trocou por uma moça da Lagoa. O fim de Mercedes não foi bom: a separação levou-a à loucura. Hoje em dia Mercedes pode ser vista na beira da trilha, agachada ou deitada no chão. Para os familiares dela e de seu ex-marido (falecido recentemente), a loucura de Mercedes é resultado de uma união que jamais deveria ter sido efetivada.

Neste momento é importante relacionar este caso com o bairro vizinho da Costa da Lagoa, o Rio Vermelho. Na pesquisa que realizei sobre a fuga neste bairro, quando uma fuga envolvia primos (principalmente matrilaterais) em cuja genealogia havia outro casal de primos (nas gerações + 1 e +2), a união quase sempre era acompanhada de relatos sobre eventos “muito graves”, os quais eram considerados como “punição divina”. A uniões como estas é atribuída a morte brusca e inexplicada de 18 crianças, na década de 60. Alguns moradores do Rio Vermelho chamaram isso de “doença do incesto” ou doença do sangue”. Casais formados por primos cujos pais e avós também eram primos, eram sempre apontados como “casos exemplares” da doença. A doença estava na razão de uma prole com problemas físicos e comportamentais.

Os moradores mais jovens, como Rogerio 23 anos, acham que “os antigos casavam entre eles porque não tinham escolha”. E mesmo atualmente casar entre si é por falta de opção. O casamento com as mulheres do Rio Vermelho ou outras localidades é sempre resultado de uma situação em que “faltava mulher, então tinha que arrumar em outro lugar”. Para os homens como o Rogerio ou seu Samuel, na Costa faltava e faltam mulheres. Já para as mulheres casar com um homem “de fora” ou de outra localidade significa morar fora da Costa da Lagoa, a não ser que a família tenha terreno para elas. Seja como for, há sempre uma escusa para justificar a união com um parente: é porque faltam mulheres ou porque não querem sair da Costa. Para as mulheres, casar com um primo é sinônimo de permanecer na Costa, junto de seus familiares. Para os homens, casar com uma prima é igualmente permanecer entre os seus, é ter por cunhado um primo e por sogro um tio. Mas, é preciso saber qual é a menor distância genealógica permitida para evitar uma vida cujas marcas serão a infelicidade conjugal, a rejeição familiar, a loucura dos cônjuges, as doenças e a morte da prole.

Ao que tudo indica, o problema maior de uma união entre primos está no “conhecimento”, como disse dona Magda sobre a escolha de sua sobrinha Mercedes. A maioria dos casais tem entre si um laço de parentesco que não é o gerado pelo casamento. Vários são primos em primeiro grau, cruzados ou paralelos, quase sempre matrilaterais. Mas, na sua grande maioria são formados por primos que residem em vilas diferentes, como indicado no capítulo II. Já parentes com muito “conhecimento” são aqueles residem num mesmo terreno ou vila e que compartilham ou compartilharam alimento. Como disse Pedro, 32 anos, morador da Vila: “*Não tem como não casar com*

parente. Se tirar o sangue de todo mundo aqui, vão ver que é o mesmo sangue. Mas não dá para casar com alguém com muito conhecimento, não dá certo". Pelo jeito, compartilhar a residência e a comida torna os parentes mais parentes, os primos mais primos. É o que introduz "curto circuitos"⁵⁷ ou o acúmulo, como diria Hérítier (1992) do mesmo.

3.3 – As interpretações sobre a fuga

As possíveis razões para a fuga matrimonial são diversas segundo os autores de que deforma direta ou indireta a ela fizeram referência. Três são as principais razões atribuídas à fuga. De um lado seria motivada pela escassez econômica, ou poderia ainda estar relacionada à preservação da honra familiar/da moça. Finalmente, a fuga seria um modo de contornar interditos matrimoniais. Todavia, como veremos a seguir, alguns dos autores que estudaram a fuga optaram por relacioná-la a várias motivações.

3.3.1 – A fuga pela escassez econômica.

Para Lupi e Lupi(1985), Arend(2001), Maluf(1993), Gnaccarini(1989) , Woortmann e Woortmann (1993), Gimeno (1993) e Samara(1985) a fuga se explicaria pela falta de recursos dos familiares dos cônjuges para fazer frente aos custos de um casamento – festa e dote.

Lupi e Lupi (1985) ao se deterem sobre a fuga no bairro do Rio Vermelho, viram essa prática como uma forma de poupar despesas para o casal e seus familiares, todas ligadas à

⁵⁷ Para Hérítier (1992), algumas substâncias como o sangue , assim como gerações não podem se cruzar. Conforme a autora:"Cada sociedade tem a sua idéia própria[...].ela constrói uma ordem das coisas em cujos limites se exerce a vida social. Tudo o que sai disso, ou que introduz curto circuitos ou contaminações entre gêneros que devem manter-se separados, é perigoso para o indivíduo e para a coletividade. (Hérítier, 1992:118).

festa, compra de terreno e dote. Maluf (1993), em sua pesquisa sobre bruxaria e benzedoiras na Lagoa da Conceição, comentou que ali a fuga se justificaria:

“(…) pelo fato de que as famílias não têm dinheiro para bancar uma festa de casamento. Todas as economias do homem e da mulher são destinadas ao enxoval (que se constitui no dote da mulher) e à construção da casa. (Maluf, 1993:26)”

Gimeno (1992), ao estudar a Costa da Lagoa não elencou nenhuma razão em particular para a existência da fuga matrimonial. A fuga ou o “roubo da moça”, segundo autora, são parte da realidade de uma época marcada pela “baixa monetarização” e por uma comunidade cuja existência estaria centrada na produção da subsistência. É Gimeno que nota que:

“Em regra, as mulheres ao casarem [roubo da moça] deixavam o clã paterno e mudavam-se para o clã do marido [...] a exceção a esta tendência da patrilocalidade nos casamentos se dá quando o homem não possui terras ou quando o clã paterno da mulher dispõe de poucos homens na família (Gimeno, 1992:20).”

Woortmann e Woortmann (1993) também vêm na fuga uma impossibilidade dos pais dotarem sua filha ou arcarem com os gastos do casamento. Para todos os autores, a prática é tida como uma “encenação” destinada a preservar a honra da moça e de sua família. A indução à fuga promovida pelos familiares dos noivos é, de acordo com Woortmann e Woortmann(1993), o que preservaria uma família sem posses para dotar a filha ou arcar com as despesas do casamento. Fugir seria preservar a honra familiar.

Na pesquisa sobre a fuga no Rio Vermelho a falta de recursos da família da noiva não apareceu como elemento fundamental para sua realização. O que de fato parece ser decisivo é a gravidez da moça, o parentesco entre os cônjuges ou, no caso de fugas ocorridas há muito tempo, a desigualdade social entre os cônjuges. Mas, é possível afirmar

que a maior parte das fugas estava relacionada a uniões entre pessoas de alguma maneira matrimonialmente “interditadas”. Ao que tudo indica a fuga não se explica por uma ausência ou escassez de recursos das famílias.

3.3.2 Os estudos historiográficos: Da escassez econômica ao controle da Igreja

As uniões consensuais como a fuga, o “roubo da noiva” e o “amasiar” não se constituem uma novidade na história brasileira. Pelo contrário, há notícias sobre uniões consensuais desde o período colonial, apesar da dificuldade em pesquisar este tipo de união matrimonial, justamente pela ausência de registros. Contudo, é através da oficialização posterior de uma união consensual em casamento civil/religioso ou das punições aplicadas pela igreja aos casais em união ilegítima que é possível conhecer um pouco dessa forma de casamento. Outras informações também aparecem em registros de herança, batismo, óbito, etc. Como veremos a seguir, as pesquisas sobre as uniões consensuais, dentre as quais a fuga figura, apontam como causa principal dessa forma de união a escassez econômica e as dificuldades criadas pela igreja na realização de casamentos.

Arend(2001), Gnaccrini(1989) e Samara (1985) trataram a fuga pelo viés histórico, colocando-a ao lado do amasiamento e do concubinato. Todas seriam realizações particulares da forma geral “uniões consensuais”. Para eles, as “uniões consensuais” teriam como razões principais a escassez econômica dos cônjuges e de suas famílias. Samara (1985) ao verificar a existência de concubinatos e fugas nos séculos XVIII e XIX entre a população mais pobre do Estado de São Paulo concluiu que este tipo de união devia-se à falta de recursos para a cerimônia e as festividades.

Arend(2001) em sua pesquisa sobre casamento e amasiados no final do século XIX no Rio Grande do Sul, mostra que a fuga não era uma exceção e que muitas vezes a pauperização era a justificativa apresentada.

Em “Sistema de Casamento no Brasil Colonial” Nizza (1984) não apenas demonstra o quão significativas era as uniões consensuais no Brasil – e, sobretudo em São Paulo – mas também deixa claro que neste período esta forma de união mudou de status. A autora nos informa sobre as inúmeras dificuldades burocráticas e eclesíásticas pelas quais passava um casal que desejasse se casar. Para compreender o fenômeno das uniões consensuais, importa também ter em conta que, no primeiro século da colonização, a preocupação estatal em aumentar a população desencorajou o casamento oficial e pouco se preocupou em coibir ou legislar sobre as uniões consensuais.

Naquele período, segundo Nizza (1984) o Estado estava bem mais preocupado com as uniões poligâmicas, os indígenas e as incestuosas, todas atribuídas aos moradores das localidades remotas. Ademais, a oficialização das uniões era dificultada, ao menos era essa a explicação para o Estado, pelas grandes distâncias entre os locais de residência da população e as paróquias. E, de sua parte, a igreja reconhecia as uniões consensuais através do artigo “casamento pela lei da natureza” ou “casamento presumido”.

No entanto, assim que a igreja e a coroa tiveram maiores possibilidades de verificar e legislar sobre as uniões matrimoniais, o concubinato passa a ser bastante perseguido. Desde o Concílio de Trento (1545-1563), há uma decisão de punir o concubinato com gravíssimas penas que vão desde “pecado grave”, que resultava na excomunhão, até expulsão da localidade (para as mulheres) e pagamento de multa. Se os concubinos insistissem no “pecado” poderiam ser degredados para África. Tal vigilância e controle foi possível a partir de uma definição mais clara sobre o que configurava o concubinato: publicidade e coabitação.

Após este período, o “status” do concubinato modificou-se com as Ordenações Filipinas (1769) e pelo direito civil passou a não ser mais tão severamente punido. Agora é a vez de punir os casamentos sem autorização dos pais (para as mulheres até os 25 anos a permissão do pai era obrigatória) e aqueles realizados entre cônjuges com laços de parentesco entre si. Nas Ordenações Filipinas, as punições para concubinato entre parentes eram:

“[...]pena de fogo para os que cometiam incesto com ascendentes ou descendentes;

morte natural com irmã, nora, sogra, madrasta, ou enteada; degredo de dez anos para África com tia , ou prima, ou outras parentes em grau mais remoto.”(In: Nizza, 1984:127)

Conforme Nizza(1984), mesmo que com o tempo a igreja tenha reduzido o grau de parentesco que proibia uma união, os casamentos entre parente (ou cônjuges impedidos por outras razões que não o parentesco) dependiam do pagamento de “dispensas matrimoniais”, além de outras obrigações impostas aos cônjuges,

“1- Serão exatamente examinados de Doutrina Cristã; 2- Farão confissão geral, e comungarão; 3- Antes da comunhão jejuarão três vezes à pureza de Maria Santíssima; 4- Visitarão os altares da igreja matriz e em cada um rezarão uma estação; 5- Varrerão a mesma igreja duas vezes em presença de algumas pessoas; 6- Assistirão a duas missas conventuais com velas de meia libra, acesas nas mãos; 7- Assistirão a mais cinco missas semanárias.” (Nizza, 1984:138)

Eis algumas das razões pelas quais inúmeros casais decidiram pelo concubinato. Há, portanto, diversos entraves à celebração de um casamento na igreja/civil. As razões para tal não são poucas: falta de dinheiro para arcar com a burocracia do casamento; impedimento para realizar uma união, obstáculos e exigências burocráticas.

Na pesquisa de Ferreira (2006) sobre o período de formação do bairro de Santo Antônio de Lisboa (1780-1960), localizado na região Oeste de Florianópolis, o autor atribui à fuga um motivo puramente econômico.

“[...] podemos perceber um costume, utilizado na freguesia entre os mais pobres, que não existia nos Açores, o rapto, na realidade chamado na região de fuga. É habito até os dias de hoje que muitos casais primeiro “fujam” e só depois do nascimento do primeiro filho é que se casam a fim de poderem batizar o filho.(Ferreira, 2006:202)”

Como Nizza(1984) Ferreira mostra que a fuga ou o rapto encontrava embasamento jurídico nas leis do Reino permitindo aos casais fugir e escapar de punições do reino e divinas quando da oficialização da união. Na pesquisa de Ferreira há uma informação bastante relevante obtida nas certidões de casamento da paróquia de Santo Antônio de Lisboa e que pode nos ajudar na compreensão da fuga na Costa da Lagoa.

“(..)dentre as 2.411 famílias com data de casamento, em 212 o casamento ocorreu após o nascimento do primeiro filho. Dessa forma, é comum encontramos termos de batismo em que primeiro o filho aparece como natural e o segundo já como legítimo.[..] Nos primeiros 20 anos de observação ainda no século XVIII, não encontramos casos de casamento ocorrido após o batizado do primeiro filho. Já no século XIX, os casos vão acontecendo até se tornarem numerosos no último quartel do século XIX e início do XX. (Ferreira, 2006: 203-204).

Além do número de fugas aumentar com o passar do tempo, com a chegada dos Açorianos ao século XX Ferreira (2006) observa que há uma preferência destes casais pelo casamento apenas no civil. Entre 1890 e 1922, dos 511 casamentos registrados. 413 foram realizados apenas no civil (80.82%). Podemos novamente nos perguntar, será que um número tão expressivo de fugas deve-se unicamente à falta de condições econômicas da população para fazer frente aos gastos e exigências da igreja e do estado para oficializar uma união? Se 80% das residentes de Santo Antônio de Lisboa oficializaram a união depois de fugir, portanto, tiveram todos os gastos previstos para tal, a questão que fica é quais as razões de um tal caminho? Porque não partiram logo para uma união oficial, para um casamento?

3.3.3 A honra na fuga

No segundo eixo de interpretação da fuga matrimonial estão os autores que a relacionam com a honra familiar ou da moça preservadas através da fuga. Como dito anteriormente, Klass Woortman e Ellen Woortman (1993) consideram a fuga como uma “encenação social” destinada a preservar a honra familiar e da moça. Segundo eles :

“A fuga e a “comunidade de boa fé” nela envolvida, que inclui o jovem casal, os pais, os parentes que recebem os fujões [...] é, portanto uma espécie de encenação social, análoga ao leilão[...] isto é, evita-se, pelo desgosto trazido pela filha, uma vergonha maior. Não é demais repetir que a honra da moça, mesmo não sendo mais moça, foi preservada (...).” (Woortmann;Woortmann, 1993:119)

Para Pitt-Rivers (1979) a questão da honra possui uma estrutura geral que se vê nas instituições e nas valorações habituais próprias de cada cultura: “É aceito”, escreve o autor, “que os jovens que enfrentam a oposição dos pais da menina forcem aquele a conceder a mão desta escapando para passar a noite juntos. Depois disso, sua aceitação e um matrimônio é o único modo de recuperar a honra.” (Idem: 53).

Ainda entre os autores que pensam a fuga matrimonial como relacionada à honra, também podemos situar Raquel Wiggers(2006) e sua pesquisa no bairro da Caiera Barra do Sul, na região sul da cidade de Florianópolis. Lá, segundo a autora, existiriam apenas duas formas de casar: “com ou sem cerimônia”, sendo esta última um modo de referência à fuga matrimonial. Wiggers (2006) mostra que, naquele contexto, a fuga causa “desgosto” para as famílias.

Para Silva (1994) que também estudou a fuga matrimonial em Florianópolis, no bairro Ponta das Canas, a fuga trata sobretudo da preservação da honra familiar e da mulher (de sua virgindade). Se estes seriam para a autora os principais motivos da fuga, a ela acrescenta um terceiro, já indicado mais acima: a falta de recursos econômicos das

famílias para fazer frente aos gastos de um casamento. Segundo a autora:

“Quando ocorre a fuga, o sentimento é de vergonha por não poder propiciar o casamento. O pai da filha que foge não tem sua honra reconhecida e este acaba interiorizando-a sob a forma de vergonha. Vergonha e honra, estão profundamente relacionadas.” (Silva, 1994:45).

3.3.4 Contornando interditos e (des) construindo parentes

Os autores acima sugerem, de forma geral, que a fuga matrimonial teria duas motivações: a honra e a falta de recursos familiar para fazer frente às despesas do casamento. A fuga como ocorre na Costa da Lagoa soma a estas razões uma outra: permite uniões matrimoniais entre indivíduos consideradas parentes próximos ou, como dizem os moradores de lá, numa relação de “perigo”. A fuga, portanto, aparece também como um “détour” nas “interdições” que recaem sobre uniões entre parentes próximos ou com muito “conhecimento”.

Como já indicado mais acima, no Rio Vermelho eram desaprovados os casamentos interétnicos, as uniões entre cônjuges com muita diferença socioeconômica, Mas, ali também as uniões matrimoniais entre parentes muito próximos são como na Costa da Lagoa, desaprovadas.

No Rio Vermelho as uniões perigosa são, em geral, aquelas entre primos e principalmente primos filhos de primos (talvez, um parentesco redobrado). Essas são motivo de muita preocupação e receio. Para os vizinhos dos moradores da Costa da Lagoa, a união entre primos está sempre marcada por episódios como a tão falada e temida “doença no sangue” que teria tanto ocasionado a morte das 18 crianças na década de 1960 quanto a loucura ou má conduta de algumas pessoas. Este temor aparece expresso em alguns versos conhecidos de todos do lugar: *“Prima não brinca com primo, porque primo tem mal brincar, já vi primo com prima mal casar”*.

Contudo, diferentemente dos moradores da Costa da Lagoa, no Rio Vermelho apenas uma minoria dos moradores fugiram para casar, enquanto na Costa da Lagoa a quase totalidade da população casou-se através da fuga. E na Costa, como no Rio Vermelho, raros são os casais que não estejam ligados por laço de parentesco, seja por consangüinidade, seja por “conhecimento”, como já indicado anteriormente. Mas, a fuga é, como proposto, uma forma de contornar este e outros impedimentos a determinadas uniões, permitindo, portanto, tanto uniões “bem vistas” pelas famílias e pela comunidade, quanto as que não contam com tanta aprovação.

E, como já indicado, as uniões matrimoniais menos aprovadas pela comunidade da Costa da Lagoa são aquelas entre indivíduos muito próximo parentalmente, mas, especialmente aqueles com muito “conhecimento” entre si. Estas são as mais “proibidas”. Na comparação com o que se verifica na comunidade do Rio Vermelho, onde os casamentos entre parentes podem resultar em “punição divina”, na Costa as uniões matrimoniais entre indivíduos com “conhecimento” costumam não dar certo. Aqui também a este tipo de união serão atribuídas doenças em filhos ou em cônjuges.

A sugestão de Hérítier(1992) de pensar algumas interdições matrimoniais como resultado do acúmulo de substâncias que geraria uma espécie de “curto circuito” tem sido importante para compreender a fuga matrimonial na Costa e no Rio Vermelho para além das explicações de ordem econômica ou relativas à honra. Um “acúmulo” de “conhecimento”, um excesso de parentesco, parece estar na origem destas interdições ou, se quisermos, na origem da desaprovação de certas uniões. É possível que haja aí algo parecido ou atuando de modo semelhante ao que embasa a proposição de Françoise Hérítier(1992) para o incesto de segundo tipo. Neste, conforme a autora⁵⁸, noção de “curto-circuito” ou de “contato” deve-se à relação entre dois (ou mais) consangüíneos vistos como “idênticos” e ao compartilhamento de substâncias.

⁵⁸ O conceito de incesto de segundo tipo de Françoise Hérítier(1992) não é universal no sentido de sua proibição. No entanto, esta interdição recai tanto sobre consangüíneos quanto afins. Ou seja, a autora ao pensar a esta questão está estendendo as explicações sobre as interdições e proibições morais que recaem, por exemplo sobre um homem que se casa com duas irmãs (alternadamente, no que é conhecido como poliginia sororal). Ainda, é importante enfatizar que não é somente o incesto de segundo tipo que poderá gerar conseqüências aos cônjuges ou à sociedade. Para Lévi-Strauss (2009), o incesto é a ruptura no sistema de trocas.

O problema das uniões entre indivíduos com “conhecimento” não se resume apenas à posição/classificação de parentesco genealógico. A união entre parentes configura-se em um problema, sobretudo em caso de “conhecimento”, quer dizer, quando, como já indicado anteriormente, os pretendentes tiverem residido numa mesma casa ou próximos, e quanto tiverem compartilhado refeições. Morar na mesma casa, compartilhar refeições torna-os muito próximos, com muito “conhecimento”⁵⁹, o que é perigoso.

Como tratado no capítulo II, com raras exceções, a residência apresenta uma tendência patrilocal resultando numa convivência maior com os primos paralelos patrilaterais cujo matrimônio é visto com muitas ressalvas. No entanto, é esta mesma organização, baseada na residência que permite e proíbe o casamento com outros parentes. Nos casos, como veremos detalhadamente no capítulo IV, em que duas irmãs casam com dois irmãos os filhos destes casais ficam igualmente proibidos de se casar. Ainda, há casos em que numa família com muitos filhos, um deles casa-se e passa a morar nas terras do sogro. O filho deste homem, que foi morar em outra vila, mesmo sendo primo patrilateral casou-se com sua prima (patri) e este casamento foi bem visto por todos. No esquema abaixo, estão os diagramas⁶⁰ de parentesco correspondentes a estes arranjos.

⁵⁹. Esta idéia de “acúmulo”, também existe em outras esferas da vida dos moradores da Costa da Lagoa. Segundo os moradores mais velhos, mulheres não deveriam comer Arraia quando estão menstruadas, já que este peixe também menstrua, o que traria problemas para a mulher que deseja ter filhos.

⁶⁰ Nos diagramas de parentesco, o símbolo  corresponde aos indivíduos do sexo feminino.

O símbolo  corresponde aos indivíduos do sexo masculino. Esta ligação representa os

germanos  e esta ligação  representa união(casamento). Ainda, as linhas em vermelho ---- representam os casamentos interditos e as linhas em verde ----, as uniões não interditas.

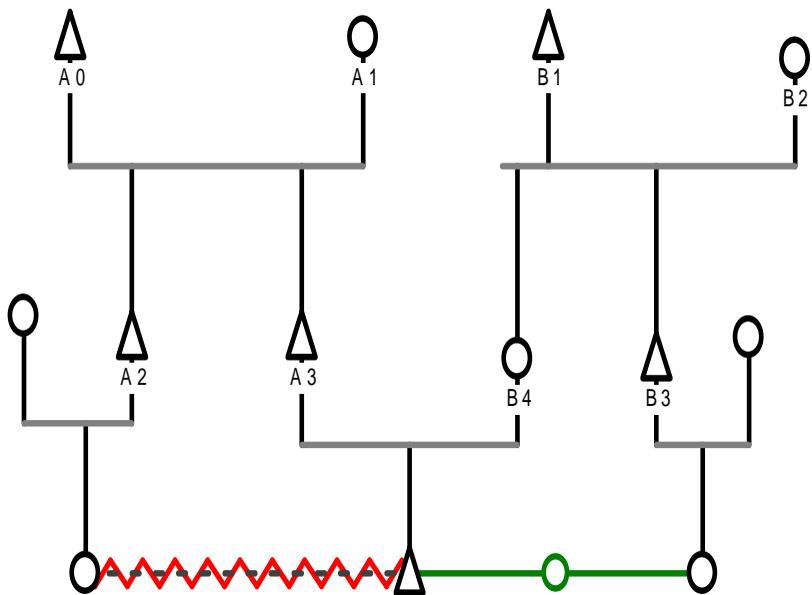


Figura 15 Proibição do casamento com a prima paralela patri, pela regra de residência.

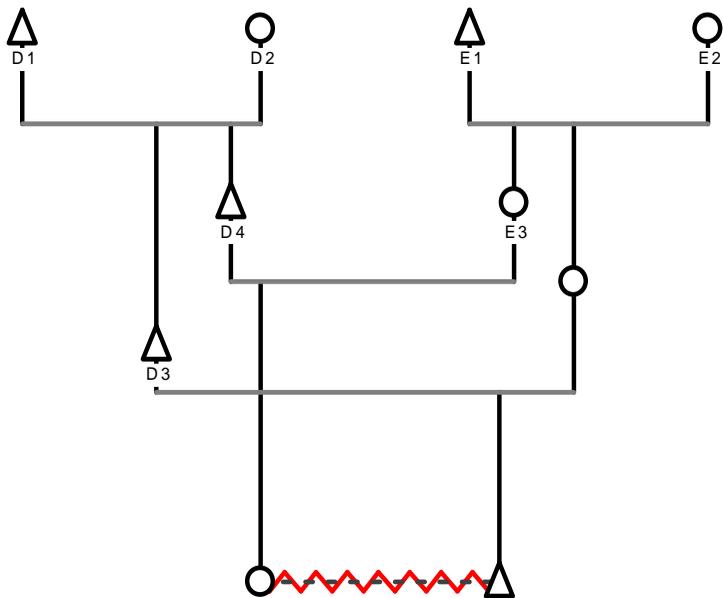


Figura 16 Casamento interdito com a prima paralela (patri/matri) pela regra de residência.

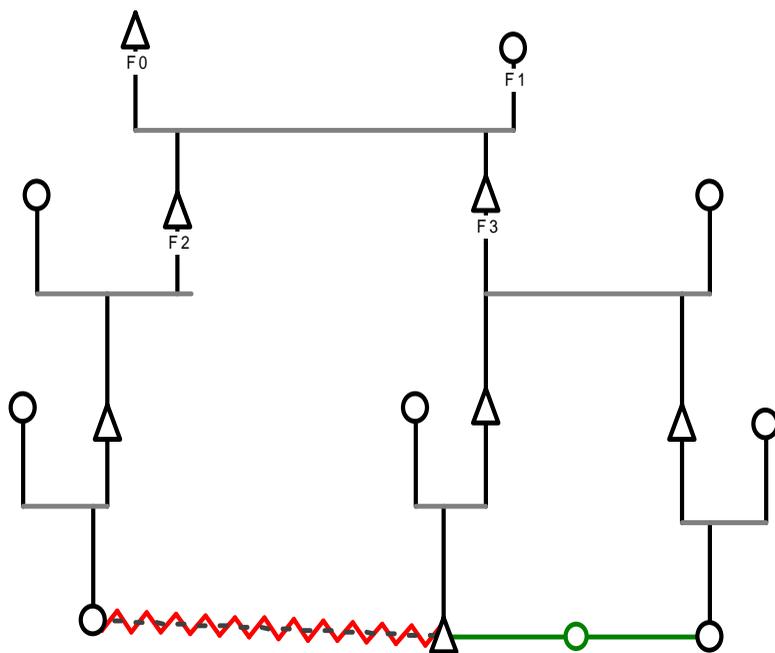


Figura 17 Casamento com a prima paralela patri, já que o pai foi morar na vila da mãe. Casamento proibido com a prima (II) patri que habita o mesmo terreno.

O “conhecimento” dos moradores da Costa da Lagoa pode ser aproximado daquilo que alguns autores chamaram de consubstancialidade. Janet Carsten(2000), relaciona o papel da comensalidade e da convivialidade na construção dos laços de parentesco. Estes laços criam-se a partir do compartilhamento de substâncias diversas, entre as quais a comida.

Também, como propõe Strathern (2006) o compartilhamento de substancias cria vínculos de parentesco entre os indivíduos, às quais o casamento estaria interditado. De acordo com Strathern(2006), o sangue materno ou o corpo da mãe não nutre a criança, não há transformação de substância dela, realizada apenas pelo sêmen. É no enclausuramento que

o corpo da mulher duplica o corpo masculino. Para Strathern, esta forma de pensar o parentesco mostra que:

“O que é estabelecido é mais do que o gênero dos itens transacionados: sua fonte de parentesco específica também é significativa. Ou antes, estas relações de parentesco estabelecem seus gêneros. Os maridos devem deslocar os pais das esposas como procriadores. O sêmen deve ser produzido fora do corpo da mulher, de modo que seja diferente do leite, sêmen, substância paterna que também a constitui, e a comunidade dos homens se separa da comunicação com as mulheres para efetuar essa produção separada[...] aqui a circulação de sêmen produz pessoas do tipo das relações de parentesco.” (Strathern, 2006:325-326)

Para Hunchinson(2000)⁶¹, sangue, leite materno e esperma são substâncias que compartilhadas criam parentesco, estabelecem vínculos de parentesco entre pessoas. Contudo, para a autora a fusão de substâncias acontece tanto na “produção” da criança -- leite e esperma -- quanto no contato e na circulação da comida, na comensalidade. Ainda, como enfatiza Helen Lambert (2000)⁶², as substâncias que fazem a criança (e que dariam aos homens mais direitos sobre os filhos) como os fluídos corporais devem ser “complementadas” com leite materno, que reforçaria o parentesco e os sentimentos da mãe para com a criança.

Na Costa a união entre os indivíduos com muito conhecimento são desaprovadas, quando não proibidas. Mas, independentemente desta interdição há fugas, portanto, casamentos, entre parentes tidos como muito próximos, parentes que compartilharam residência e comida. Comparando estas fugas com outras em que havia alguma desaprovação familiar o que varia é a duração da reação familiar e comunitária. Em todos os casos de fugas entre

⁶¹ Deve ser lembrado, apesar da distância física e contextual, do trabalho de Huchinson(2000) entre os Nuer.

⁶² Lambert (2000) ao contrário de Huchinson que realiza sua etnografia entre os Nuer, está estudando as substâncias e as formas de parentesco na Índia .

cônjuges com muito “conhecimento” os casais não foram recebidos pelos familiares, para eles não foi oferecida alguma refeição de acolhimento novamente no seio da comunidade familiar. Não há nenhuma demonstração de que sua união foi aceita por todos.

3.4. Outra parte da fuga? Casar depois de fugir.

Como visto anteriormente, as pesquisas de Ferreira (2006) e Nizza (1984), mostram que grande parte dos casais em situação de concubinato acaba oficializando a união, seja no civil, seja no religioso. Na Costa da Lagoa não é diferente, seja a fuga aceita ou não pela comunidade e pela família. Boa parte dos moradores que fugiram também oficializam a união.

A maioria procurava o registro civil e depois o religioso, ou quando possível ambos. Mas, se a fuga estabelece os laços entre os cônjuges e suas respectivas famílias, assim como o reconhecimento social, por quais motivos eram necessários os registros do casamento pelo meio civil ou religioso?

Para alguns dos moradores da Costa da Lagoa, principalmente aqueles que têm entre os 40 e 80 anos, a oficialização posterior da união ocorria quando da chegada do primeiro filho (a). O problema é que um filho de pais não casados no civil não poderia receber o sobrenome – e o nome⁶³ - do pai, ficando a criança na condição de “filho do mato”. Segundo dona Ivone, 80 anos, moradora da Praia de Fora,

⁶³ A nomeação na Costa da Lagoa ocorre da seguinte forma. Um filho homem receberá um nome seguido do nome e do sobrenome do pai. Ex: João Roberto Nogueira. João é o prenome desse indivíduo e Roberto Nogueira são prenome e sobrenome do pai dele. As filhas recebem um prenome, o prenome da mãe e o sobrenome do pai, como, por ex, Maria Camila Nogueira, filha de Camila e do pai com sobrenome Nogueira. Esta forma de nomear serve muitas vezes como um recurso para a memória genealógica. Durante o levantamento genealógico não foram poucas as vezes em que alguém fez o seguinte raciocínio para lembrar o nome de uma bisavó: se a avó tinha o nome de Maria Mariana, a bisavó se chamava Mariana.

“É, não pode pegar o nome. Quando eu ganhei a minha filha mais velha, a Elisa, eu era junta com ele, não era casada. Aí eu fiquei grávida e ganhei a Elisa e o registro era no Pinheiro. Aí fui fazer o registro dela. Cheguei lá e disse: “ – Ô Lino (Pinheiro), eu queria que o senhor botasse o nome da minha filha Elisa Ivone Goes.” Ele disse: “ Você pode pedir tudo, mas eu não boto porque você não é casada. A sua filha vai ficar como filha do mato. Vai ser Elisa Ivone Amélia.” Não pude botar o sobrenome. Pra fazer assim , você tem que se casar . Aí disse para ele que só tinha 14 anos e que só podia casar com 18. Aí ele disse pra eu agüentar 4 anos, me casar e botar esse nome fora que ele faria uma “ filha legítima”. Como ela é filha legítima, eu me casei e ele fez outra certidão. Tem muitos por aí com nome de filho que não é legítimo, por que fica junto e não se casa. Aí são os filhos do mato.”

Para outra moradora da Costa, dona Viviana, era necessário casar “ao menos no padre”, para poder batizar os filhos. Segundo ela, os que fugiam casavam no “cartório e no padre” (civil e religioso). Reconhece, entretanto, que algumas pessoas oficializavam a união em apenas uma das vias, ou seja, só no civil ou só no religioso. E, nesta época, o casamento religioso era realizado em uma outra localidade⁶⁴.

⁶⁴ Segundo dona Carolina, a igreja católica só chegou à Costa da Lagoa há trinta anos atrás. Foi “colocada” sobre um local onde teria ocorrido um duplo homicídio. Ali onde hoje se localiza a única igreja católica da Costa, uma mulher foi ameaçada de ser morta a tiros pelo marido enciumado em razão de uma suspeita de traição. Os familiares do suposto amante, cuja casa ficava perto do local, recolheram a mulher, a fim de salvá-la do marido enciumado. Este,

Então, até os anos 70, os casamentos religiosos eram realizados na Lagoa da Conceição. Havia também os “casamentos coletivos” promovidos pela prefeitura. Daniela, 32 anos, fugiu com 20 anos e aos 30 casou no religioso, num casamento coletivo. Segundo ela, era uma boa oportunidade para “oficializar” o casamento e teria a companhia de outros casais amigos.

Seja como for, a oficialização de uma união consensual não tinha como única razão a ilegitimidade do filho nascido dessa união. Esta era parte de um problema ainda maior: a falta de “contrato” e de garantias. Sobre o assunto, diz dona Ivone:

“É...quantos que estão juntos hoje aí e não se casam. Se ela ou ele morrer, ela não, mas se ele morrer fica sem nada. Sem filho legítimo. Tem que ser casado, no padre ou no civil. Aí tudo que é dele, tanto ele herda como ela herda. Mas se não for assim, não herda.(Ivone,80 anos)

Para seu Salvador, a preocupação maior era com a herança, já que, naquela época, quem fugia não tinha nenhum direito aos bens do cônjuge. A comparação feita por este senhor é com os dias de hoje, quando um casal pode viver até um ano junto e já é considerado casado⁶⁵. É por essa razão que ele considera importante fazer contratos, inclusive de namoro.

suspeitando que ela ainda estivesse viva, ameaçou a família do suposto amante. Neste momento, dada a chuva que caía, ele teria escorregado nas cinzas do fogão e em sabendo disso o suposto amante teria tentando surpreender o rival. Na briga, o marido foi ferido e logo morto. O local foi abandonado pela família da esposa, indo se instalar em outra parte do terreno. A casa ficou abandonada, tendo sido vendida e ali foi erguida a igreja católica da Costa.

⁶⁵ Bonifácio, assim como outros moradores estão se referindo a Lei nº 9.278 de 10 de maio de 1996, que estabelece os mesmos direitos e deveres para os casais que apresentarem “[...] convivência duradoura, pública e contínua”. E assegura aos cônjuges direito à herança e à pensão em caso de separação e reconhece a legitimidade dos filhos(as) nascidos destas uniões,

São estas novas “garantias” definidas na lei que regula as uniões estáveis que para os moradores mais velhos justificam a atual diminuição das ocorrências de fuga matrimonial. Atualmente, dizem os mais velhos da comunidade, não há mais necessidade de fugir e depois casar. Os casais “se juntam” e depois de alguns poucos anos já são considerados casados. Para dona Ivone,

“Aqui na costa são tudo junto! Agora elas tão tudo contente por que diz que quem vive e respeita o marido por 2 ou 3 anos tem direito a ficar com o que é dele. Por isso que agora elas estão nesta lei assim, sabe como é?”

“Namoram aqui, namoram lá, quando tão cansada de namorar se juntam com um, dá 3 ou 4 anos e se separam dá 3 ou 4 anos se ele morrer elas ficam com tudo. Mas também fica com tudo se ela tiver um filho dele. Se não tiver, não pode ficar”.

Para os jovens “fugir é casamento dos antigos”. Eu mesma fui qualificada como alguém que estudava o “casamento dos antigos”. As últimas fugas, contudo, ocorreram a menos de seis anos. No Rio Vermelho as razões atribuídas à diminuição do número de fugas são muito próximas das elencadas pelos moradores da Costa. Em ambas as localidades, “morar junto” surge como uma nova forma de fugir. Na Costa da Lagoa, são os próprios moradores, especialmente os mais antigos, que equivalem o “morar junto” e a fuga. No entanto, fugir ou “junto” é sempre não casado, independentemente da geração.

Iasmim, 68 anos, diz que não é casada, é “junta”. Ela e o marido apenas se “juntaram”, sem fugir e sem jamais oficializar a união, no civil ou no religioso. A razão dessa situação é que ela tinha feito “besteira”, isto é, engravidou e os familiares tinham conhecimento. Por isso, sua família jamais permitiria a oficialização da união. Foi por isso que ela e o marido se “juntaram” em uma semana e, mesmo passados muitos anos, nunca tiveram vontade de casar.

Capítulo IV- Rendas de Bilro e Rendas da Vida: Análise das relações e redes de parentesco.

O presente capítulo pode ser dito um experimento. Trata-se da análise do material genealógico dos moradores da Costa, com o auxílio de um programa computacional: a MaqPar⁶⁶. Toda a análise foi feita com o auxílio e a generosa colaboração do Prof. Marcio Silva, um dos idealizadores da Máquina do Parentesco.

Apresento primeiramente algumas informações sobre a MaqPar e seus fins. Os dados genealógicos foram primeiro tratados pela MaqPar e posteriormente pelo Pajek⁶⁷, que permite “desenhar” redes de parentesco. Os gráficos gerados pelo Pajek dão uma idéia da rede de parentes consangüíneos e afins, assim como da extensão das redes de parentesco. O segundo programa utilizado foi o Puck⁶⁸. Este programa realiza funções próximas as da MaqPar e os resultados são encaminhados diretamente para o Pajek.

O emprego destes programas computacionais possibilitou conhecer as redes de parentesco da Costa da Lagoa. Conhecer essas redes e também compreender, de forma mais substancial, ao que se referem os moradores da Costa quando dizem que “todos de alguma forma são parentes”, o que busquei recuperar nos capítulos anteriores, não poderia ser visualizado de forma tão nítida usando a forma tradicionalmente conhecida de desenhar genealogias. Além disso e talvez o mais importante num experimento como este, o uso de programas computacionais para análise dos dados genealógicos dos quais disponho, por um lado, tornou mais conhecida e apreensível o que sabíamos através dos relatos dos moradores: que todos naquela comunidade estão, de alguma forma, ligados por laços de parentesco. Por outro, esse experimento permitiu levantar questões novas, boa parte delas ainda sem respostas. Gostaria de enfatizar que esta experiência⁶⁹

⁶⁶ Para acessar: <http://maqpar.zip.net>. Senha:maqpar.

⁶⁷ Para acessar, ver: <http://vlado.fmf.uni-lj.si/pub/networks/pajek/>

⁶⁸ PUCK (Program for the Use and Computation of Kinship data), encontrado em <http://www.kintip.net/>, foi desenvolvido por Klaus Hamberger dentro do projeto *Traitement informatique des phénomènes de parenté em anthropologie et histoire* (TIIP), no grupo de pesquisa *Traitement Informatique de la Parenté* (TIP), dirigidos por Michael Houseman e Cyril Grange (Hamberger, Houseman e Grange, 2009).

⁶⁹ Apesar de ser uma experiência, outros trabalhos já utilizaram a maqpar.

com a MaqPar foi bastante proveitosa, sobretudo porque corrobora algo expresso localmente: as uniões matrimoniais na Costa da Lagoa acontecem entre pessoas já ligadas através do parentesco, sendo esta a minha principal hipótese quanto à razão para a fuga matrimonial.

4. Sobre a Máquina do Parentesco (MaqPar)⁷⁰

O programa MaqPar, criado por Marcio Ferreira da Silva (USP) e João Dal Poz (UFJF), “*corresponde a uma experiência que articula pressupostos muito conhecidos da teoria do parentesco inaugurada por Lévi-Strauss (Lévi-Strauss 1949, Dumont 1971, Héritier 1981, Viveiros de Castro 1990, etc.) a noções elementares da teoria dos grafos, tomada como método de análise de redes, e a um sistema de gerenciamento de banco de dados normalmente instalado nos computadores pessoais.*” (Silva; Dal Poz, s/d)

A MaqPar analisa redes empíricas de parentesco possibilitando observar e descrever fenômenos que sem uma análise computacional dificilmente seriam percebidos. Como está programada através da teoria dos grafos⁷¹, a leitura realizada pela MaqPar possibilita conectar indivíduos (masculinos e femininos) através das relações de consangüinidade ou de afinidade.

Para dar início ao tratamento dos dados empíricos com a MaqPar, é necessário criar uma base de dados genealógicos. A base genealógica dos moradores da Costa da Lagoa incluiu, além dos dados sobre cada indivíduo (Número da pessoa com quatro algarismos, nome, sexo, pai e mãe), também outros campos: local de nascimento; residência; sobrenome; outras residências e procedências. Estes campos foram incluídos para permitir

⁷⁰ As imagens assim como as explicações mais específicas sobre a MaqPar foram gentilmente cedidas pelos autores.

⁷¹ Um grafo $G(V, A)$ constitui um conjunto de *vértices* (V) e um conjunto de relações, chamadas *arestas* (A), que ligam os vértices entre si. Nosso ponto de partida é a definição da rede genealógica como um grafo em que: os *indivíduos* (Ind), (m)asculinos ou (f)emininos são seus vértices e as *conexões primárias de parentesco* (Cnx), suas arestas. (Silva e Dal Poz, 2009) Também, a teoria dos Grafos, segundo Kohayakawa e Wakabayashi(2009), tem a sua origem em 1736 com o “problema das sete pontes de Königsberg. De acordo com os autores: “A teoria dos grafos estuda objetos combinatórios—os grafos—que são um bom modelo para muitos problemas em vários ramos da matemática[..](Kohayakawa e Wakabayashi, 2009:8).

verificar questões relativas à endogamia exogamia e trocas matrimoniais entre grupos, famílias, vilas, como veremos mais à frente. Além destas informações, outro campo foi criado para contabilizar o número de casamentos e quais os cônjuges escolhidos.

Através destas informações, a MaqPar localiza cada indivíduo juntamente com seu cônjuge e traça o “percurso”⁷² entre eles, isto é, ela trabalha de forma orientada para localizar cadeias de seqüências C (consangüíneas) e A (afinais), e organiza os “módulos”. Quando os “percursos” são identificados a MaqPar os classifica em onze módulos, de acordo com as seqüências de consangüíneos e afins, que correspondem aos “anéis”, que são figuras de rede localizadas pela MaqPar.

Os anéis classificados em seis ciclos correspondem o número de seqüências consangüíneas e afinais. Cada anel é fechado pela ligação da primeira pessoa com a última, ou seja, entre os cônjuges.

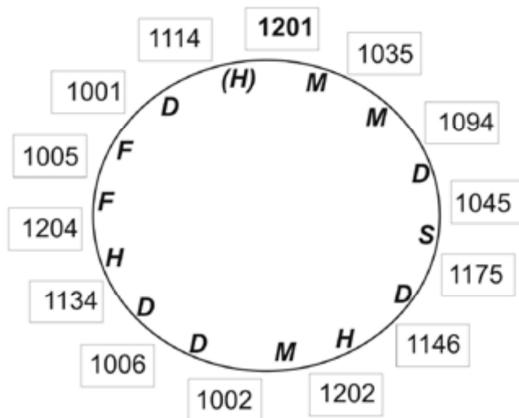
Abaixo, a tabela com os percursos em módulos, auxiliar na compreensão dos anéis.

Módulo	Cadeia de Sequências
1C	Consg1
2CA	Consg1+Afim1
2AC	Afim1+Consg1
3CAC	Consg1+Afim1+Consg2
2CAA	Consg1+Afim1+Afim2
2AAC	Afim1+Afim2+Consg1
3ACA	Afim1+Consg1+Afim2
3CAAC	Consg1+Afim1+Afim2+Consg2

⁷² Como já explicou muito bem MAIZZA (2009): “[...] permite visualizar todos os percursos possíveis entre um indivíduo e seu cônjuge, com as seguintes informações: sexo de Ego e de Alter; a cadeia de indivíduos de Ego e Alter (“percurso”); a seqüência de conexões primárias nos percursos Ego/Alter (denominado de “parente”); a seqüência de distâncias geracionais de cada etapa (denominado de ger-seq”); a seqüência de afastamentos laterais (denominado de “lat-seq”); o número total de conexões primárias(denominado de “cnx-tot”). MAIZZA, Fabiana. 2009:147.

4CACA	Consg1+Afim1+Consg2+Afim2
4ACAC	Afim1+Consg1+Afim2+Consg2
5CACAC	Consg1+Afim1+Consg2+Afim2+Consg3+Afim3

De acordo com os autores, a introdução destes critérios de seleção dos percursos usado pela MaqPar, “construiu um mecanismo eficaz de reconhecimento das figuras que denominamos de anel”.Um anel, segundo a definição dos autores, constitui em: “[...] um *caminho* fechado ou circular. Para identificar os anéis de uma rede, como já dissemos, a MaqPar seleciona os percursos em que o primeiro indivíduo é um cônjuge do último” (Silva e Dal Poz, 2009).No exemplo abaixo, baseado na rede waimiri-atroari, cujo indivíduo 1201 é casado com o 1114, é possível visualizar o anel gerado pela MaqPar. Nestes anéis a letra abaixo do número do indivíduo estão relacionadas a posição de parentesco em relação ao primeiro indivíduo na notação inglês (Ex: MMD, mãe da mãe da filha).



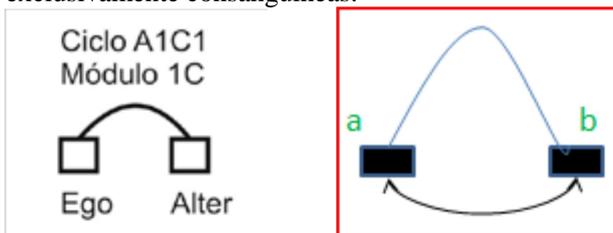
Veremos a seguir os anéis encontrados pela MaqPar referentes à rede empírica da Costa da Lagoa. Antes disso, farei aqui um resumo baseado no texto de Silva e Dal Poz(2009) para em seguida, abordar os dados referentes à minha pesquisa.

De acordo com os autores, os ciclos que vimos na tabela anterior correspondem à uma classificação dos anéis considerando a

quantidade de A (afins) ou C (consangüíneos) que ele comporta em seu percurso. Para os eles:

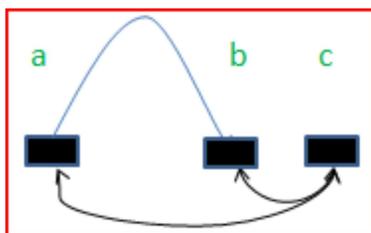
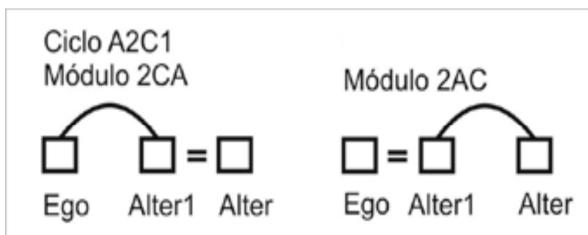
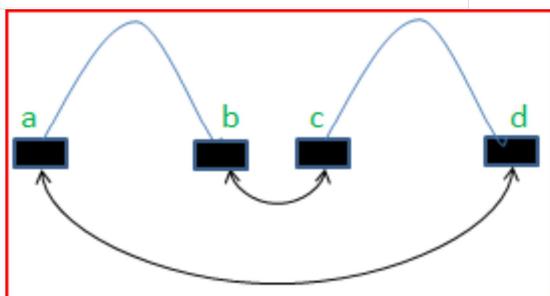
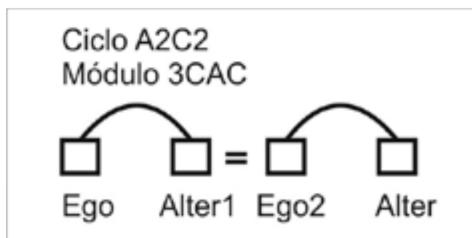
“Assim, um ciclo AxCy representa uma classe de anel composto por x seqüências afinas e y seqüências consangüíneas. Os anéis de relacionalidade inventariados por MaqPar são as figuras de rede que entendemos sejam interpretáveis nos horizontes da teoria lévi-straussiana do parentesco. Considerando as seqüências consangüíneas e as seqüências afinas de que se compõem (no máximo, três de cada tipo), os anéis podem ser classificados em seis ciclos distintos: A1C1, como os enlaces consangüíneos; A2C1 e A2C2, como os redobramentos de aliança de consangüíneo, e A3C1, A3C2 e A3C3, como os redobramentos de aliança de afim.(Silva e Dal Poz: 2009)”

Seguem abaixo, as figuras correspondentes a cada um dos anéis juntamente com breves explicações. No entanto, adiantando um pouco algumas informações, na minha pesquisa, alguns anéis não foram encontrados dadas as características da rede empírica analisada, a dos moradores da Costa da Lagoa. Iniciamos com o anel A1C1, que é um ciclo isômero (com o mesmo número de seqüências) e que recupera relações exclusivamente consangüíneas:

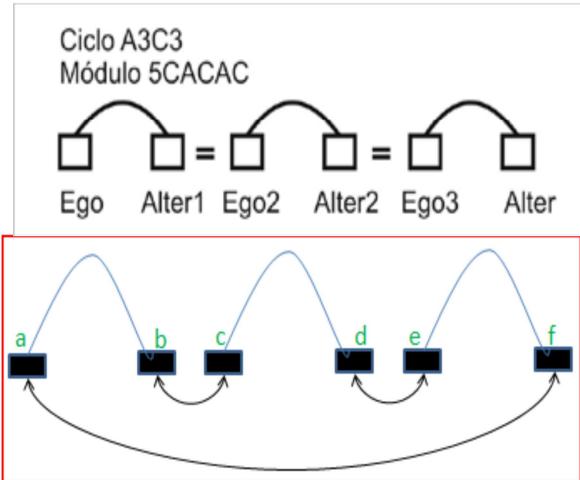


Já os anéis A2C1 e A2C2, são reencadeamentos de aliança de um consangüíneo. Sendo o anel A2C1 um anisômero, ele geralmente

indica a repetição do casamento de um consangüíneo com a mesma pessoa que um consangüíneo seu já casou, como por exemplo, o levirato ou a poliginia sororal. Além disso, a ausência dos anéis anisômeros significa primordialmente que não há de separações e novos casamentos.



A última seqüência de anéis, que correspondem aos anéis A3C1, A3C2 e A3C3, são o redobramento da aliança de um afim, ou, como bem resumiu MAIZZA(2009):”[...] onde o Ego repete o casamento de um afim ou, em outras palavras, casa com um afim de um afim[...]



4.2- A rede da Costa da Lagoa na MaqPar

Até agora foram apresentados os conceitos da MaqPar, assim como a lógica pela qual este programa localiza e organiza os dados genealógicos. Daqui em diante, iremos nos ater apenas nas análises realizadas pela MaqPar nesta rede.

O universo analisado pela MaqPar foi de 425 pessoas, todas moradoras da Costa da Lagoa. O número total de casamentos neste conjunto foi de 130. Destas uniões, 77% ocorrem dentro da Costa da Lagoa, 10% com moradores do bairro do Rio Vermelho, 2% residem na Barra da Lagoa e 11% referem-se aos residentes de outros bairros, cidades ou até mesmo países.

Dos 104 homens, 73 deles casaram-se e moram na vila em que nasceram. Entre as 94 mulheres, apenas 22 permaneceram na mesma vila que nasceram. 42% das mulheres realizaram uma união dentro da

mesma vila ou família (matrilocal)⁷³, enquanto 70, 2% dos homens realizaram casamentos na mesma vila ou família (patrilocais). Dos indivíduos com filiação identificada – pai e mãe -- 300 constam com pai e mãe. 302 indivíduos aparecem apenas com o pai e 309 apenas com a mãe. Os indivíduos com os quatro avós somam 98, os que identificaram os avós do lado paterno somaram 166 e 189 identificaram apenas os avós maternos.

A rede total da Costa da Lagoa, os 425 indivíduos do levantamento genealógico, a “rede total”, foram transformadas graficamente pelo programa Pajek a partir de dois programas, a MaqPar e o Puck. A primeira figura, que segue abaixo foi realizada pela MaqPar, mostrando a “rede total” do levantamento genealógico feito na Costa da Lagoa, obedecendo o critério de gerações:

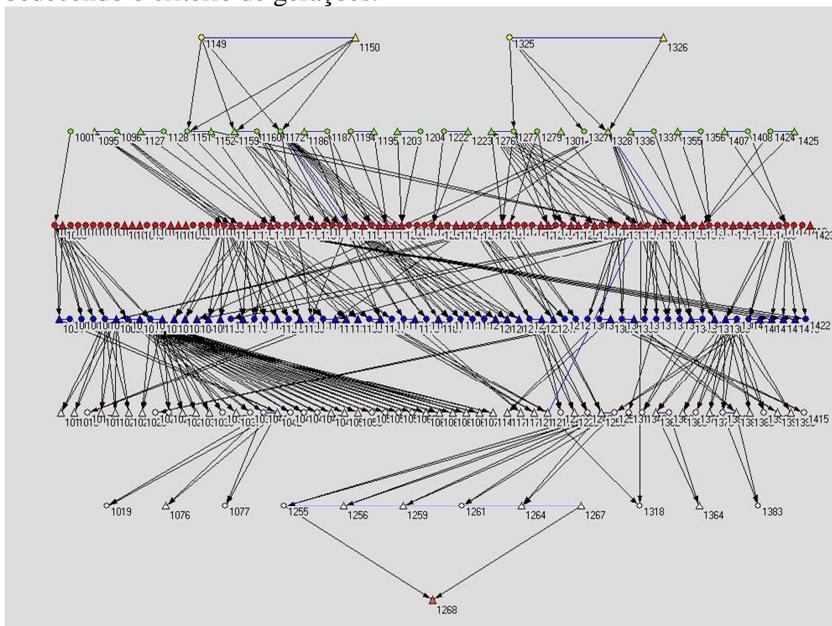


Figura24: Rede total da Costa da Lagoa ordenada por gerações.

Nesta imagem, é possível observar seis gerações, que nos dá idéia da profundidade da memória genealógica dos moradores do local.

⁷³ Ao usar os termos “matrilocal”, “patrilocal” e “virilocal”, estou falando essencialmente de residência. Quando abordo estes mesmo termos ao falar dos anéis, estou usando os mesmos termos para residência e linha de ascendência.

No entanto, considero o próximo gráfico -- gerado através do Puck -- mais esclarecedor das questões que estamos tratando desde o início deste trabalho. Ele também torna mais evidentes os anéis, sobre o que tratarei a seguir.

O gráfico abaixo pode iluminar a reflexão anterior sobre o conceito de família na Costa da Lagoa. Neste gráfico podemos compreender a noção bastante corrente na Costa da Lagoa de que todos os moradores são de alguma forma pertencentes e uma mesma família. Este gráfico também nos ajuda a compreender melhor a rede de auxílios entre os parentes e as ligações entre os núcleos familiares.

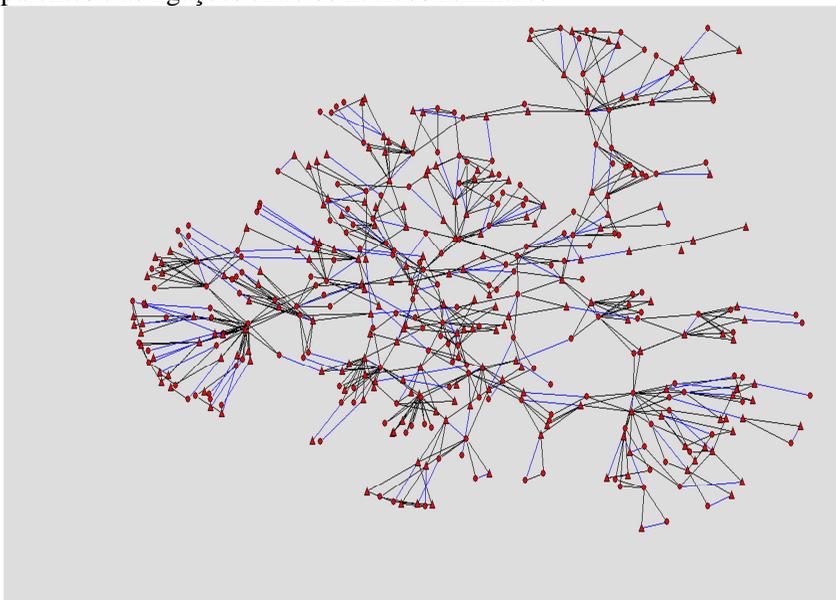


Figura25: Imagem do Pajek da rede total da Costa da Lagoa sem ordenar por gerações.

Além dos gráficos, a varredura da MaqPar , mostrou que na rede empírica da Costa da Lagoa temos:

Percursos	16.714
Vértices	265
Implexos	950
Anéis	5.627

Do total de anéis encontrados pela MaqPar, os A2C1,A3C1 e A3C2 se não são nulos, são, com certeza inexpressivos. A ausência destes anéis indica alta estabilidade matrimonial, ou seja, poucos casos de uma segunda união. Na tabela abaixo, estão todas as varreduras de anéis, distribuídos da seguinte forma:

A1C1	20
A2C1	2
A2C2	335
A3C1	0
A3C2	2
A3C3	5338

Ainda, para auxiliar observação de como se dá a distribuição dos anéis da rede do levantamento genealógico feito entre moradores da Costa da Lagoa, fizemos este gráfico abaixo:

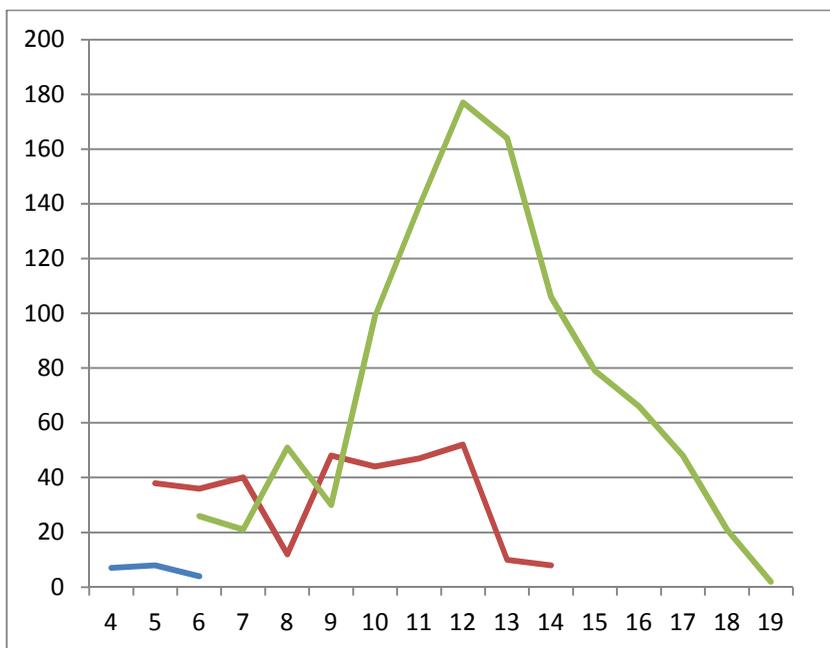


Gráfico 1: Distribuição quantitativa dos anéis na rede empírica do levantamento genealógico da Costa da Lagoa.

4.2.1 Os Anéis: A1C1

Encontramos 20 anéis⁷⁴ que correspondem a sete casos de uniões A1C1(casamentos). Os anéis do tipo A1C1 geralmente indicam um enlace consanguíneo. Nas sete uniões como A1C1, quatro delas são repetições (redobramentos) de alianças dos pais/parentes. Importante observar que o anel A1C1 que corresponde ao casamento número 120 - Diogo e Jussara - trata-se dos pais de Antônia, cujo casamento também é um A1C1 (o de número 19). O segundo caso, referente ao casamento número 86, Tadeu e Ivone, são avós da esposa do casamento número 3.

Se nos recordarmos do capítulo anterior, Ivone é a pessoa que conta sobre a proibição do casamento dela, que não era do gosto do pai dela, pois o marido escolhido era, ao mesmo tempo, primo e “moreno”. Os percursos encontrados pela MaqPar para esta união são: FWMDD:filha da filha da mãe da esposa do pai. 1328; 1327; 1325; 1277; 1329).O percurso encontrado mostra a ligação entre os cônjuges que são filhos de duas irmãs, cuja ligação central (1325) é a avó materna em comum.

A neta de Ivone, Paula, tem o seguinte percurso⁷⁵: FFMMDSSD - filha do filho do filho da filha da mãe da mãe do Pai do pai (1016; 1009; 1251; 1277; 1325; 1327; 1328; 1134; 1017) No caso de Paula, a MaqPar identificou no seu percurso primeiramente o fato dela ser casada com um rapaz que é irmão da esposa do seu irmão (BWB), ou seja, uma troca restrita⁷⁶, um casamento entre dois casais de irmãos. Além disso, em outro percurso identificado pela MaqPar, a bisavó de Paula é também a tia do seu sogro.

⁷⁴ Apesar de 20 anéis, a MaqPar faz a varredura por percursos diferentes, considerando o mesmo casamento em relação a cada um dos parentes mais de uma vez.

⁷⁵ Para ser econômica, utilizo aqui os percursos mais longos encontrados pela máquina já que eles revelam a maior parte dos parentes que formam o ciclo A1C1. No entanto, cabe lembrar que para cada união existem ao menos dois percursos possíveis já que se trata de um anel, que pode ser lido a partir de qualquer ponto da circunferência.

⁷⁶ Utilizo os termos Troca restrita e troca generalizada (e orientada) baseada na teoria de Lévi-Strauss. De acordo com o autor: “Descobrimos uma fórmula de troca mais ampla do que aquela à qual este nome tem sido até agora dado. Ao lado, e ademais, a troca entendida em sentido restrito - isto é, em que atuam exclusivamente dois parceiros - é possível conceber, e ele existe, um ciclo menos mediatamente perceptível, precisamente porque recorre a uma estrutura de maior complexidade. É a este que damos o nome de troca generalizada. (Lévi-Strauss, 2009:277)”

Esta varredura da MaqPar torna claras de que modo, através de que relações de parentesco os cônjuges estão ligados entre si, o que não seria identificável a olho nu. No segundo caso mencionado anteriormente, Jussara e Diogo, casamento 38, são os pais de Antônia, casada com Ednei. A união de cada um desses casais também configura um anel A1C1. Vejamos. O primeiro casamento, de Jussara e Diogo, corresponde ao seguinte percurso: FMDD - filha da filha da mãe do pai (1042; 1004; 1002; 1010; 1041). Pela MaqPar Jussara e Diogo são primos cruzados patrilateral. A união deste casal, diferentemente do casamento de Ivone, não apresentou nenhuma resistência por parte da família. Muito pelo contrário, quando a mãe de Jussara, se refere à união da filha é sempre de forma elogiosa. Este é mais um dos casos, como descrito no capítulo III em que a residência é preponderante para a aceitação do casamento entre parentes.

O casamento da filha de Jussara e Diogo, Antônia, casada com Ednei corresponde ao casamento de número 19. O percurso desta união é: MFDDD- filha da filha da filha da mãe do pai (1078; 1008; 1003; 1010; 1041; 1077). Neste caso, Antônia é bisneta da avó materna de seu cônjuge, o que o torna seu primo em 2º grau pelo lado matrilateral. Tal como o casamento dos pais de Antônia, este também é um casamento “bem visto” pela comunidade.

Já nos outros três casamentos A1C1 não existe nenhuma conexão entre eles, ou melhor, repetição (replicação) de aliança na mesma família. Ou seja, cada um dos três A1C1 restantes são únicos – ao menos dentro da análise da MaqPar e ao alcance do nosso levantamento - dentro de suas respectivas famílias. São famílias que, até onde o levantamento genealógico alcança não se uniram antes.

O casamento número 38, cujos cônjuges são Maciel e Samanta apresenta o seguinte percurso: MFMMSD – filha do filho da mãe da mãe do pai da mãe (1171; 1306; 1300; 1151; 1149; 1159; 1170) Neste caso, o percurso mostrou que os cônjuges compartilham os mesmos bisavós, sendo seus avós irmãos. Samanta é parente de Maciel pelo lado paterno e Maciel de Samanta pelo lado materno.

Outra união A1C1, de Amadeu e Sabrina, cujo casamento corresponde ao número 22, mostra o seguinte percurso: MMDD – filha da filha da mãe da mãe (1116; 1099; 1096; 1106; 1117). Esta união é entre primos paralelos matrilateral, de 1º grau. Os cônjuges compartilham a mesma avó materna, sendo as suas mães e sogras, irmãs entre elas.

Finalmente, a última união A1C1, diz respeito ao casamento 42, de Nadia e Maurí. O percurso desta união é MFSD – filha do filho do pai da mãe (1181; 1188; 1186; 1173; 1180). Os cônjuges são primos cruzados matri (para o marido) e patrilateral (para a esposa) de 1º grau, compartilham o mesmo avô. Para Nadia, Gaspar é seu primo por parte de pai; para Gaspar, Nadia é sua prima matrilateral. Esta união, que atualmente não existe mais, é aquela que, como visto no capítulo anterior, cujo pai era seu Eugenio cuja filha fugiu e logo teve que voltar para casa. União que, desde o namoro era desaconselhada pelos pais.

4.2.2 Os Anéis: A2C2

Diferentemente dos anéis A1C1 os quais abordamos um a um, os anéis A2C2 no total de 335, serão tratados a partir de casos escolhidos. Também, os anéis A2C2 tal como os A1C1 envolvem a troca restrita orientada, mas contemplam maior número de afins e de consangüíneos no percurso.

Além disso, e retomando um pouco o início deste capítulo, a MaqPar está orientada para trabalhar a partir da teoria dos Grafos, que indica vértices e arestas para a ligação entre diversos pontos. Como os anéis do ciclo A2C2 comportam mais ligações entre pessoas e relações, estes anéis - e também os do tipo A3C3 -- permitem-nos construir redes gráficas, geradas pela orientação dos grafos, e “desenhadas” no Pajek.

Desta forma, antes de analisar os casos de anéis A2C2, apresento a forma gráfica da rede empírica que concerne aos anéis A2C2, no programa Pajek:

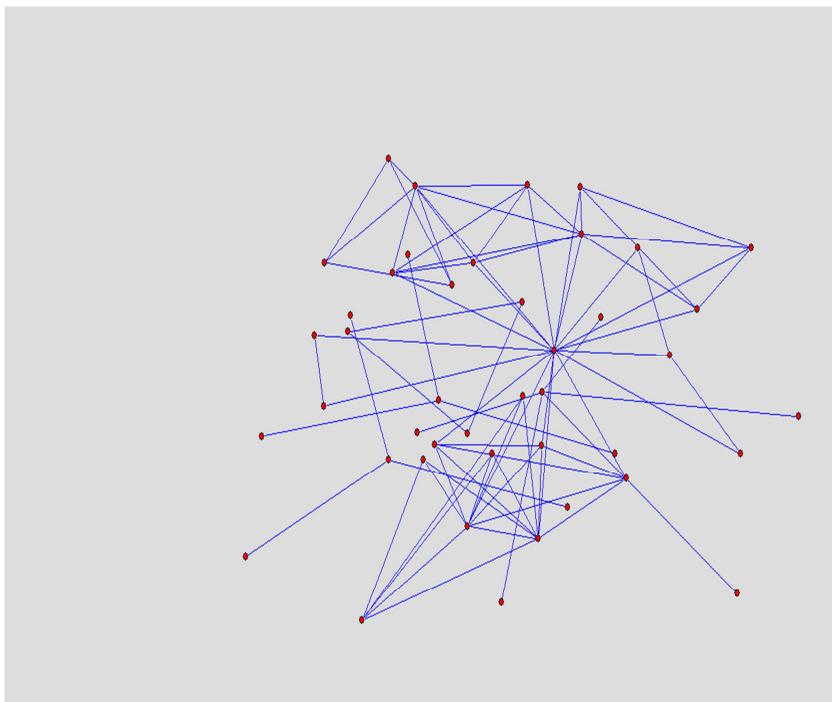


Figura26: Conexão entre os Anéis de A2C2 da rede empírica do levantamento genealógico na Costa da Lagoa. Imagem gerada pelo Pajek.

Na rede acima, cada ponto em vermelho significa um casal e todos estes casais representam uniões apreendidas pela MaqPar como anéis A2C2. As linhas em azul são as relações de consangüinidade entre os casais. É possível perceber que existem casais com apenas uma relação de consangüinidade e outros com mais de três. Ainda, o gráfico nos mostra que existem cônjuges que são centrais na rede, não apenas pelo seu posicionamento ao centro do gráfico, mas pela quantidade de ligações que mantêm com os demais casais.

Apesar dos 335 anéis de A2C2, apenas 30 deles representam uniões, ou seja, são anéis “verdadeiros”. Isso acontece já que em uma união podem existir diversos anéis a depender do percurso e dos indivíduos que a máquina usa para chegar a esta união.

Dos trinta anéis, foram escolhidos 12 como amostra para analisar cada um dos casos. Entre os 12 anéis, três deles são repetições -

- redobramentos de alianças -- de uniões realizadas por três irmãos. O primeiro diz respeito ao irmão mais velho desta família, que chamaremos de família “A”; o segundo anel da segunda irmã e por último, a união da irmã caçula desta família. São três irmãos em uma família de quatro filhos. Nos três casos, dois dos casamentos são trocas de irmãos, ou seja, o irmão mais velho (da família A) casa-se com a irmã mais velha (da família B) e a segunda irmã (A) com o irmão mais velho da família (B).

O primeiro anel é o que corresponde ao casamento entre 1130-1131. O número de implexo⁷⁷ é de 69 e os anéis gerados pelo percurso somam 12. O percurso desta união é 1130; 1106; 1095; 1103; 1414; 1415; 1306; 1300; 1151; 1150; 1172; 1131. Neste caso, a mãe de 1130, 1106, é filha do pai 1095 que tem outro filho, 1103, e o filho do irmão da mãe, 1414, é casado com 1415, uma mulher que é filha de 1306, cujo pai , 1300, é filho da mãe 1151, cuja mãe é o número 1149. 1149 é também mãe de 1172, que por sua vez é mãe de 1131, esta última casada com 1130. Simplificando, a união de 1130 e 1131 liga o anel pelo casamento dos seus primos, além do casamento dos seus irmãos não incluídos no percurso.

Já o segundo anel que, juntamente com o primeiro, diz respeito a uma troca de irmãos (irmão A casa com irmã B e irmão B casa com irmã A), corresponde ao casal 1141-1140. O número do implexo é de 72 e de 4 anéis. O percurso deste anel é 1141; 1172; 1150; 1151; 1300; 1306; 1415; 1414; 1103; 1095; 1106; 1140. O que liga este casal é o mesmo casal de primos elencados no anel anterior, ou seja, o casal 1414-1415 é o elo que liga este anel, assim como o anterior.

O terceiro anel, que é o da irmã da família A, que repete a aliança dos seus irmãos. No entanto, esta irmã não se casa na família B como os seus dois irmãos, mas, sim com alguém de outra família ligada igualmente a família dela A. O anel dela corresponde à união 1143-1142, tendo o número de implexo 74 e 26 anéis. O percurso desta união é 1143; 1008; 1003; 1012; 1035; 1036; 1099; 1095; 1106; 1142. Neste caso, 1143 é filho da mãe 1008, que é irmã, por parte do pai 1003, de 1012. Esta tia tem uma filha que é 1035, casada com 1036, cuja mãe é 1099, que vem a ser irmã de 1106, mãe de 1142, a esposa de

⁷⁷ Um implexo, de acordo com Silva e Dal Poz(2009) é: “(...)o conjunto de todos os anéis de um dado ciclo que passam pelo *mesmo* conjunto ordenado de cônjuges”.

1143. Novamente, são dois casamentos de primos que ligam este anel, sendo os primos do lado matri que trocam.

Apresento agora, anéis que não apresentam relação entre si, como no caso dos três anteriores. No entanto, os próximos anéis apresentados, foram escolhidos ou por seu destaque entre os demais anéis, ou pela sua forma, bastante comum aos outros anéis. Assim, apresento os anéis que representam grande parte dos A2C2 encontrados, evitando a repetição dos mesmos casos para anéis distintos -- e mostro também os casos do ciclo A2C2 que se diferenciam da maioria.

Entre os anéis encontrados, dois são muito particulares tendo em vista a união que os interliga. Na maioria dos anéis, o que interliga um anel A2C2 (lembrando, 2 consangüíneos, 2 afins) é a o casamento entre dois casais de primos. Contudo, como veremos adiante, existem anéis de A2C2 que fogem um pouco desta forma.

O anel que corresponde à união 1382-1381, com número de implexo 96 e 4 anéis, tem o seguinte percurso 1382;1309;1394;1393;1360;1381. Este percurso mostra que 1382 é irmão de 1394, outro homem, e que ambos são filhos do mesmo pai, 1309. 1394 é casado com 1393, filha de 1360, mãe de 1396, casada com o homem 1382 que é irmãos de 1394. O que temos aqui é troca de irmãos. Ou seja, a família D tem dois filhos homens que se casam com duas filhas da família E.

No anel 1036-1035, cujo número de implexo é 50 e 4 anéis, temos o seguinte percurso: 1036; 1099; 1056; 1055; 1010; 1003; 1012; 1035, indicando que existe uma união de dois irmãos da família F com duas primas da família G. Este é o mesmo caso do anel 1028-1027, cujo implexo é 50, com 8 anéis e com o seguinte percurso 1028; 1099; 1056; 1055; 1010; 1002; 1012; 1027. Este percurso indica a união também de dois irmãos do sexo masculino com duas primas matri, como no anel anterior.

Entre os anéis menos encontrados, um deles é único. Trata-se da união 1276-1277, com número de implexo 94 e apenas 1 anel. O percurso da união é o seguinte: 1276; 1329;1328;1325;1277. Ou seja, trata-se da união de primos matri, cujos pais também realizaram esta mesma união, ou seja, como o primo matrilateral.

Os anéis mais comuns são bastante próximos do exemplo seguinte. O anel que corresponde à união 1109-1110, com número de implexo 61 e 26 anéis, cujo percurso é 1109;1099;1096;1106;1133;1134;1328;1325;1277;1329;1110.

Resumindo o caminho deste anel, o casal 1109-1110 é relacionado aos seus primos matrilaterais (a relação se dá entre homem da família H casa com mulher da família J, e homem família J com mulher da família H. Este é o mesmo caso dos anéis que correspondem às uniões: 1018-1019; 1253-1254;1268-1126, entre outros anéis.

Com os anéis A2C2, foi possível observar uniões que representam trocas entre famílias, que podemos chamar de trocas simétricas (no caso das trocas entre irmãos e primos de sexo cruzado). Ainda, a análise mostra que o redobramento de uma forma de aliança acontece em uma mesma família, ou seja, quase todos os filhos de um casal casam-se com seus primos. Entre estes casamentos entre primos, dois casais configuram trocas restritas entre duas famílias, ou seja, trocam irmãos que também são primos ou encontram-se ligados igualmente pela união anterior de seus primos. Mas, como também pudemos entender, a repetição da aliança de um primo é o caso mais comum das uniões classificadas no ciclo A2C2.

4.2.3 Os anéis A3C3

A imagem abaixo, gerada pelo PAJEK, fora criada a partir das uniões que correspondem ao ciclo A3C3. Todos os casamentos considerados A3C3 aparecem nesta imagem assim como a respectiva relação deles com outras uniões também caracterizadas como A3C3.

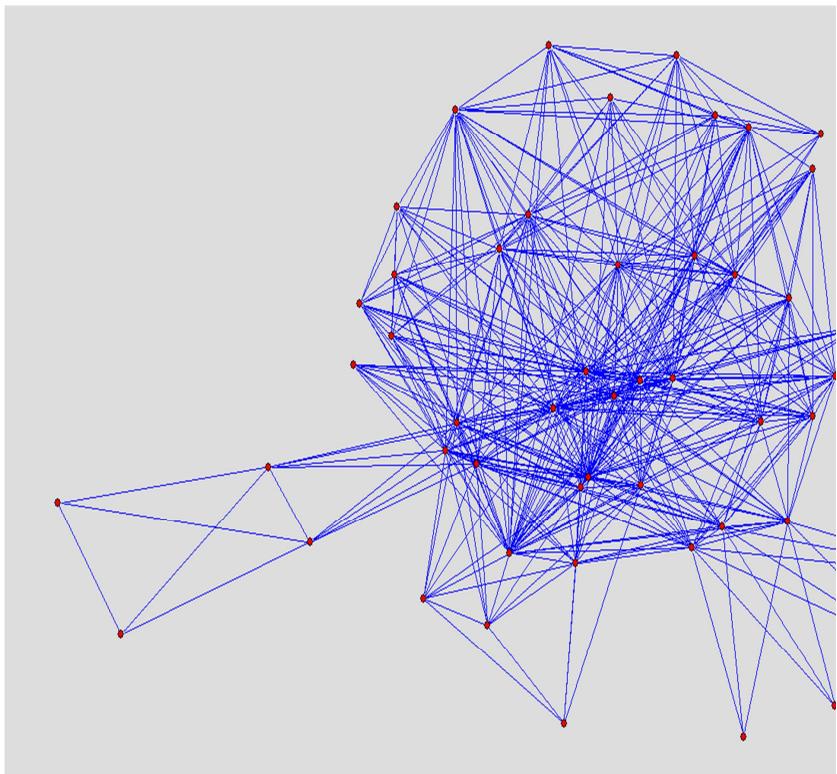


Figura 27 Conexão entre os anéis A3C3. Imagem gerada pelo Pajek.

Os 5.338 anéis encontrados no ciclo A3C3 correspondem a 39 uniões. Entre as 39 uniões caracterizadas como A3C3, apenas 9 delas não aparecem em outros ciclo (A1C1 e A2C2). As outras 30, estão também em outros ciclos. Isso não quer dizer exatamente que estes anéis que aparecem como repetidos são “falsos” ou “buracos”. O que ocorre em realidade é que a MaqPar pode identificar diversos percursos, ou

anéis -- esses anéis são chamados de implexos -- para uma mesma união.

Como vimos nos anéis do ciclo A2C2, se existe a troca de irmãos entre duas famílias, o que a MaqPar identificou foi a aliança entre 2 consangüíneos e dois afins, e o percurso dessas uniões. Obviamente, se existe este tipo de união, ao programar para encontrar mais um afim e mais um consangüíneo, a MaqPar encontra nestas uniões diversas possibilidades que as transportam também para o ciclo A3C3.

Assim, optando pelo caminho mais econômico é que as uniões caracterizadas anteriormente como do ciclo dos anéis A2C2 permanecerão apenas com a análise de A2C2, e não analisando como ciclo A3C3. Isso não quer dizer, como ressaltai anteriormente, que estes anéis deixam de ser considerados A3C3, e sim, que uma mesma união pode ser configurada pela MaqPar como A2C2 e, ao mesmo tempo, A3C3.

Portanto, serão analisadas caso a caso, apenas as uniões que correspondem aos anéis do ciclo A3C3 e não localizadas nos outros ciclos. Entre as nove uniões A3C3, todas referem-se à troca de primos ou à troca entre irmãos de três famílias distintas, formando três casais.

Na união que corresponde aos pares 1044-1043, cujo percurso é 1044; 1328;1134;1133;1106;1095;1099;1056;1010;1043 temos a ligação entre os cônjuges através dos irmãos. 1044 é irmão de 1134 – dois homens - e chamaremos este par de famílias L. O rapaz 1134 casa-se com uma moça da família que chamaremos de H e o irmão dela, casa com uma moça que corresponde a família N, e a irmã dela, também da família N, se une ao 1044, da família L.

O segundo anel, referente à união 1129-1106 corresponde a outro caso. O percurso deste anel é 1129;1133;1134;1328;1325;1277; 1251; 1253;1255; 1268; 1126; 1099;1096. Este anel indica a união entre dois primos homens da família M, com duas primas da família Y. Este anel é a união mais comum encontrada pelo anéis A3C3.

E finalmente, ainda nas trocas entre primos, o terceiro exemplo diz respeito à união entre primos com distâncias I, II⁷⁸. Este é o caso do anel que corresponde à união 1103-1409. O percurso deste anel é 1103;1095; 1106;1133;1134;1329; 1276;1299;1306;1415;1414;1409. Este anel é interligado por três uniões. Na família P, a moça se casa com

⁷⁸ As distâncias, como I e II, são “equivalentes” aos graus de parentesco e ordens de seqüências consangüíneas. Ex: Primo de 1º grau equivale ao I.

um rapaz da família Z que é primo II da moça que se casa com o primo da esposa de Z, sendo este rapaz da família P.

4.3 Trocas e Fuga

As alianças mostradas através dos anéis foram realizadas através da fuga matrimonial. Como pudemos notar, algumas delas sugerem uma troca bastante restrita, envolvendo troca de irmãos ou de primos. Ainda, se pensarmos que as trocas acontecem dentro do mesmo bairro e entre famílias que são aparentadas, como mostramos no início deste capítulo, podemos pensar também a troca entre vilas como trocas direcionadas.

Agora, pretendo demonstrar um pouco mais das trocas, sejam elas restritas ou generalizadas. Na tabela abaixo, está a distribuição de homens e mulheres entre as Vilas da Costa da Lagoa e outros bairros.

Vila Verde: (1)

Informações	Homens	Mulheres
Permanecem na vila	3	2
Vão para vila 3	3	1
Vão para vila 6	1	0
Vem da vila 3	0	1
Vem da vila 4	0	1
Vem de outros locais	0	1

Praia Seca: (2)

Informações	Homens	Mulheres
Permanecem na vila	30	20
Vão para vila 3	0	1
Vão para vila 4	2	5
Vão para vila 5	0	5

Vão para vila 6	0	3
Vão para outras localidades	4	2
Vem da vila 3	0	2
Vem da vila 4	4	4
Vem da vila 5	1	1
Vem da vila 6	1	0
Vem de outras localidades	1	1

Baixada(3)

Informações	Homens	Mulheres
Permanecem na vila	7	12
Vão para vila 1	0	1
Vão para vila 2	0	2
Vão para vila 4	0	4
Vão para vila 5	1	0
Vão para outras localidades	2	0
Vem da vila 1	3	2
Vem da vila 2	0	1
Vem da vila 4	0	2
Vem da vila 5	0	1
Vem de outras localidades	0	0

Vila principal: (4)

Informações	homens	Mulheres
Permanecem na vila	33	20
Vão para vila 1	0	1
Vão para vila 2	4	4
Vão para vila 3	0	2
Vão para vila 5	0	1
Vão para vila 6	1	2
Vão para outras localidades	9	9

Vem da vila 1	0	1
Vem da vila 2	2	5
Vem da vila 3	0	4
Vem da vila 5	2	1
Vem da vila 6	3	4
Vem de outras localidades	3	4

Vila: (5)

Informações	homens	Mulheres
Permanecem na vila	16	9
Vão para vila 2	1	1
Vão para a vila 3	0	1
Vão para vila 4	2	1
Vão para vila 6	1	2
Vão para outras localidades	2	2
Vem da vila 1	1	0
Vem da vila 2	0	5
Vem da vila 3	1	0
Vem da vila 4	0	1
Vem da vila 6	2	2
Vem de outras localidades	0	1

Praia do Sul: (6)

Informações	homens	Mulheres
Permanecem na vila	20	14
Vão para vila 2	1	0
Vão para vila 4	3	4
Vão para vila 5	2	2
Vão para outras localidades	5	4
Vem da vila 1	1	0
Vem da vila 2	1	0

Vem da vila 4	1	2
Vem da vila 5	1	2
Vem de outras localidades	0	5

Para melhor compreensão, os dados da tabela acima estão sistematizados no infográfico abaixo:

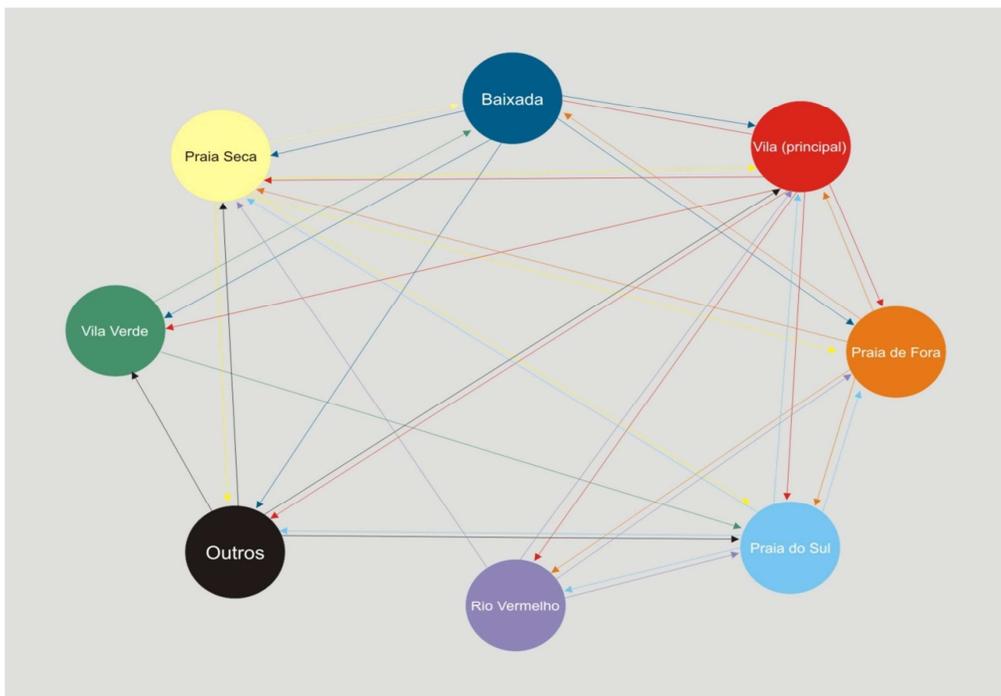


Figura 29: Infográfico das uniões na Costa da Lagoa

Com as análises realizadas com o auxílio da MaqPar foi possível observar, primeiramente, que a maior parte das uniões acontecem entre as Vilas da Costa da Lagoa, ou seja, dentro da “comunidade”. Nas uniões com pessoas de outras localidades, o Rio Vermelho aparece como preferencial no sistema de trocas⁷⁹

⁷⁹ Neste ponto, é importante lembrar o que diz Lévi-Strauss :” A regra da exogamia, que determina as modalidades de formação desses pares, confere-lhes caráter definitivamente social e cultural, mas o social poderia não ser dado senão para ser, logo em seguida,

matrimoniais. Igualmente, é considerável o número de pessoas que se casam ou com algum parente ou com um parente de seu parente, o que chamamos aqui de redobramento de aliança.

Parte dos casamentos que reconhecemos através da análise como A1C1 e A2C2, seriam no caso do Rio Vermelho, como descrito no capítulo 3, uniões “mal vistas” pela comunidade do Rio Vermelho. Na Costa da Lagoa, a maioria destas uniões não é considerada perigosa, a menos que o parente com que se contrai uma aliança more na mesma família. A nossa hipótese, até então, é a de que a fuga possibilita uniões entre pessoas consideradas parentes próximos, seja do ponto de vista da igreja ou de moradores de outras localidades, tal como os do Rio Vermelho. É possível perceber que muitas das uniões analisadas são deste tipo.

No entanto, o que denomino de desconstrução de parentes, diz respeito à anulação do parentesco próximo para os parentes matrilaterais. Assim, pode-se pensar que a fuga além de viabilizar a união entre parentes, o que sempre foi condenado pela igreja (a intensidade dessa condenação variou na história), e que é temido pelos vizinhos da “comunidade” da Costa da Lagoa. Mas, a fuga parece ter ainda um outro papel e agora para os membros dessa comunidade chamada Costa da Lagoa: distinguir entre o conjunto de tantos parentes quem são e quem não são os casáveis. Ou seja, através da fuga se pode perceber também como, dentro de um conjunto definido genericamente como parentes, os moradores da Costa classificam quem é mais e menos parente, portanto, quem é mais ou menos casável.

fragmentado. Este perigo é evitado pelas formas mais complexas de exogamia, como o princípio da troca generalizada, e também as subdivisões das metades em secções e subsecções, onde grupos locais, cada vez mais numerosos, constituem sistemas indefinidamente mais complexos.(Lévi-Strauss, 2009:522)”

Considerações Finais:

A flor da renda de bilro é a parte mais visível da renda. No entanto, para que esta flor seja formada, cada pétala é tecida separadamente e cerzida uma à outra de forma bastante cuidadosa. As flores da renda são ligadas umas às outras por inúmeros fios que bem trançados conseguem interligar as flores e as outras correntes da renda. A fuga é como uma pétala da renda, que depende de inúmeros fios para existir.

Como vimos neste trabalho, a fuga apresentou-se como a forma preferencial de casamento na Costa da Lagoa. Apesar de não excluirmos totalmente as explicações que pensam a fuga através da manutenção da honra familiar ou como alternativa à falta de recursos financeiros para prover um dote que pode estar representado nas festividades do casamento, a idéia de que a fuga possibilita contornar interditos é bastante forte. Se na pesquisa anterior, realizada no bairro do Rio Vermelho, a fuga aparecia como uma possibilidade às uniões entre primos, na Costa da Lagoa ela segue outros caminhos, os quais, em sua essência, pouco diferem dos do Rio Vermelho.

Da mesma forma que a fuga apareceu como principal forma de união, a fuga entre parentes – ou, se quisermos a união matrimonial entre parentes -- e entre os “nativos” (os da Costa da Lagoa), se mostrou preferencial. Seja através das falas dos moradores ou da análise realizada com a MaqPar, percebemos que as uniões entre primos, e uniões entre várias gerações das mesmas famílias (redobramento de aliança) são bastante recorrentes. As uniões matrimoniais entre parentes, no Rio Vermelho e, como vimos, também para a igreja, eram uniões não tão bem vistas. Contudo, entre as uniões realizadas pelos moradores da Costa da Lagoa pudemos perceber que algumas são mais aceitas que outras principalmente, aquelas que vão de acordo com a regra de residência local. A fuga, assim como a vida de forma geral dos moradores dessa comunidade, depende dos arranjos de parentesco que vão além do parentesco dado por consangüinidade e pela aliança.

Ser parente na Costa da Lagoa é bastante relativo. O parentesco é construído e desconstruído a cada geração, através de princípios que perpassam as escolhas de residência, comensalidade e convivialidade. Além disso, seja através da visualização das redes reveladas pela

MaqPar, ou através das falas dos moradores que indicam que na Costa “todos são parentes”, existem sensíveis camadas de parentesco que encontram-se articuladas diretamente ao cotidiano dos seus moradores. É a partir das redes de parentesco, que se tornam também redes de auxílio, que os trabalhos são organizados. Esta rede de auxílio e parentesco torna-se mais complexa aos nossos olhos à medida que observamos que todas as esferas da vida na Costa da Lagoa são organizadas por ela. Nesta rede, é organizado desde o trabalho nos restaurantes, nas cooperativas de barco, no turismo e festas, até a esfera particular, que envolve os cuidados com as crianças com os idosos e os reparos em uma residência.

São as redes de parentesco, geradas e reafirmadas pelo casamento que permite continuar vivendo entre parentes, que fornecem segurança para os moradores. É nesta segurança, que pode ser traduzida pela categoria conhecimento, que talvez possamos pensar a economia de trocas matrimônias, sejam elas entre as vilas e famílias ou até mesmo com os bairros vizinhos, onde estão as “famílias conhecidas” nas quais um companheiro(a) poderá ser encontrado. Ao mesmo tempo, é esse conhecimento que pode tornar uma união perigosa, porque aproxima em demasia, porque é mais do mesmo.

É através do “conhecimento” que a construção de parentes opera. Idealmente, a união menos apreciada seria entre primos paralelos patrilaterais, os quais teriam entre si uma profunda convivência: desde que nasceram são vizinhos, cresceram juntos, compartilharam alimentos. No entanto, é a escolha da residência que “posiciona” e transforma os parentes- e conseqüentemente as uniões- dos quais se deve manter distância, como nos casos de replicação de alianças, em que, por exemplo, duas irmãs, casam-se com dois irmãos. Além disso, as famílias com poucos homens também recebem os maridos das filhas em suas terras. São estas dinâmicas e arranjos que, a cada geração, tornam pessoas mais e menos parentes, aproximando-as e distanciando-as de modo a permitir ou não um casamento.

A partir das dinâmicas observadas, tanto as que constroem parentes como as que os unem, pode-se perguntar se a troca matrimonial também faz parte desta construção e desconstrução a cada geração. Ora, percebemos que a troca em algumas famílias e vilas dá-se de forma restrita e em outra vila ou geração, a troca aparece generalizada orientada. Ainda, ao analisar uma única família, percebemos que ali

operam dinâmicas diferentes de troca, sempre obedecendo aos requisitos do “conhecimento” e logo, da residência. Estas são questões ainda não respondidas, que merecem ser mais investigadas em trabalhos futuros.

Ainda, como vimos ao longo deste trabalho e igualmente na pesquisa sobre a fuga no Rio Vermelho, a fuga parece estar em desuso nas últimas décadas. Talvez, esteja apenas se transformando. Se fugir era o casamento dos antigos, morar junto é o casamento dos jovens. E, ao que tudo indica os princípios que estabelecem o parentesco entre dois indivíduos continuam baseados no conhecimento, resultado de uma convivência longa e intensa. Os casais dos longos namoros e, os jovens que optaram por morar junto optaram também por namorar/morar com um “nativo” da Costa da Lagoa, de preferência um parente, mas que não seja seu vizinho de porta ou com muito “conhecimento”.

Referências Bibliográficas

AREND, Sílvia Fávero. **Amasiar ou Casar? A Família popular no final do século XIX**. Porto Alegre:UFGRS, 2001.

BORGES , Elaine; SCHAEFER, Bebel Orofino. **Vozes da Lagoa**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes e Fundação Banco do Brasil, 1995.

BRUNN,Daniela.**Ratoeira bem cantada, manifestação popular**. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero, Agosto , 2006.
http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/D/Daniela_Bunn_56.pdf

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CARSTEN, Janet (org). **Culture of relatedness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DAL POZ, João. & SILVA, Marcio F. **Pequeno guia de referência da Máquina do Parentesco**. São Paulo: Mimeo, 2009.

DA MATTA, Roberto. **Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

FANTIN, Marcia.**Cidade Dividida**. Florianópolis: Futura, 2000.

FARIAS, Vilson Francisco. **São José: 250 anos: natureza, história e cultura**. São José:Ed Autor, 1999.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **Nós não somos de origem: populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do sul do Brasil (1780-1960)**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis TESE(Doutorado) , 2006.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra:etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.**Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2000.

GIMENO, Silvia Inês Dufech. **Destino viaja de barco:um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização 1930-1990.** UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis, Dissertação(Mestrado), 1992.

GNACCARINI,J.C. **O Rapto das Donzelas.** São Paulo: USP(publicado em versão reduzida em Tempo Social 1(1), 1989.

GOODE, Willian J. **A Família.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.

HERITIER, Françoise. **Masculino Feminino. O pensamento da diferença.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

----- . **“Incesto”.** In: Enciclopédia EINAUDI. Lisboa:1989.v20.

HOFFMANN, Kaio Domingues. **O Campeiro e o comercial na música gaúcha: uma etnografia sobre concepções musicais na região metropolitana de Florianópolis.**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais . Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH-UFSC), 2007.

HUTCHINSON, Sharon Elaine.“*Identity and substance: the broadening bases of relatedness among the Nuer of southern Sudan*”.In: **Culture of relatedness.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KOHAYAKAWA, Y; WAKABAYASHI, Y. Uma Introdução Sucinta à Teoria dos Grafos.2009 In: <http://www.ime.usp.br/~pf/teoriadosgrafos/>.

LAMBERT, Helen. “ *Sentiment and substance in North Indian forms of relatedness*”. In: **Culture of relatedness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Editora Vozes 5ªed.2009.

LUPI, João Eduardo Pinto Bastos; LUPI, Suzana Maria; LOSEKANN, Maria Sandra. **São João do Rio Vermelho: memória dos Açores em Santa Catarina**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1989.

MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: Bruxas, bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MAIZZA, Fabiana. **Cosmografia de um mundo perigoso: Espaço e relações de afinidade entre os Jarawara da Amazônia**. TESE (Doutorado) UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Departamento de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2009.

PITT-RIVERS, Julian. **A Antropologia da Honra ou Política dos Sexos: ensaios de antropologia mediterrânea**. Barcelona: Crítica, 1979.

RIVERS, W.H. ‘**O método genealógico na pesquisa antropológica**’. In: A antropologia de Rivers. R. Cardoso de Oliveira(org) São Paulo: UNICAMP, 1991.

SAMARA, Erni de Mesquita. **A Família Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil Colonial**. São Paulo: EDUSP, 1984.

SILVA, Marineide Maria. “**Isso é feio**” “**Isso é bonito**”: **Casamento, fuga e honra em Ponta das Canas**. (Trabalho de Conclusão de Curso me Ciências Sociais) UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Florianópolis, 1994.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia**. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

TURNER, Victor. **Dramas Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society**. Ithaca/London: Cornell University Press.1974.

WIGGERS, Raquel. **“Sou daqui da Caieira da Barra do Sul”:** parentesco, família, casa e pertença em uma localidade no sul do Brasil. (Doutorado em Ciências Sociais) UNICAMP. Campinas, 2006.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen.F. **Fuga a Três Vozes**. Anuário Antropológico 91, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

ZONABEND, Françoise.“Por que nominar? Los nombres de las personas en un pueblo francés: Minot-en-Châtillonnais”. In La identidad, Seminário organizado por Lévi-Strauss, Claude,Ediciones Petrel, Barcelon, 1981.